



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

A Importância da Avaliação na Educação Pré escolar

Dalila Dulcínea Adriano Ribeiro

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em

Supervisão pedagógica

(2º ciclo de estudos)

Orientadora: Professora Doutora Maria Luísa Branco

Covilhã, Outubro de 2012



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

A Importância da Avaliação na Educação Pré escolar

Dalila Dulcínea Adriano Ribeiro

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em

Supervisão pedagógica

(2º ciclo de estudos)

Orientadora: Professora Doutora Maria Luísa Branco

Covilhã, Outubro de 2012

Dedicatória

Às minhas filhas, Patrícia e Filipa.

Agradecimentos

Um agradecimento especial à minha Orientadora, Professora Doutora Maria Luísa Branco, pelo apoio, encorajamento e disponibilidade sempre manifestados ao longo deste trabalho.

Às colegas educadoras pela disponibilidade e colaboração.

A todas as crianças.

Resumo

O presente estudo tem como objetivos conhecer a importância do que é o avaliar, o porquê avaliar, qual a finalidade da avaliação e o como avaliar na educação de infância. A importância dada à avaliação no pré escolar tem-se vindo a afirmar acompanhando a evolução da educação pré escolar.

O acolhimento de crianças começou por ser feito em instituições religiosas com o objetivo de colmatar as necessidades básicas das crianças mais carenciadas. Com a Revolução Industrial, e o facto de, em muitos casos, ambos os progenitores começarem a trabalhar fora de casa, sentiu-se a necessidade de criar respostas sociais mas também pedagógicas para as crianças, que começam a ser encaradas como seres humanos em desenvolvimento. Em Portugal, é de assinalar a criação do primeiro jardim de infância em 1882, a exigência de formação específica para os profissionais deste nível de educação e mais recentemente os normativos como as Orientações curriculares no ano de 1997, a Circular nº17/DSDC/DEPEB/2007 (Gestão do currículo na educação pré escolar), o Decreto-lei nº 75/2010 que procede à décima alteração ao Estatuto da carreira dos educadores de infância e dos professores dos ensinos básico e secundário e a Circular nº 4 /DGIDC/DSDC/2011 (Avaliação na educação pré escolar), a educação de infância ganhou relevo e credibilidade. Atualmente considera-se que existe, ao nível da educação pré escolar um ensino-aprendizagem que é necessário avaliar, não só para dar informação à educadora mas também para os pais/encarregados de educação compreenderem os progressos registados dos seus educandos.

Com os objetivos, citados anteriormente, foi realizado um estudo qualitativo com recurso a entrevistas semiestruturadas a 8 educadoras de infância de uma cidade do Interior Norte do país. Com base nos resultados obtidos concluiu-se que as educadoras de infância sempre avaliaram e avaliam as crianças usando instrumentos para o efeito. A grande parte das entrevistadas afirma que a formação inicial é insuficiente para se começar a trabalhar com um grupo de crianças. Existe um consenso no que diz respeito à importância da formação contínua, que devia de ser permanente, pois tudo está em constante mudança e a educação também. Atualmente as crianças têm à sua disposição um conjunto enorme de informação e é necessário saber trabalhar essa informação.

Palavras-chave: educação pré escolar; ensino-aprendizagem; currículo; avaliação;

Abstract

The presente study has got specific objectives in order to understand the importance of evaluation, why do we evaluate, what the purpose of evaluation in preschool education. The emphasis on Evaluation in preschool has been saying following the evolution of preschool education.

First the childcare began to be done in religious institutions in order to address the basic needs of the neediest children. After the Industrial Revolution and by the fact that, in many cases, both parents began to work outside their homes, it is felt the need not only to create social responses but also educational for children as they begin to be seen as developing human beings. In Portugal the first kindergarten was created in 1882 and the need for specific training appeared among the professionals of this level of education and recently the appearance of the normative curriculum guidelines in 1997, the Circular nº17/DSDC/DEPEB/2007 (Management Curriculum in preschool), Decree-Law nº75/2010 which is making the tenth amendment to the statute of the career of childhood educators and teachers of primary and secondary level and the Circular nº4/DGIDC/DSDC/2011 (Evaluation in preschool), the childhood education gained a lot of importance and credibility. At present it is considered that, at the level of preschool teaching and learning, there is a level which is necessary to evaluate not only to give information to the educatee but also for parents/guardians understand the progress of their children.

According to the objectives listed above, a qualitative study was conducted using semi-structured interviews to 8 childhood educators who come from a city in Inner North of the country. Based on the obtained results it was concluded that the childhood educators always evaluated and they go on evaluating children using instruments for this purpose. The most part of the respondents state that the initial training is insufficient in order to begin/start to work with a group of children. There is a consensus regarding the importance of a continuing education, which should be permanent, as everything is constantly changing and the same happens with education. At present children have access to a huge amount of information and it is essential to know how to work with that information.

Keywords: preschool education; teaching and learning process; curriculum; evaluation.

Índice

Capítulo 1	1
1 - Introdução.....	1
1.1 - A educação de infância.....	2
1.1.1 - Evolução do conceito de educação de infância	2
1.1.2 - O ensino pré escolar	3
1.1.3 - Formação dos educadores de infância.....	5
1.2 - O currículo na educação pré escolar	8
1.2.1 - O conceito de currículo	8
1.2.2 - Orientações curriculares no pré escolar	9
1.2.3 - A construção do currículo na educação pré escolar.....	11
1.3 - A avaliação no pré escolar	15
1.3.1 - Avaliação: conceito e tipos.....	15
Capítulo 2	17
2 - Estudo empírico	17
2.1 - Objetivos/Questões de investigação	17
2.2 - Caracterização do estudo	17
2.3 - Sujeitos.....	17
2.4 - Instrumentos/técnicas de recolha de dados.....	18
2.5 - Procedimentos	19
2.6 - Resultados	19
2.6.1 - A construção do currículo.....	19
2.6.2 - A planificação do ensino-aprendizagem.....	19
2.6.3 - Avaliação.....	20
2.6.4 - Atividades de ensino-aprendizagem valorizadas.....	21
2.6.5 - Importância da formação	21
Capítulo 3	22
3 - Discussão/Conclusão	22
3.1 - Conclusão	23

3.2 - Limitações do estudo	24
Referências.....	25
Anexos	28

Capítulo 1

1 - Introdução

Atualmente é reconhecido o papel que o jardim de infância ocupa no desenvolvimento global da criança, derivado à muita investigação realizada no âmbito das ciências da educação e de outras ciências sociais. Os estudos realizados vieram dar o lugar que de direito pertence à criança o de ser humano igual a outro, com direitos.

Na Lei nº49/2005 Lei de Bases do Sistema Educativo vem estipulado no artigo 5º, nº3 que a educação pré escolar começa aos 3 anos até ao ingresso no ensino básico ou seja, consagra a educação pré escolar como parte integrante do Sistema Educativo. Mais recentemente a Lei nº85/2009, de 27 de agosto estipula a obrigatoriedade da frequência da educação pré escolar aos cinco anos de idade, dando mais qualidade e credibilidade ao trabalho que realiza a educadora de infância como profissional no jardim de infância.

É neste contexto que surge o trabalho atual, uma vez que hoje em dia a educação de infância tem a avaliação como elemento integrante e ao mesmo tempo regulador da prática pedagógica. Pretende-se, deste modo, saber até que ponto a avaliação melhora a qualidade do processo de ensino-aprendizagem.

Assim, ao nível da organização este trabalho começa por fazer uma abordagem ao conceito de infância, como eram vistas as crianças até há bem pouco tempo. É focada a importância do pré escolar desde as primeiras Instituições religiosas até ao primeiro jardim de infância público, criado no ano de 1882 em Lisboa, durante o ano comemorativo do centenário de Froebel. Enquanto aquelas instituições estavam viradas para o social, os jardins de infância públicos já mostravam preocupação com a parte pedagógica da criança porque também começaram a aparecer as primeiras escolas particulares para a formação das educadoras de infância.

Dá-se especial atenção à construção do currículo no pré escolar, embora não exista um currículo específico como nos diferentes níveis do ensino básico, a educadora tem como referência as Orientações Curriculares onde existe uma “pedagogia estruturada, o que implica uma organização intencional e sistemática do processo pedagógico, exigindo que o educador planeie o seu trabalho,” (Ministério da Educação, 1997, p.18), a Lei nº5/97, de 10 de fevereiro (Lei-Quadro que estabelece objetivos para a educação pré escolar) e a Circular nº17/DSDC/DEPEB/2007 (Gestão do currículo-integra princípios e contribui para a organização curricular), onde a educadora fundamenta as suas opções pedagógicas.

No que diz respeito à avaliação sempre despertou interesse perceber a importância da avaliação nas crianças dos 3 anos até aos 5/6 anos, sendo considerada parte do processo educativo. Na educação pré escolar, segundo a Circular nº4/DGIDC/DSDC/2011, “ a avaliação assume uma dimensão marcadamente formativa, desenvolvendo-se num processo contínuo”.

No capítulo dois é apresentado o estudo empírico realizado, é descrita a metodologia aplicada e a técnica de recolha de dados utilizada (entrevistas semi-estruturadas). É feita a caracterização dos sujeitos entrevistados, os procedimentos seguidos e a análise de conteúdo das entrevistas efetuadas.

O capítulo três, trata exclusivamente das conclusões e das limitações ao estudo.

1.1 - A educação de infância

1.1.1 - Evolução do conceito de educação de infância

Ao falarmos de educação de infância automaticamente vem-nos à ideia a imagem de uma criança pequena. Compreender a educação de infância implica refletir sobre o que é ser criança atualmente, pois, a definição tem variado ao longo dos tempos.

Assim, até ao século XII a criança era objeto de poucos cuidados por parte dos adultos expondo-se às mais variadas doenças o que influenciaria a mortalidade infantil: "Os bebés abaixo de 2 anos, em particular, sofriam de descaso assustador, com os pais considerando pouco aconselhável investir muito tempo ou esforço em um "pobre animal suspirante", que tinha tantas probabilidades de morrer com pouca idade", (Heywood, 2004, p.87). Não existia um conceito de infância, segundo Ariès, citado por Tomás (2002, p.135), porque a partir do momento que não necessitavam dos cuidados das mães ou amas a criança começava a fazer parte do mundo dos adultos.

No séc. XIII, começou por se verificar que a responsabilidade de preparar a criança para a vida adulta cabia aos adultos, nomeadamente aos pais, foi também nesta época que foi descoberta verdadeiramente a infância por influência da igreja, que ajudava as crianças órfãs ou maltratadas. Só a partir dos séculos XV, XVI e XVII, "(...) quando então se reconheceria que as crianças precisavam de tratamento especial, "uma espécie de quarentena", antes que pudessem integrar o mundo dos adultos", (Heywood, 2004, p.23), é que se começou a dar um pouco de atenção à infância pois representavam a inocência e a doçura (Tomás, 2002, p.135). Coménio (sécs.XVI/XVII) realçou a importância de se educar desde a infância, "a formação do homem faz-se com muita facilidade na primeira idade, e não pode fazer-se senão nessa idade", (1957, p.127).

Determinante para a educação de infância foi o aparecimento e divulgação dos métodos educativos ao longo dos séculos, de filósofos/pedagogos como Rousseau (1712-1778), que ficou conhecido como o grande criador da infância porque para ele, a criança passa a ser o centro das atenções, pois a infância segundo Rousseau tem formas próprias de ver, pensar, sentir, raciocinar e a educação é-lhe dada "pela natureza, pelos homens ou pelas coisas", (Rousseau, 1981, p.36). Froebel (1782-1852) afirma que, para a criança crescer com uma educação correta, a escola é que deve incentivar o seu desenvolvimento natural (Spodek, 2002, p.196). Para Dewey (1859-1952), deve-se educar a criança como um todo, o que interessa é o seu crescimento físico, emocional e intelectual. Defendia a democracia e a

liberdade de pensamento como instrumentos para o desenvolvimento emocional e intelectual das crianças porque “a educação é o processo pelo qual a criança cresce, desenvolve-se, amadurece,” (Dewey, 1965, p.21). Para Montessori (1870- 1952), médica italiana que trabalhava com crianças *diferentes*, começou por aplicar o seu método com essas crianças e só mais tarde o trabalhou com as crianças do jardim de infância. A educadora deve deixar a criança agir e desenvolver-se no ambiente educativo que frequenta, só tem que lhe fornecer os meios para que o desenvolvimento e a aprendizagem aconteçam, as crianças tem que ter liberdade nas suas escolhas para que “possam exprimir-se livremente e assim revelar-nos necessidades e atitudes que são reprimidas quando não existe um ambiente adequado para permitir a sua atividade espontânea”, (Montessori, 1948, p.49); Piaget (1896-1980), caracteriza a faixa etária dos 2 aos 6/7 anos como estado do jogo simbólico para definir o desenvolvimento cognitivo.

Pode considerar-se a Revolução Industrial como um marco, na medida em que “o pensar na guarda das crianças começou então a ser uma necessidade social em relação à qual foi preciso encontrar resposta” (Cardona, 1997, p.25), sendo por influxo desta que começa uma maior preocupação com a educação de infância. Em 1959, com a Declaração dos Direitos da Criança, proclamada pela Resolução da Assembleia Geral de 20 de Novembro, no princípio 7º é explicitado o lugar que a educação deve ter na vida de uma criança, começando-se a considerar a criança como um ser que necessita de aprender reconhecendo o seu valor.

Portugal, com a mudança do poder político ocorrida com a revolução do 25 de abril de 1974 “é que se começou a observar um grande desenvolvimento da educação de infância” (Cardona, 1997, p.13).

Com a criação do Comité Português para o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) em 1979 os direitos da criança são divulgados e defendidos com a criação de programas próprios a nível europeu e mundial. E, em 20 de Novembro de 1989, as Nações Unidas adotaram por unanimidade a Convenção sobre os Direitos da criança, documento que enuncia um amplo conjunto de direitos fundamentais, chamando a atenção para a importância da infância. Em Portugal, a educação de infância tem conhecido algum desenvolvimento, com destaque para o ano de 1997, ano em que foram criadas as Orientações Curriculares para o pré-escolar e a Lei-Quadro da educação pré-escolar, documentos que sublinham a importância da educação pré escolar.

Atualmente, a nível europeu incluindo Portugal, existe uma preocupação crescente com a educação de infância (Monteiro, 2001, p.203), mas só com a publicação da Lei nº46/86, de 14 de outubro (Lei de Bases do Sistema Educativo, republicada e renumerada como Lei nº49/2005, de 30 de agosto), onde é referido que a educação pré escolar é a primeira etapa da educação básica e são definidos objetivos para esse nível escolar, só então a educação de infância ganhou o seu lugar ao lado dos diferentes ciclos de ensino no sistema educativo português.

1.1.2 - O ensino pré escolar

As experiências das crianças nos primeiros anos de vida têm a ver com a qualidade dos cuidados que lhes são ministrados, a transmissão de valores e dos conhecimentos. O jardim de infância é um espaço onde as crianças crescem em segurança rodeadas de estabilidade física, emocional e social pois, "é um espaço onde as suas necessidades são atendidas, onde se cria um ambiente para que se sinta aceite, respeitada, segura e acarinhada desenvolvendo a sua auto estima, auto confiança e autonomia," (Ferreira, 1989, p.254). O jardim de infância favorece também o desenvolvimento cognitivo da criança e para isso contribuem as atividades realizadas com a educadora de infância e com o grupo. É assim que a educadora começa por conhecer a criança através do jogo pois como afirma Claparède, citado por Chateau, (1975, p.16) "a infância serve para jogar e imitar".

Mas nem sempre a criança viveu neste meio acolhedor do jardim de infância, só a partir dos anos setenta é que se começou a observar um grande desenvolvimento nessa área, em Portugal. "A educação pré escolar resultou da necessidade de dar asilo e proteção às crianças da classe operária cujas mães trabalhavam", (Vial & Mialaret, s/d, p.367).

O primeiro jardim de infância a aparecer propriamente com este nome, foi criado por Friedrich Froebel na Alemanha em 1837, sendo um local para as crianças "crescerem e se desenvolverem, para observarem, experimentarem e interagirem com a natureza, em liberdade e em harmonia consigo próprias e com os outros", APEI (2012). Rapidamente ficou conhecido na Europa e Estados Unidos, e foi com estas influências internacionais que em Portugal se começou a desenvolver o pré escolar como refere Vilarinho (2001, p.93) com preocupação em atingir objetivos educacionais.

Só em 1882 foi criado em Lisboa um jardim de infância público, durante o ano comemorativo do centenário de Froebel e é também nesse ano que é criada a Associação das Escolas Móveis para a divulgação do método João de Deus, "Cartilha Maternal João de Deus", que ensinava as crianças a conhecer as letras e as ensinava a ler. Pois, como salienta Deudado "o saber ler e escrever é uma operação complementar do dom da fala, por isso essa arte devia constituir uma parte inseparável da educação materna", (1995, p.399). Com a implementação da República, que acontece no ano de 1910, começa um período que vai valorizar o desenvolvimento sociocultural sendo a educação o meio privilegiado para o impulsionar.

O período entre 1933 e 1959 é marcado essencialmente pela saída do ensino pré escolar do sistema educativo português para passar a ser "uma tarefa essencialmente destinada às mães de família" (Cardona, 1997, p.47). Até à década de 70 só as instituições particulares eram responsáveis pela educação pré escolar. Foi com a Reforma projetada por Veiga Simão em 1973 que a educação pré escolar voltou a integrar o sistema educativo português, mas "só em 1978 iniciam funções os primeiros jardins de infância oficiais do Ministério da Educação" (Leite; Lopes, 2007, p.124), embora a lei que criou o sistema público de educação pré escolar, tivesse saído em 1977, Lei nº5/77. Foi criada a rede pública de

jardins de infância pelo decreto - lei nº542/79 que estabelece regras, princípios e objetivos, “no sentido de garantir os direitos e deveres dos profissionais e normas de funcionamento para uma educação de qualidade”, (Leite & Lopes, 2007, p.125).

Na década de noventa dá-se a grande expansão do ensino pré escolar que se tornou uma prioridade das políticas educativas. O Ministério da Educação cria o Programa de Expansão e Desenvolvimento da educação pré escolar em parceria com o Ministério do Equipamento, do Planeamento e da administração do Território “com o objetivo de concertar esforços anteriormente dispersos e de elaborar propostas de efetivo alargamento e expansão da rede, numa parceria entre a iniciativa pública e a privada” (Ministério da Educação, 2000, p.21. Com estas medidas nasceu a Lei-Quadro da educação pré escolar (10 de fevereiro de 1997), e é publicado o Decreto-lei nº147/97, de 11 de junho (que vem regulamentar a flexibilidade do horário dos jardins de infância, e salienta que a educação pré escolar é destinada a crianças com idades compreendidas entre os 3 anos e a idade de ingresso no ensino básico). Mais tarde, mas no mesmo ano, saem as Orientações Curriculares para a educação pré escolar (Setembro 1997).

A Lei-Quadro da educação pré escolar (Lei nº5/97, de 10 de Fevereiro) estabelece um quadro legislativo próprio para o pré escolar. Estabelece como princípio geral que “a educação pré escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida,” (Ministério da educação, 1997, p.15), e em 1998, entra em vigor o Regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos da educação pré escolar e dos ensinos básico e secundário, aprovado pelo decreto- lei nº115-A/98, de 4 de Maio, em que é reconhecida a tomada de decisões a nível estratégico, pedagógico, administrativo, financeiro e organizacional, no quadro do seu projeto educativo e em função das competências e dos meios que lhe estão determinados (artigo 3º, nº1).

1.1.3 - Formação dos educadores de infância

Numa sociedade como a dos nossos dias (...) que papel está reservado aos professores e, sobretudo, em que crenças poderão os professores alicerçar a sua profissão?” (Nóvoa, 1991, p.12). A profissão docente é uma profissão muito exigente pela complexidade do ato educativo e por este motivo, deveria ser reconhecida por toda a sociedade. Como refere Pacheco (1993, p.340) “o ensino é uma profissão que exige uma constante evolução e adaptação a situações novas”. Segundo Benavente (2001, p.103) para que existam mudanças na educação é necessário “tempo, continuidade e suporte”. E essas mudanças acontecem se os educadores que são os organizadores do ato educativo, tiverem eles próprios uma ajuda, um suporte, para estarem preparados para resolver todos os problemas com que se deparam.

A formação será uma resposta? No caso das educadoras de infância pensamos que sim porque se por um lado há um desenvolvimento pessoal e profissional das educadoras ao mesmo tempo as instituições, jardins de infância também terão um bom desenvolvimento ao nível da qualidade do ensino. Para Formosinho (2002, p.218) “a qualidade da formação dos

professores e do ensino que praticam, deve ser vista, não simplesmente no contexto da sala de aula, mas no contexto mais abrangente da escola, como lugar e tempo de aprendizagem para todos (crianças e jovens, educadores e professores, auxiliares e funcionários) e para si própria como organização qualificante que, também ela aprende e se desenvolve". Faz parte das funções do educador de infância estar atualizado através da investigação, reflexão, do espírito crítico para assim conseguir desempenhar o seu papel de profissional conhecendo e valorizando a criança na sua individualidade, nos seus valores e atitudes aprendendo com o seu saber.

Ao longo dos tempos, em Portugal, como foi acontecendo a formação dos educadores? Com a revolução liberal de 1820 e a publicação da Constituição de 1822 vão acontecer profundas modificações no sistema educativo, nomeadamente a gratuidade e a obrigatoriedade da escolarização ao nível primário, mas só a partir da segunda metade do séc. XIX começam as preocupações e a necessidade de especialização para quem vai exercer a profissão de educadora de infância, sendo um dos pioneiros o Pedagogo João de Deus que, em 1843, criou uma associação com o seu nome, e elabora um curso de formação para educadores.

A publicação da primeira legislação sobre educação de infância referente à formação de educadores, aparece no Diário do Governo, nº141/1889 de 27 de junho. Em 1896, com a reforma do Sistema Educativo, é mencionada a sua formação e estatuto. A formação era considerada indispensável para os profissionais exercerem a sua profissão de docentes. No Diário do Governo, nº73/1911, 30 de março de 1911, emanado da Direção geral da Instrução primária é publicado um diploma que propõe "um programa para o ensino infantil" (Martins, 2006) em que é publicado o decreto que diferencia o ensino primário do ensino infantil, sendo que o ensino infantil deveria ter como finalidade a educação e desenvolvimento integral, físico, moral e intelectual das crianças desde os 4 anos aos 7 anos de idade. Aquele diploma, juntamente com o Diário do Governo, n.º 198/1911 de 25 de Agosto, constituem as bases fundamentais do domínio da educação infantil, não só porque serviam de guia às professoras para a respetiva organização dos seus programas, mas também porque explicitavam a formação adequada às funções a desempenhar.

A Lei n.º 233/1914 de 7 de julho criou as Escolas Normais de Lisboa, Porto e Coimbra, que substituíam as Escolas de Ensino Normal e as de Habilitação ao Magistério Primário, tendo sido determinado que os alunos (futuros professores) fizessem, nos dois últimos anos, a prática do ensino primário ou infantil nas escolas anexas às normais, a fim de aplicarem os conhecimentos adquiridos. Ou seja, implicava que junto de cada Escola Normal existisse também uma instituição para crianças dos 4 aos 8 anos, designada de jardim - escola ou escola -infantil.

Em 1923 sai a proposta de lei (2/7/1923) salientando a necessidade de formação de todos os docentes, começando pelas "jardineiras de infância" das escolas infantis que passaria a ser feita em Faculdades de Ciências da Educação, e passando a formação dos educadores de infância e dos professores do ensino primário a pertencer ao ensino superior

(Cardona, 1997,p.42). Em 1928, é publicado um decreto de lei (15 de outubro) em que é reforçada a função educativa e a formação específica das educadoras de infância.

Durante o período do Estado Novo, os pequenos avanços que se tinham desenvolvido para a formação dos educadores, simplesmente estagnaram, a política educativa passou para um segundo plano, os escassos jardins de infância fecharam a “função educativa das instituições destinadas às crianças mais pequenas é desvalorizada (Cardona, 2008, p.10); a formação para os profissionais acabou; a 4ª classe era suficiente para se exercer nas escolas e, as Escolas Normais que eram responsáveis pela formação dos educadores e professores primários passam a ter o nome de Escolas do Magistério Primário. Deu-se então um crescimento ao nível do privado, começam a surgir jardins de infância e formação para os educadores, novas escolas começam a abrir, nomeadamente a Escola de Educadoras de Infância em Lisboa (1954), saindo a sua aprovação em Diário da república. No entanto, como salienta Cardona (2008, p.10), “ os princípios pedagógicos e características estruturais a que os cursos devem obedecer continuaram no entanto, sem serem claramente definidos pelo Ministério da Educação” .

Só com o fim do Estado Novo e conseqüentemente com novas políticas educativas, que já tinham começado a mudar quando Veiga Simão estava no Ministério da Educação (1971) se reintegrou a educação pré escolar no sistema educativo português o que teve como consequência, a partir de 1974, um aumento significativo do número de escolas de formação de educadores de infância. Em 1979 é publicado o decreto-lei nº513-T/79 onde é referido que o ensino de curta duração passa a designar-se por ensino superior politécnico. Mas só com o Decreto-Lei 519-R2/79 é que são publicados os estatutos das escolas públicas de formação para os educadores de infância, onde é facultada às escolas uma autonomia pedagógica. Com a publicação da Lei de Bases do sistema Educativo em 1986, ganha especial importância a situação dos educadores de infância, cabendo ao educador/a assegurar a orientação e as atividades pedagógicas (artigo 30º, nº2).

A Lei 115/97, de 30 de agosto, que veio alterar em alguns pontos a lei 46/86, de 14 de outubro salienta a importância do educador de infância ao lhe ser conferido o grau de licenciatura (artigo 13º, nº3; artigo 31º).

Com a crise ao nível da empregabilidade vivida pela Europa e tendo em conta que “crescimento económico e crescimento escolar são ao mesmo tempo, causa e efeito um do outro” (Gomes,1986), foi aprovada assim, por alguns países europeus (de início eram 29, atualmente fazem parte 46 países) a chamada Declaração de Bolonha em 1999 tendo como objetivo facilitar a mobilidade e a empregabilidade dos estudantes na Europa. Embora a declaração de Bolonha não seja um tratado, os governos dos países signatários comprometem-se a reorganizar os sistemas de ensino superior dos seus países de acordo com os princípios que nela constam. Esta declaração vem dar mais ênfase, importância e qualidade ao trabalho dos educadores de infância pois a sua formação será até ao grau de Mestre o que já acontecia com diferentes cursos.

Em 2008, os Ministros da educação de vários países Ibero-americanos, entre os quais Portugal, reuniram-se em El Salvador para aprovarem a proposta “Metas Educativas 2021: a educação que queremos para a geração dos “Bicentenários”. Aquando da celebração do bicentenário de vários países em 2021 espera-se que este projeto que é articulado em torno da educação, “contribua com o desenvolvimento económico e social da região e à formação de uma geração de cidadãos cultos, e assim livres, nas sociedades democráticas e igualitárias” (Metas 2021). Neste aspeto, cada país terá que ver/rever as suas políticas educativas para irem de encontro ao que é exigido, terá de existir um grande investimento na educação nomeadamente na profissão de professor/educador, desde a formação inicial à formação contínua para que a qualidade persista na educação.

1.2 - O currículo na educação pré escolar

1.2.1 - O conceito de currículo

Podemos começar por colocar uma pergunta simples, “O que se entende por currículo? A pergunta é simples mas a resposta é complicada. Complicada porque existem várias definições, uma multiplicidade de definições para dar uma resposta. Para Pacheco (1996, pp.15-16) “ O lexema currículo, proveniente do étimo latino currere, significa caminho, jornada, trajetória, percurso a seguir e encerra, por isso, duas ideias principais: uma de sequência ordenada, outra de noção de totalidade de estudos”.

Pacheco usa duas definições para explicar o sentido de currículo, segundo a “variabilidade concetual do termo, duas definições mais comuns se contrapõem: uma formal, com um plano previamente planificado a partir de fins e finalidades; outra informal como um processo decorrente da aplicação do referido plano”, (1996, p.16). A definição formal estabelece aprendizagens explicitamente pré definidas como “ disciplinas, temas, áreas de estudo (1996, p.16), enquanto a informal não se orienta pelas aprendizagens planificadas e sistemáticas mas sim, não existe uma “estrutura predeterminada” (1996, p.16). São experiências informais, atividades de ação educativa que complementem o currículo formal. Afirma também que o currículo incorpora “ Programas/planos de intenções que se justificam por experiências educativas, em geral, e por experiências de aprendizagem, em particular” (p.16).

Já para Roldão (1999, p.17) citada por Gonçalves (2009), “em termos concetuais, o currículo é entendido (...), como um campo crítico de aquisição de saberes de referência e de competências para aprender (...) que viabilizem processos realistas de formação ao longo da vida” (p.27). É o que se planeia ensinar aos alunos pois é ao mesmo tempo como um projeto integrado de cultura e de formação que “fundamenta, articula e orienta todas as atividades e experiências educativas realizadas na escola, dando-lhes um sentido e intencionalidade e integrando todo um conjunto de intervenções diferenciadas num projeto unitário” (Alonso, 1996, p. 11).

Para Pacheco & Paraskeva (2000) citados por Gonçalves (2009), o currículo “formado como projeto, (...) implica tomadas de decisão a diversos níveis, contextos e práticas, que supõem diferentes momentos (concepção, desenvolvimento e avaliação) no âmbito de um tempo e espaço próprios, e opções de acordo com três aspetos essenciais: modelo curricular a adotar, organização interna (...) e papel a desempenhar pelos professores”.

Segundo Vilar (1994), é difícil definir currículo porque tem a ver com vários aspetos, as diferentes ideias de ser do homem e da educação, a nível científico há um determinado modelo que leva vantagem sobre outro, a tensão teórico-prática entre o currículo “real” e o currículo “oculto”- o facto de o currículo “real” não coincidir necessariamente com o currículo “prescrito” ou formal”, (1994, pp.13-14). Para este autor, currículo está ligado à prática pois a escola faz o seu projeto e é através do currículo que o coloca em prática (p.14). É através do desenvolvimento do currículo que são explicados os aspetos do desenvolvimento das crianças, a parte educativa relacionada com o planeamento e o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem. Um currículo terá que ser construído, elaborado tendo em conta o que valorizamos, que competências prioritárias queremos desenvolver, serve para elaborarmos e orientarmos as ações educativas na sala de aula. Mas para Zabala o currículo é “(...) o conjunto dos supostos de partida, das metas globais que se deseja alcançar e dos passos previstos para os alcançar (1992, p.95).

Encontrar uma definição de currículo que seja universal é quase impossível pois são quase tantas as definições como os investigadores que se dedicam a esta temática pois existem uma infinidade de conceitos e de definições adequadas às perspetivas adotadas para a sua definição. Porque é tão difícil encontrar uma definição para a palavra currículo? Como vimos anteriormente cada autor tem a sua definição de currículo mas qual será a que melhor define currículo? Johnson, citado por Messick, Paixão, Bastos (1980, p.10), argumenta que “o discurso sobre currículo tem sido historicamente confuso porque não há consenso sobre a definição dos termos empregados para denotar os conceitos abordados”.

Mas Ribeiro (1990, p.3) salienta que “apesar da diversidade de concepções e práticas acerca do currículo, este não deixa de constituir o cerne de qualquer sistema educativo, na sua qualidade de proposta de ensino e aprendizagem para a geração que percorre esse sistema”, sabemos que é um instrumento para analisarmos e melhorarmos as decisões educativas, por essa razão foram criadas as orientações curriculares para o ensino pré escolar.

1.2.2 - Orientações curriculares no pré escolar

As Orientações Curriculares para a educação pré escolar são um conjunto de princípios gerais de apoio à educadora de infância na tomada de decisões sobre a sua prática, isto é, na condução do processo educativo a desenvolver com as crianças. Constituem um quadro de referência, de orientação para as educadoras contribuindo para uma melhoria da qualidade na educação pré escolar. Para Ludovico (2007), as Orientações Curriculares são

“um conjunto articulado de princípios que permitem ao educador fundamentar as decisões sobre a sua prática, isto é, destinam-se a apoiar o planeamento e a avaliação do processo educativo a desenvolver com as crianças” (p.35). Também afirma que dão mais credibilidade ao pré escolar e ao “papel profissional dos educadores”, (p.36). Um dos pressupostos das orientações curriculares é reconhecer a criança como sujeito do processo educativo e aplicar uma pedagogia diferenciada pois cada criança é um ser único e diferente.

Nas Orientações Curriculares estão inseridas 3 áreas de conteúdo fundamentais na organização, planeamento, avaliação das situações e oportunidades de aprendizagem, sendo a primeira a área de Formação Pessoal e Social que “corresponde a um processo que deverá favorecer, de acordo com as fases do desenvolvimento, a aquisição de espírito crítico e a interiorização de valores espirituais, estéticos, morais e cívicos”, (Ministério da educação, 1997, p.51); o desenvolvimento da criança como ser social, as regras a assimilar para viver em sociedade, o desenvolvimento da autonomia, da individualidade e da responsabilidade na criança.

A área de expressão e comunicação engloba além da expressão motora, dramática, plástica e musical, o domínio da linguagem oral e abordagem à escrita e a matemática; nesta área existem diferentes formas de linguagem, o desenvolvimento psicomotor e o simbólico; o aprender a dominar o corpo ao nível do movimento; através do jogo dramático ou jogo do “faz de conta” conseguir exteriorizar as suas emoções levando a educadora a perceber quando se passa algo de errado com a criança pois “conta” experiências/vivências do seu quotidiano. A expressão plástica está ligada à psicomotricidade, ao desenvolvimento da motricidade fina, à destreza da criança, à maneira como segura o lápis (tríade), ao estimular da criatividade, ao conhecer e utilizar diferentes materiais ao salientar que, “o domínio das diferentes formas de expressão implica diversificar as situações e experiências de aprendizagem, de modo a que a criança vá dominando e utilizando o seu corpo e contactando com diferentes materiais que poderá explorar, manipular e transformar de forma a tomar consciência de si próprio na relação com os objetos”, (Ministério da Educação, 1997, p.57).

Através da música a criança desenvolve ritmo, explora diferentes sons, dança, canta, toca, torna-se mais extrovertida; a linguagem oral e escrita é explorada através de poesias, lengalengas, conversas na “manta”, o corrigir a criança quando não articula as palavras corretamente, através de canções pois “trabalhar as letras das canções relaciona o domínio da expressão musical com o da linguagem que passa por compreender o sentido do que se diz, por tirar partido das rimas para discriminar sons, por explorar o carácter lúdico das palavras e criar variações da letra original”, (Ministério da educação, 1997, p.64); a criança está em contato permanente com livros, histórias, revistas,...no jardim de infância a criança aprende através de imagens, desenhos, por essa razão é importante que seja estimulada a desenhar para de seguida “desenhar” as letras, começando pelo seu nome o que a vai levar a querer aprender mais letras, “a atitude do educador e o ambiente que é criado devem ser facilitadores de uma familiarização com o código escrito.

Neste sentido, as tentativas de escrita, mesmo que não conseguidas, deverão ser valorizadas e incentivadas”, (Ministério da educação, 1997, p.69); com a matemática vai aprender noções como tamanho, grandeza, cor, forma, número, desenvolvendo o raciocínio-lógico- matemático a “brincar”, como é referido nas orientações curriculares (1997), o educador irá criar condições para esse desenvolvimento acontecer “intencionalizando momentos de consolidação e sistematização de noções matemáticas”, (p.73).

Na área do conhecimento do mundo é dada importância às ciências como biologia, história, meteorologia,... a educadora trabalha os conteúdos planejados como o corpo humano, a história de Portugal, o tempo, o ciclo da água,...estimulando a curiosidade e o querer saber através de experiências, de visitas de estudo, pois esta área de conteúdo “enraíza-se na curiosidade natural da criança e no seu desejo de saber e compreender porquê. Curiosidade que é fomentada e alargada na educação pré escolar através de oportunidades de contactar com novas situações que são simultaneamente ocasiões de descoberta e de exploração do mundo”, (Ministério da educação, 1997, p.79).

Com estas referências a educadora de infância estará preparada para a construção do seu currículo?

1.2.3 - A construção do currículo na educação pré escolar

É muito difícil ou pelo menos complicado fazer uma análise à qualidade no ensino pré escolar devido à inexistência de um currículo e talvez nasça daí a ainda pouca credibilidade que lhe é atribuída. Mas porque é que não existe um currículo na educação pré escolar? Talvez devido à especificidade da idade das crianças do pré escolar; ao não haver um programa oficial são criadas diferentes formas de trabalho onde cada educadora prepara o ambiente educativo tendo em conta as aprendizagens de cada criança. A educadora tem como referência para a construção do seu currículo as Orientações Curriculares, a Lei - Quadro da educação pré escolar, que define um quadro legislativo próprio para este nível de ensino e onde são estipulados os objetivos gerais para a educação pré escolar, a circular nº17/DSDC/DEPEB/2007 que define a gestão do currículo na educação pré escolar, onde é referido o papel da educadora na construção do currículo para o processo educativo a desenvolver com as crianças e o projeto curricular de Estabelecimento/Escola e o projeto curricular de grupo/turma são considerados instrumentos de apoio à organização e gestão do currículo.

Assim, como é referido no Decreto - lei nº241/2001 de 30 de agosto, que “o educador de infância concebe e desenvolve o respetivo currículo, através da planificação, organização e avaliação do ambiente educativo, bem como das atividades e projetos curriculares, com vista à construção de aprendizagens integradas”, (II - 1). No currículo da educação pré escolar deve constar o que as crianças devem aprender e como o devem aprender, criando a educadora estratégias para esse efeito.

Na educação pré escolar não existem conteúdos programáticos nem currículo como existe nos diferentes níveis etários derivado à idade das crianças, então é da responsabilidade do educador de infância construir um currículo tendo como referência/suporte as Orientações Curriculares para a educação pré escolar tendo sempre em atenção as três áreas de conteúdo abrangentes, a área de formação pessoal e social, a área das expressões e a área do conhecimento do mundo com a finalidade de incutir na criança o maior número possível de saberes, para melhorar a sua aprendizagem, conhecimento, compreensão, comunicação, compreender o código oral e escrito.

A criança aprende tudo o que lhe é transmitido, daí o educador escolher o que as crianças deverão aprender (tendo sempre em atenção os saberes individuais da criança), a maneira como devem aprender, quais as estratégias a usar e estratégias para avaliar as aprendizagens chegando, se necessário, a modificar o currículo. Para que isso aconteça é necessário criar um ambiente que leve a criança a manifestar-se, a comunicar, a explorar o que a rodeia, a desinibir-se, a crescer saudável e globalmente, como é referido nas Orientações Curriculares (...) a organização do ambiente educativo constitui o suporte do trabalho curricular do educador." (OCEPE, 1997, p.31). As Orientações Curriculares para a Educação Pré escolar (Ministério da Educação, 1997), são o apoio para a prática pedagógica do educador que é o construtor e o gestor do seu próprio currículo, atendendo aos saberes das crianças, das suas famílias, e as solicitações da comunidade, as competências, os valores, os afetos, o contexto sócio - cultural.

E porquê falar-se num currículo na educação de infância? Além de melhorar a qualidade do ensino no pré escolar reconhece/engrandece o trabalho da educadora de infância. A Direção-geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular em articulação com as Direções Regionais de Educação e com a Inspeção-geral de Educação, concebeu a Circular nº17/2007 que integra princípios sobre a organização curricular, procedimentos a ter em conta na avaliação na educação pré escolar, bem como questões relacionadas com a organização e gestão da componente de apoio à família e a articulação entre a educação pré escolar e o 1º ciclo do ensino básico, que integra o documento projeto curricular de estabelecimento/escola e o projeto curricular de grupo/turma, como instrumentos de apoio à organização e gestão do currículo. E para Roldão (1999) citada por Leite, (2000, p.6), o projeto curricular é a“(...) forma particular como, em cada contexto, se reconstrói e se apropria um currículo face a uma situação real, definindo opções e intencionalidades próprias, e construindo modos específicos de organização e gestão curricular, adequados à consecução das aprendizagens que integram o currículo para os alunos concretos daquele contexto”.

O projeto curricular de estabelecimento/escola, segundo a circular nº17/2007, “define as estratégias de desenvolvimento do currículo, visando adequá-lo ao contexto de cada estabelecimento/escola ou de agrupamento e integrado no respetivo projeto educativo”; enquanto que o projeto curricular de grupo/turma “define as estratégias de concretização e de desenvolvimento das orientações para a educação pré escolar, e do projeto curricular de

estabelecimento/escola, visando adequá-lo ao contexto de cada grupo/turma" (circular nº17/2007), sendo desenvolvido ao longo do ano letivo podendo englobar outros projetos do próprio educador de infância indo sempre de encontro aos interesses da criança.

O projeto "Metas de Aprendizagem", é um projeto que se insere na Estratégia Global de Desenvolvimento do Currículo Nacional e que visa assegurar uma educação de qualidade e melhores resultados escolares nos diferentes níveis educativos, "contribuindo como instrumento de apoio à gestão do currículo permitem identificar as competências e desempenhos esperados das crianças" (Ministério da Educação, circular nº4/DGIDC/DSDC/2011). Estas metas estão organizadas de acordo com as áreas de conteúdo das Orientações curriculares para a educação pré escolar: área de formação pessoal e social, existem 32 metas; área das expressões, 57 metas; área do conhecimento do mundo, são 36 metas; área da matemática, existem 30 metas e na área das tecnologias da informação e comunicação, inserem-se 9 metas; estes conjuntos de metas são para a criança alcançar até ao final do ensino pré escolar (5/6 anos).

Contudo, todas as crianças são diferentes, há aquelas que assimilam mais rapidamente, há outras crianças que têm dificuldade em se exprimir, outras têm o seu próprio ritmo de trabalho,...não será por essa razão que serão menos inteligentes, ou não estarão preparadas para a nova etapa das suas vidas: o 1º ciclo. É da responsabilidade do educador informar o professor primário passando-lhe toda a informação possível dessas crianças para dar início ao conhecimento da criança, às aprendizagens adquiridas.

Assim, os primeiros currículos de educação de infância apareceram nos séculos XVIII e XIX, embora o conhecimento acerca da criança, do seu desenvolvimento fosse nulo pois baseavam-se em "concepções filosóficas do saber" e não nas "experiências no desenvolvimento das crianças," Spodek (1991) citado por Spodek (2002, p.195).

Segundo Froebel (1782-1852) citado por Spodek (2002,p.196) "A escola devia incentivar o desenvolvimento natural da criança", comparava as crianças com flores, pois as flores florescem se forem muito bem cuidadas, como as crianças também têm um bom desenvolvimento se a sua educação for correta e, para que isso fosse possível Froebel construiu materiais dando-lhe o nome de "dons" e atividades a que chamou de "ocupações" (Spodek, 2002, p.196); os chamados "dons" eram materiais tais como bolas de lã, bolas de madeira, cubos e cilindros, blocos de madeira segmentados de diversas maneiras bolas de cera com pauzinhos ou palhinhas pelo meio, quadrados e círculos de madeira e círculos feitos de madeira ou papel; já nas atividades incluía barro, recorte, dobragem de papel, enfile de contas, o desenho, o tecer e o bordar " o estudo da natureza e o trabalho com a língua e a aritmética, além de jogos e canções", Lilley (1967) citado por Spodek (2002, p.197).

Já no século XX um dos modelos curriculares que mostrou interesse pelo desenvolvimento global da criança e a maneira como aprendem, foi o de Maria Montessori (1870-1952). Para Montessori, o conhecimento baseava-se nas percepções que as crianças têm do mundo, baseando o seu modelo curricular em desenvolver material e atividades para incrementar os sentidos das crianças e também aplicava exercícios da vida quotidiana como

“lavar-se, vestir-se e levantar a mesa, (...), que visavam ajudar as crianças a funcionar com autonomia. Montessori incluía ainda no seu modelo a leitura e a escrita, o estudo da natureza, a jardinagem, a aritmética e a geografia”, Montessori (1964) citada por Spodek (2002, p.198). Montessori incluía assim no seu currículo a educação sensorial, exercícios da vida prática, educação muscular e o ensino de competências académicas básicas, (p.198). Para Grácio (2001) Montessori foi uma pioneira da “educação nova”, (p.171).

Segundo Piaget o desenvolvimento cognitivo constrói-se passando por vários estádios e o “estádio do pensamento pré operacional (2-7 anos), é caracterizado pelo desenvolvimento da linguagem e outras formas de representação e pelo rápido desenvolvimento conceitual. O raciocínio, neste estágio, é pré lógico ou semilógico” (Wadsworth,1996,p.17). Para Piaget a inteligência vai-se construindo ao longo do tempo.

Há vários modelos curriculares onde a educadora se apoia para a construção do seu currículo na prática pedagógica, os mais utilizados são o modelo High-Scope, o modelo curricular de Reggio Emília, o modelo curricular do Movimento da Escola Moderna, a metodologia de trabalho de projeto, o currículo Montessoriano. Qual destes modelos curriculares mais se adapta ao jardim de infância? Será que podem ser postos em prática individualmente ou no seu conjunto, dependendo do grupo de crianças que a educadora vai iniciar no processo de ensino-aprendizagem? O modelo curricular High Scope baseia-se na teoria de desenvolvimento de Piaget, “situa-se no quadro de uma perspetiva desenvolvimentista” (Formosinho,org.,2007,p.55) ao dar prioridade à aprendizagem pela ação, a criança constrói o seu conhecimento através de experiências espontâneas diretas refletindo sobre os resultados das mesmas, é dirigido ao desenvolvimento intelectual da criança. Também se apoia em Dewey para a “creditação da criança com competência para a atividade educacional” (Formosinho, org., 2007, p. 56). Por esta razão este modelo curricular é a favor de áreas (cantinhos) de interesse na sala do jardim de infância para a criança ter as suas escolhas e é utilizado o processo planejar-fazer-rever, as “crianças têm tempo para planejar as suas atividades, para as por em prática e para refletir sobre o que tinham feito” (Hohmann e Weikart, 1997, p.4). O adulto observa e participa nas atividades das crianças ensinando, auxiliando, orientando quando a criança assim o exige e para a transmissão de conhecimentos.

O Movimento da Escola Moderna organiza o ambiente educativo com planificações semanais; o quadro mensal das presenças (quadro de dupla entrada); quadro de registo do tempo; quadro das tarefas (cada criança fica responsável por uma tarefa na sala); quadro das regras; quadro dos aniversários, toda esta organização incentiva a uma aprendizagem cooperativa, à autonomia, à solidariedade e à responsabilidade da criança. O modelo curricular de Reggio Emília, centra-se nos protagonistas da ação que são as crianças, “protagonista da sua própria aprendizagem e desenvolvimento”, (Formosinho, org., 2007, p.95) o adulto é um auxílio, um ouvinte para a criança. O espaço físico também é dividido por áreas onde se vê um atelier para a criança explorar a expressão plástica, o desenho, a pintura, modelagem; a biblioteca, a área da música; dos jogos, das experiências; existe um

grande envolvimento entre jardim de infância-pais-comunidade no processo de ensino-aprendizagem.

Na metodologia de trabalho de projeto, sempre que a criança ou o grupo proponha uma situação de interesse, a educadora deve valorizar esta metodologia já que a criança está motivada para a aprendizagem. O currículo de Maria Montessori “incluía educação sensorial, exercícios da vida prática, educação muscular e o ensino de competências académicas básicas”, (Spodek, org., 2010. p.198) são as crianças que escolhem o material de aprendizagem que querem podendo usá-lo pelo tempo que quisessem de forma correta. Com estas referências e orientações a educadora construirá o seu currículo para que o ensino-aprendizagem resulte dando origem a uma avaliação positiva.

1.3 - A avaliação no pré escolar

1.3.1 - Avaliação: conceito e tipos

A educação pré escolar tem especificidades diferentes de outros níveis de ensino implicando princípios e procedimentos adequados à idade da criança. Será por isso relevante avaliar crianças de 3 aos 6 anos? Para quê? A avaliação nesta idade do pré escolar, serve para se conhecerem as aprendizagens efetuadas se houve progressos nas diversas áreas ou domínios, para identificar dificuldades, para informar os pais a respeito do desenvolvimento do seu educando.

A avaliação é a atualização do desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem, é através dela que a educadora fica a saber se os objetivos anteriormente planejados foram atingidos, é um meio de controlar o que a educadora planeou e a qualidade do processo ensino-aprendizagem. É um instrumento que serve para reorientar a prática educativa sendo feita sistemática e continuamente para a melhoria da ação educativa. Avaliar a criança não é só observar o que está a “olho nu” é necessário planejar objetivos, atividades, conteúdos para construção de conhecimentos. Para Tyler (1949), citado por Pacheco (1996, p.129), avaliar é o “processo de determinar até que ponto os objetivos educacionais são efetivamente alcançados pelo programa do currículo e instrução.” Ou seja, é o atribuir de uma nota descobrindo ao mesmo tempo se o aluno aprendeu ou não o que estava estipulado no currículo. Mas para Ribeiro e Ribeiro (1989, p.338) a avaliação “é uma operação que prepara, acompanha e remata o processo de ensino-aprendizagem e que é o motor do seu constante aperfeiçoamento”, a avaliação informa-nos se os objetivos foram atingidos ou não, ou seja, assenta na observação dos progressos da criança o que vai originar um reajustamento da ação educativa para a construção de novas, ou diferentes aprendizagens, é um elemento regulador do processo ensino-aprendizagem porque é através dela que conhecemos a evolução da criança e ao mesmo tempo permite perceber se os métodos e recursos aplicados pelo professor foram eficazes.

Tradicionalmente distinguem-se três tipos de avaliação na educação, a avaliação diagnóstica, a formativa e a sumativa. Na avaliação diagnóstica, a educadora de infância faz uma observação diagnóstica ao observar a criança e então é feita uma caracterização para se conhecer a criança e o grupo sendo realizada no início do processo de ensino-aprendizagem, no início do ano letivo. Ao conhecer o grupo e as suas aprendizagens a educadora pode dar início ao planeamento dos objetivos, das estratégias, das atividades, dos conteúdos para se criarem condições para o ato educativo. Rosales (1992, p.36) diz que este tipo de avaliação “vai determinar as características duma situação inicial de um determinado processo que se quer desenvolver e também tem o propósito de aprofundar o conhecimento das causas de determinados problemas ao longo do ensino”. Esta avaliação diagnóstica indica à educadora quais as aprendizagens em que a criança terá mais dificuldades, sendo usada antes de se iniciarem novas temáticas.

Segundo a Circular nº4/DGIGC/DSDC/2011, a avaliação na Educação Pré-Escolar assume uma dimensão marcadamente formativa, desenvolvendo-se num processo contínuo e interpretativo que procura tornar a criança protagonista da sua aprendizagem, de modo a que vá tomando consciência do que já conseguiu, das dificuldades que vai tendo e como as vai ultrapassando. Lemos, Campos, Conceição e Alaiz (1992, p.24) compartilham a mesma opinião ao afirmarem que a avaliação faz parte do processo ensino-aprendizagem e assume um papel preponderante devido à função formativa que desempenha. A avaliação formativa como é contínua proporciona uma abordagem mais fidedigna do desenvolvimento e aprendizagem da criança. Referindo-se à sua função no âmbito de aprendizagem, Abrecht, 1994, refere a sua função de apoio e estímulo, levantando e criando questões no processo do ensino-aprendizagem.

A avaliação sumativa ou função sumativa como refere Rosales (1992, p.36) utiliza-se no final do período letivo, “dá conta daquilo que se fez no passado”, é uma avaliação quantitativa que se faz aos alunos no final de cada período o que não acontece na educação pré escolar, portanto a avaliação sumativa não é praticada com crianças dos 3 aos 6 anos.

Abrecht (1994, p.33) refere que Saiven (1967) diferencia a avaliação formativa da avaliação sumativa, ao afirmar que a avaliação sumativa é a avaliação tradicional, fecha uma fase da aprendizagem ao verificar se esta foi adquirida ou não enquanto a avaliação formativa faz parte “do processo educativo e os erros devem ser considerados como momentos na resolução de um problema”, a criança não sabe tudo o errar faz parte do processo da aprendizagem. Cardinet, Allal e Perrenoud (1986, p.14) estão de acordo com Saiven (1967), que os erros que aparecem na avaliação formativa acontecem normalmente e “são característicos de um determinado nível de desenvolvimento na aprendizagem”. Segundo os autores atrás citados, a avaliação é sempre importante fazer-se, só assim a educadora/professor terá informações suficientes para avançar na aprendizagem e preparar o ato educativo.

Capítulo 2

2 - Estudo empírico

2.1 - Objetivos/Questões de investigação

Tendo em conta os aspectos desenvolvidos no capítulo anterior, este trabalho tem como objetivos principais: 1. discutir a importância da avaliação no pré escolar; 2. perceber como se avalia neste nível de ensino. As questões que orientaram o estudo foram as seguintes:

- 1 Porquê avaliar?
- 2 O que avaliar?
- 3 Quais os instrumentos a avaliar?
- 4 Com que periodicidade se deve avaliar?

2.2 - Caracterização do estudo

Segundo Bogdan e Biklen (1991) citados por Sousa (2009, p.31), a investigação qualitativa contempla “ uma metodologia de investigação que enfatiza a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais. Optou-se por uma investigação qualitativa porque dá o máximo de liberdade ao entrevistador na exploração das questões.

2.3 - Sujeitos

A fim de alcançar os objetivos deste estudo foram selecionadas oito educadoras de infância numa cidade do Interior Norte de Portugal, que demonstraram receptividade em colaborar no estudo. São educadoras com vários anos de serviço, o que ajuda à concretização dos objetivos definidos.

Entrevistadas	Idade	Tempo de serviço	Categoria profissional	Ano de escolaridade (grupo de crianças)
Entrevistada 1	39 anos	12 anos	Educadora de infância	5/6 anos
Entrevistada 2	41 anos	12 anos	Educadora - Coordenadora	3/4 anos
Entrevistada 3	35 anos	12 anos	Educadora de infância	5/6 anos
Entrevistada 4	42 anos	15 anos	Educadora de infância	5/6 anos
Entrevistada 5	41 anos	16 anos	Educadora de infância	3/4 anos
Entrevistada 6	26 anos	5 anos	Educadora de infância	4/5 anos
Entrevistada 7	44 anos	20 anos	Educadora de infância	5/6 anos
Entrevistada 8	41 anos	20 anos	Educadora de infância	4/5 anos

Quadro 1- Perfil das educadoras entrevistadas

2.4 - Instrumentos/técnicas de recolha de dados

Para se concretizarem os objetivos do presente estudo foi usada como técnica de recolha de dados, a entrevista semi-estruturada. Foi feita esta opção porque se pretendiam obter diferentes pontos de vista das entrevistadas.

Foi escolhida a entrevista pois é uma técnica de recolha de dados que faz parte da investigação qualitativa permitindo captar mais informação ao entrevistador já que o entrevistado está no seu meio natural, no seu local de trabalho mostrando o à vontade para responder às questões que são feitas e relatarem as “suas experiências vividas”, (Chizzotti, 2003, p.226) cabendo ao entrevistador interpretá-las pois está em contacto direto com o entrevistado, permitindo assim registar as suas mensagens, reações e emoções. As entrevistas semiestruturadas são caracterizadas pela existência de um guião que serve de orientação ao entrevistador mas não exigindo uma ordem rígida nas questões colocadas, permitindo uma flexibilidade e o acrescentar de questões que não estavam programadas, apresentá-las de outra maneira para uma melhor compreensão, facilitando a obtenção e a exploração da informação. Os tópicos do guião da entrevista foram o currículo porque “o currículo é uma estrada por onde as crianças viajam, sob orientação de um guia” (Vasconcelos, 1990, p.19); a planificação e o processo ensino-aprendizagem; a avaliação e a formação dos educadores de infância porque é fundamental valorizarem a formação inicial e contínua para uma melhor profissionalização ao longo da vida.

2.5 - Procedimentos

Depois de selecionadas as entrevistadas foram informadas que seria mantido o sigilo das suas identidades, e, também quais os objetivos da investigação. As entrevistas foram marcadas com antecedência e tiveram uma duração média entre 20/30 minutos. A recolha de informação foi feita em suporte áudio, de seguida passada para suporte escrito e por último foi feita a respetiva análise de conteúdos.

A partir de um guião de entrevista foi feita a recolha de informação a oito educadoras de infância previamente selecionadas para o efeito. Depois de marcado o dia e a hora para a entrevista cada entrevistada escolheu o próprio local de trabalho para as gravações das entrevistas. Posteriormente foi feita a transcrição em suporte escrito e feita a análise dos respetivos conteúdos. Após a transcrição das entrevistas foi feita uma leitura individual às entrevistas para se identificarem os aspetos comuns e os aspetos divergentes a todas elas. Os conteúdos das entrevistas foram agrupados em cinco categorias e respetivas subcategorias.

2.6 - Resultados

Apresentamos, de seguida, os resultados da análise de conteúdo das entrevistas, por categoria e subcategoria.

2.6.1 - A construção do currículo

No que se refere à *estruturação do currículo*, os sujeitos entrevistados defendem que os projetos pedagógicos, projetos educativos e anuais, observações diárias, as fichas de desenvolvimento individual, as fichas de diagnóstico, as planificações semanais, as fichas de avaliação e os registos das atividades fazem parte da estruturação do currículo, ajudando a educadora no seu trabalho diário com o grupo de crianças; todo o desenvolvimento da criança, toda a informação necessária para se planear o processo de ensino-aprendizagem encontra-se na estruturação do currículo “ao fazer esse plano anual eu vou ter sempre em conta quais as áreas que precisam de ser mais trabalhadas com aquele grupo de crianças”, (L-p.1).

No que diz respeito à *finalidade do currículo*, todos os sujeitos são de opinião que é uma ajuda, “serve de orientação para o trabalho”, (F-pp1-2) dando-lhe importância para o desenvolvimento de cada temática a explorar com o grupo de crianças juntamente com os objetivos que se querem alcançar.

2.6.2 - A planificação do ensino-aprendizagem

No que se refere à *importância da planificação* todos os entrevistados vêm na planificação o processo de avaliar as atividades e estratégias, os objetivos pretendidos se foram ou não alcançados, “nós tentamos alcançar os objetivos que estão lá definidos, ao

planificarmos, planificamos para alcançarmos objetivos” (A-pp.2-4), dão ênfase à sua função de apoiar e orientar a prática pedagógica; a opinião dos sujeitos é unânime ao darem importância à planificação semanal privilegiando-a em relação a outras, enquanto que o sujeito F refere que a planificação mensal é suficiente. Demonstram a sua preocupação crescente com a prática pedagógica, se a criança manifesta interesse, se aprende, se está motivada com as atividades propostas, se a educadora notar que não há progresso na aprendizagem então a planificação é remodelada ou feita do início modificando ou acrescentando o que notou que a criança tinha mais dificuldades, “se eu com aquela planificação que fiz e aquelas estratégias eu não conseguir atingir aqueles objetivos eu vou planificar novamente mas usando outras estratégias e também atividades para que os objetivos sejam atingidos e a partir daí há sempre um controlo”, (DL-pp.3-4-5-6-7), ao planificarmos temos que ter sempre em atenção as necessidades das crianças; o sujeito A salienta ainda que a planificação também é um meio para se dar informação aos pais, pois estará exposta na sala.

Quanto ao *papel das orientações curriculares* a opinião dos entrevistados é convergente pois todos planificam tendo como base as Orientações Curriculares abrangendo as respetivas áreas curriculares, “baseio-me primeiro nas Orientações Curriculares porque apesar de tudo o que já tenha saído é o mais completo e que nos ajuda desde o meu tempo de curso”, (S-p.2). O nível de concordância revela a importância que é dada às Orientações Curriculares para o planeamento do processo de ensino-aprendizagem.

2.6.3 - Avaliação

No que diz respeito aos *tipos de avaliação*, os sujeitos estão de acordo quanto à necessidade de existir uma avaliação diária, “a avaliação é um bocadinho feita todos os dias”, (AS-pp.3-4-5). Além da avaliação diagnóstica, só o sujeito D não se manifesta a esse respeito, utilizam a avaliação formativa e uma avaliação no final de cada trimestre (sujeito SL, A, F, D, AS), enquanto que os sujeitos DL e L utilizam os pdi’s para fazerem uma avaliação diária, dando-a aos pais para assinarem nas reuniões feitas em março e junho. De facto é visível a importância da avaliação no dia a dia das entrevistadas.

Os *instrumentos utilizados* na avaliação vão de encontro a uma unanimidade relativamente ao uso de fichas e registos; o sujeito D dá também importância às canções, histórias e grafismos enquanto que o sujeito L dá especial atenção aos registos fotográficos, “tiramos também fotografias fazemos o registo fotográfico e anotamos, tiramos apontamentos, notas sobre o comportamento da criança em determinadas atividades”, (L-pp.4-8).

Em relação aos *objetivos da avaliação* todos os sujeitos concordam que o objetivo primordial ao se avaliar a criança é sem dúvida conseguir descobrir se o processo de ensino-aprendizagem se concretizou, se a educadora incutiu na criança o que tinha planeado e se a criança o assimilou, “ajuda-nos a estruturar a nossa prática pedagógica para com as crianças,

ajuda-nos a estruturar o nosso dia a dia...no final de contas a desenvolver de uma forma estruturada todas as aprendizagens que nós queremos transmitir” (SL-p.5).

2.6.4 - Atividades de ensino-aprendizagem valorizadas

Todos os sujeitos são de opinião que é através do jogar que a criança aprende, “através do jogo a criança aprende tudo, aprende a desenvolver a linguagem, aprende novos vocabulários...novas matérias, aprende a desenvolver-se a nível da motricidade; o jogo abrange todas as áreas”, (D-pp.7-8). O sujeito DL foca também a importância do jogo na desinibição da criança, ela faz o que gosta, e, “são essas atividades lúdicas e essa brincadeira que lhes proporcionam essas aprendizagens e que levam a que a criança tenha um desenvolvimento global”, (DL-p.10)

2.6.5 - Importância da formação

No que diz respeito à *pertinência da formação inicial*, somente o sujeito DL a considerou relevante enquanto que a maioria disse que foi insuficiente ou que não saiu preparado para trabalhar com o grupo de crianças, “numa palavra: insuficiente. A minha formação inicial acho que foi insuficiente, teve muita teoria” (S-p.10). É necessária mais prática porque a educadora sai com a teoria mas não consegue aplica-la faltando-lhe também orientação, “acho que precisaríamos de mais prática mais orientação, achei que havia muita teoria” (AS-p.7).

Quanto à *necessidade de formação contínua*, todos os sujeitos sem exceção estão de acordo em que é necessário haver formação contínua para assim se puder acompanhar o progresso, o desenvolvimento da sociedade atualizando as aprendizagens para se darem respostas às crianças,” a formação contínua é muito importante que é para nós estarmos sempre atualizadas, ainda mais agora que temos a parte informática, a net, aliás os miúdos são uma caixinha de surpresas que são cada vez mais curiosos” (DL-p.12-13).

Capítulo 3

3 - Discussão/Conclusão

Passamos agora a responder às questões anteriormente colocadas, discutindo os resultados obtidos à luz da literatura analisada.

1 - Porquê avaliar?

Nota-se uma preocupação nas entrevistadas com o bem estar físico, psicológico e cognitivo da criança. A grande maioria avalia porque quer saber se a criança aprende, se os objetivos planeados foram alcançados, para “ver se houve ou não evolução nas falhas que se foram apontando ao longo do período” (SL) e como refere a entrevistada L “temos uma visão muito clara acerca do desenvolvimento de cada criança, quais são as competências onde ela tem mais facilidade e mais dificuldade”. Ao avaliar a educadora está a tomar consciência daquilo que a criança já sabe, melhora a qualidade do ensino no pré escolar reconhecendo o trabalho da educadora de infância criando o ato educativo a pensar nas necessidades e interesses do grupo e de cada criança.

Com as Orientações curriculares a educadora já tem a sua orientação para avaliar a criança sem restrições. Mas avaliar não é só observar pois segundo Tyler (1949) citado por Pacheco (1996) avaliar é saber se os objetivos que estão no currículo foram alcançados o que vai atribuir uma nota ao aluno, o que para Ribeiro e Ribeiro (1989) o avaliar será o que prepara e dá andamento ao processo de ensino-aprendizagem verificando também o seu aperfeiçoamento.

Na educação pré escolar começa-se por uma avaliação diagnóstica no início do ano letivo para, segundo Rosales (1992) conhecer as aprendizagens existentes para se dar início a novas aprendizagens ou seja começar com a avaliação formativa que como refere Saiven (1967) citado por Abrecht (1994), faz parte do processo educativo

2 - O que avaliar?

Fazendo uma apreciação aos resultados notamos que todas as entrevistadas avaliam o que planificam, desde os objetivos às atividades “nós avaliamos aquilo que planificamos” (SL). A entrevistada S dá importância à avaliação da aprendizagem porque é para “ter a certeza de que ela não tem dificuldades naquilo que tentei transmitir”; já a entrevistada L faz referência aos objetivos que estão nas Orientações curriculares porque “abrange todas as áreas de desenvolvimento da criança”, e tem objetivos para a educadora se orientar. A educadora tem que avaliar tudo o que faz parte do quotidiano da criança e não só dentro da sala mas também o seu meio físico e social, o meio familiar para que se proporcionem aprendizagens significativas e diversificadas. A avaliação, atualmente é indispensável em

qualquer atividade educativa e segundo as Orientações curriculares “avaliar o processo e os efeitos, implica tomar consciência da ação para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo e à sua evolução”.

3 - Quais os instrumentos a utilizar?

Todas as entrevistadas opinam que utilizam fichas de livros ou que elas próprias constroem. São usados também os registos e a observação direta, enquanto que a entrevistada D faz referência às filmagens, vídeos fotografias e a entrevistada S refere que “ primeiro tenho a criança, e depois a sala”. Ficou patente que as educadoras entrevistadas preferem o trabalho com o grupo do que “escrever, escrever” (S). Esta diversidade de técnicas/instrumentos que são utilizados vai permitir à educadora de infância conhecer melhor a criança obtendo mais informação para planear o ensino-aprendizagem.

A própria avaliação é um instrumento que serve para orientar a prática pedagógica

4- Com que periodicidade se deve avaliar?

No entender das entrevistadas A, SL, D avaliar trimestralmente é suficiente mas segundo as entrevistadas DL, F, L, S e AS é uma avaliação diária que se deve fazer pois “ ao observarmos a criança e ao estarmos com ela todos os dias apercebemo-nos de coisas que ela...ou de competências ou de objetivos que ela adquire” (AS). É preciso que a educadora tenha a preocupação em avaliar o desenvolvimento e as aprendizagens na criança através, como é referido na Circular nº4/DGIDC/DSDC/2011, que a avaliação na educação pré escolar assume uma “dimensão marcadamente formativa” sendo uma avaliação contínua. Abrecht (1994), refere a sua função de apoio e estímulo, levantando e criando questões no processo do ensino-aprendizagem.

A avaliação formativa é um processo que implica o desenvolvimento de estratégias tendo em atenção as características de cada criança, e o avaliar vai ter em conta a observação contínua dos progressos da criança tendo como objetivo a recolha de informação para o planeamento da ação educativa.

Ao construir o seu currículo a educadora engloba a avaliação da criança como refere Zabalza (1992) e as metas que se desejam alcançar e tudo o que é previsto para as alcançar como a planificação.

Portanto, o avaliar é sempre importante pois só avaliando a educadora terá informações para avançar no processo de ensino-aprendizagem.

3.1 - Conclusão

A criança tem uma especificidade e unicidade amplamente reconhecida atualmente. É considerada um pequeno ser humano capaz de melhorar a nossa sociedade, cabendo-nos a nós pais, encarregados de educação, instituições, jardins de infância, educadoras de infância,

proporcionar-lhes no seu dia a dia uma qualidade educativa. O jardim de infância tem como objetivo primordial dar essa qualidade à criança para ter um desenvolvimento integral.

Ao tentar encontrar respostas para as questões que orientaram este estudo, não foi finalidade desta investigação encontrar os melhores ou novos métodos de avaliação para a educação pré escolar mas sim estimular e motivar as colegas educadoras a avaliarem sempre a criança qualitativamente, reforçando a existência de fatores que vão engrandecer a aprendizagem da criança.

Mas somos obrigadas a refletir sobre o que é importante avaliar na criança, e a educadora tem um papel fulcral nesse processo pois é a avaliação que leva a que a educadora realize um bom ensino-aprendizagem. Faz refletir sobre as dificuldades originando novas estratégias.

Assim, constatamos que todas as educadoras de infância que fizeram parte desta investigação sempre avaliaram e avaliam o seu grupo de crianças, “estamos sempre a avaliar a criança, diariamente”, (AS-p.3). É utilizada uma avaliação diagnóstica “no início do ano e depois ao longo do ano uma avaliação formativa e sempre depois uma avaliação final”, (DL-p.7). É necessária uma maior participação dos pais na vida educativa dos seus filhos, e ao mesmo tempo a educadora informar os encarregados de educação dos progressos acontecidos porque afinal a educação de infância é o início da fase mais importante na nossa formação.

É reconhecido o papel da planificação para que o ensino-aprendizagem resulte com a participação ativa da criança porque “nós ao planificarmos estamos sempre a ter em atenção as necessidades das crianças e ao planificarmos conseguimos orientar melhor o plano que nós nos propusemos trabalhar durante o ano “ (DL- p.4).

Quanto à formação inicial dos educadores de infância, nenhuma das entrevistadas achou que fosse o suficiente, excetuando a entrevistada DL, sendo necessário haver mais prática e deixar de existir tanta teoria, “a minha formação inicial acho que foi muito insuficiente, teve muita teoria” (S - p.10). A formação contínua, teremos que ser nós educadoras de infância a lutarmos por ela, pois uma formação contínua adequada, existe um desenvolvimento pessoal, profissional e social de qualidade.

3.2 - Limitações do estudo

O presente estudo apresenta limitações relativamente ao número reduzido de sujeitos entrevistados, ao facto de trabalharem em instituições particulares e ser realizado apenas numa cidade.

Seria interessante alargar este estudo a outras zonas do país, a diferentes instituições, além das particulares poderiam também participar jardins de infância oficiais.

Referências

- Abrecht, R. (1994). *A Avaliação formativa*. Edições ASA.
- Benavente, A. (2001). Portugal, 1995/2001: reflexões sobre democratização e qualidade na educação básica. *Revista Ibero americana n°27*, 99-123.
- Cardinet, J., Allal, L., & Perrenoud, P. (1986). *A Avaliação formativa num ensino diferenciado*. Livraria Almedina. Coimbra.
- Cardona, M. (1997). *Para a história da educação de infância em Portugal: o discurso oficial (1834-1990)*. Porto: Porto editora.
- C. E. I. (2012). Infância na europa. *Publicação Quadrimestral n°96 maio/agosto*. Edição: APEI. Lisboa.
- Château, J. (1975). *A Criança e o jogo*. Coimbra: Atlântida Editora. S.A.R.L.
- Chizzotti, A. (2003). A Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. *Revista portuguesa de educação, 16, II*. 221-236.
- Circular n°4/DGIDC/DSDC/2011. (Avaliação na educação pré escolar)
- Circular n°17/DSDC/DEPEB/2007. (Gestão do currículo na educação pré escolar).
- Coménio, J. A. (s/d). *Didática Magna*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Declaração dos Direitos das Crianças. (1959).
- Decreto - Lei n°75/ 2010. (Procede à décima alteração ao Estatuto da Carreira dos Educadores de Infância e dos Professores do Ensino Básico e Secundário).
- Decreto - Lei n°241/2001, de 30 de agosto. (Perfil Especifico de Desempenho Profissional do Educador de Infância e do Professor do 1ºciclo do Ensino Básico).
- Deusdado, F. (1995). *Educadores portugueses*. Porto: Lello & Irmão - Editores.
- Dewey, J. (1965). *Vida e educação*. São Paulo: Edições Melhoramentos. 5ª edição.
- Ferreira, M. (1989). *O Fio da meada*. Lisboa: Edições ASA.
- Formosinho, J. (1996). *Educação pré escolar: primeira etapa da educação básica*. Lisboa: Editora Noesis.
- Formosinho, O. J. (org.). (2002). *A Supervisão na formação de professores I - da sala à escola*. Porto: Porto Editora.
- Formosinho, O. J. (org.). (2007). *Modelos curriculares para a educação de infância - construindo uma práxis de participação*. Porto: Porto Editora. 3ª edição.
- Gomes, J. F. (1986). *A Educação infantil em Portugal*. Instituto nacional de investigação científica. 2ª edição.
- Gonçalves, J. A. (2009). Desenvolvimento profissional e carreira docente - fases da carreira, currículo e supervisão. *Sísifo/Revista de ciências da ciência n°8 janeiro/abril*. Universidade do algarve.
- Grácio, R. (2001). *Educação e educadores*. Lisboa: Livros Horizonte, Lda. 3ª edição.
- Hohmann, M., & Weikart, D. (1997). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Lei nº5/97, de 10 de fevereiro. (Lei-Quadro da educação pré escolar).

Lei nº46/86, de 14 de outubro.(Lei de Bases do Sistema Educativo).

Lei nº49/2005, de 30 de agosto. (Lei de Bases do Sistema Educativo, republicada e renumerada).

Lei nº 85/2009, de 27 de agosto. (Estipula a obrigatoriedade da frequência da educação pré escolar aos cinco anos de idade).

Leite, C., & Lopes, A. (2007). *Escola, currículo e formação de identidades*. Lisboa: Edições ASA.

Lemos, V. V., Neves., Campos, C., Conceição, J. M., & Alaiz, V. (1994). *A Nova avaliação da aprendizagem - o direito ao sucesso*. Lisboa: Texto Editora.

Ludovico, O. (2007). *Educação pré escolar: currículo e supervisão*. Porto: Editorial novembro.

Messick, R. G., Paixão, L., & Bastos, L. R. (1980). *Currículo: análise e debate*. Rio de Janeiro: Zaltar Editores. 2ª Edição.

Ministério da Educação. (1997). *Orientações curriculares para a educação pré escolar*. Lisboa.

Ministério da Educação. (2000). *A Educação pré escolar e os cuidados para a infância em Portugal*. Relatório preparatório. Lisboa, departamento da educação básica.

Monteiro, A. R. (2001). *Educação da europa*. Porto: Campo das letras-Editores S.A.

Montessori, M. (1948). *A Descoberta da criança*. Lisboa: Portugália Editora.

Nóvoa, A. (1991). *Um Tempo de ser professor*. Lisboa: Publicações Dom Quixote. 2ª Edição.

Pacheco, J. A. (1996). *Currículo: teoria e prática*. Porto: Porto Editora.

Pacheco, J. A. B. (1993). *O Pensamento e a ação do professor em formação*. Vol. I/1. Dissertação de Doutoramento. Instituto de Educação - Universidade do Minho, Braga, Portugal.

Ribeiro, A. C., & Ribeiro, L. C. (1989). *Planificação e avaliação do ensino-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Ribeiro, A. C. (1990). *Desenvolvimento curricular*. Lisboa: Texto Editora.

Rousseau, J. J. (1981). *Emílio, o de la Educación*. Madrid: Ediciones, Distribuciones, S.A.

Rosales, C. (1992). *Avaliar é refletir sobre o ensino*. Lisboa: Edições ASA.

Sousa, A. B. (2009). *Investigação em educação*. Lisboa: Editora- Livros Horizonte. 2ª Edição.

Spodek, B. (org.), (2002). *Manual de investigação em educação de infância*. Lisboa: Edição da fundação Calouste Gulbenkian.

Tomás, C. A. (2002). Infância como um campo de estudo multi e interdisciplinar: algumas reflexões. Revista do Departamento de Psicologia e Educação. Universidade da Beira Interior. Vol.I, nºs 1e 2. 131- 146.

Vasconcelos, T. (1990). Imaginar o Currículo. *Cadernos de Educação de Infância*. Nº13. 18-20.

Vial, J., & Mialaret, G. (s/d). *História mundial da educação IV - de 1945 aos nossos dias*. Porto: Rés - Editora, Lda.

Viana, T. V., Ciasca, M. I. F. L., & Sobral, A. E. B. (orgs.). (2010). *Múltiplas dimensões em avaliação educacional*.

Vilar, A. M. (1994). *Currículo e ensino - para uma prática teórica*. Lisboa: Edições ASA.

Vilarinho, M. E. (2001). E...depois da paixão? Contributo para a análise sociológica das políticas de educação pré escolar em Portugal. *Revista Educação, Sociedade & Culturas*, nº17, 89-111.

Zabalza, M. A. (1992). *Didática da educação infantil*. Lisboa: Edições ASA.

Anexos

Tópicos	Questões possíveis
I. Currículo	<p>1. Como estrutura o currículo?</p> <p>2. De que forma considera que o currículo estruturado a ajuda na sua atividade diária?</p> <p>3. Na sua opinião, qual é a finalidade de um currículo na educação de infância?</p>
II. Planificação	<p>4. Quais os itens que privilegia nas planificações que faz?</p> <p>5. Em que medida considera que essa planificação é um importante componente do ensino?</p> <p>6. De que forma a planificação promove o controlo do processo da aprendizagem?</p>
III. Ensino-aprendizagem e avaliação	<p>7. A avaliação no pré escolar é sempre um tema atual, interessante mas que suscita muitas dúvidas aos educadores de infância. Quer comentar?</p> <p>8. Que metodologias privilegia na avaliação?</p> <p>9. O que considera importante avaliar?</p> <p>10. Com que periodicidade a avaliação deve ser feita?</p> <p>11. Que tipos de avaliação utiliza na sua prática pedagógica?</p> <p>12. Que relação estabelece entre planificação e avaliação?</p> <p>13. Quais os objetivos que quer alcançar ao avaliar a criança?</p> <p>14. De que forma considera que a avaliação a</p>

	<p>ajuda no processo de ensino-aprendizagem?</p> <p>15. Quais os instrumentos que tem ao seu dispor para realizar a avaliação?</p> <p>16. Comenta-se que o jardim de infância só serve para as crianças brincarem. Qual é o papel que o "jogar" desempenha nas aprendizagens da criança?</p>
<p>IV. Formação dos educadores e organização do processo de ensino-aprendizagem</p>	<p>17. Faça uma apreciação da sua formação inicial tendo em conta as exigências que a organização do ensino-aprendizagem hoje exige.</p> <p>18. Qual a sua opinião sobre a importância da formação contínua nestas matérias?</p>

Guião de entrevista e respostas da entrevistada

Entrevistadora (E) - Boa tarde, obrigada pela ajuda que me estás a dar.

Como estrutura o currículo? Como fazes o currículo?

Entrevistada (SL) - O currículo...é assim...é feito à base de planificação, é ter um projeto geral da Instituição que é comum a todas as salas da Instituição, mediante esse projeto acabamos por ter de fazer...pronto...uma abordagem mais específica com o grupo com que estamos a trabalhar. É mais ao nível das planificações com temas que desenvolvemos consoante a idade etária que trabalhamos, neste momento estou com os 5/6 anos.

E - De que forma considera que o currículo estruturado a ajuda na sua atividade diária?

SL - Havendo uma maior estruturação da nossa atividade acabamos por ter um desempenho mais positivo com o grupo das crianças que temos connosco; acabamos por desenvolver a atividade que queremos de uma forma mais estruturada com os meios que estão ao nosso alcance...pronto...de uma forma mais organizada.

E - Na sua opinião, qual é a finalidade de um currículo na educação de infância?

Ajuda não ajuda a educadora?

SL - Ajuda porque a nossa atividade com as crianças precisa de estar estruturada não é só o brincar que a criança precisa de ter na Instituição. A criança precisa de aprender e aprende a brincar ou seja até aos 6 anos é quando as principais bases de uma verdadeira educação estão bem assentes para mais tarde, ao nível de escola terem sucesso e claro...temos que ter o trabalho bem estruturado se não, não conseguíamos.

E - Quais os itens que privilegia nas planificações que faz?

SL- Nós, nas nossas planificações acabamos por ter os objetivos gerais do tema, temos um tema a ser trabalhado consoante o mês em que estamos depois desse tema temos os vários objetivos, ao nível da linguagem, da psicomotricidade, ao nível da criatividade...pronto...vários itens, tendo em conta também o material a utilizar e também, basicamente, a parte prática, fichas, pinturas, ou seja tudo o que utilizamos para transmitir o que pretendemos.

E - Em que medida considera que essa planificação é um importante componente do ensino?

Se planificar, ajuda-nos a ensinar senão planificamos como é que ficamos? É importante planificar ou não?

SL - Planificar para que os temas e aprendizagens que as crianças atinjam sejam sólidos, tem que haver uma certa orientação. Eles (crianças) estão a entrar na escola, queremos que eles tenham por exemplo a motricidade fina mais desenvolvida, ou seja, temos que trabalhar essa parte desde o mais pequeno (3 anos) até chegarmos ao final (6 anos). Tem que ser mesmo estruturada é fundamental.

E - De que forma a planificação promove o controlo do processo da aprendizagem?

SL - Promove o controlo porque mediante a planificação sabemos se os itens são atingidos ou não; se não são atingidos temos que voltar a insistir...é mais nessa situação.

E - A avaliação no pré escolar é sempre um tema atual, interessante mas que suscita muitas dúvidas aos educadores de infância. Quer comentar?

SL - É muito complicado avaliar uma criança que está numa fase de aprendizagem constante; é complicado nós estarmos sujeitos a uma determinada série de itens que as crianças têm de cumprir obrigatoriamente e termos de avaliar nesse sentido porque cada criança é única, as aprendizagens não são...podem não ser atingidas da mesma forma para todas as crianças, está bem que a maneira que nós tentamos transmitir as aprendizagens seja igual mas eles captam-na de maneira diferente, portanto é muito complicado nós termos uma perceção se a criança atingiu ou não esses conhecimentos; portanto é ao longo, no meu entender, ao longo de todo o ano é sempre um evoluir de situações, portanto assim não podemos quebrar e dizer que a criança atingiu determinado parâmetro e está atingido, mas é uma avaliação constante. Tudo o que nós aprendemos no princípio do ano letivo tem que ser solidificado até ao final...portanto é isso.

E - Que metodologias privilegia na avaliação?

Para avaliá-los...

SL - É assim para avaliar...se a criança atingiu ou não...pronto...faço uma avaliação trimestral inicial, faço uma avaliação quando a criança vem para o jardim.

E - Sei que vocês no jardim utilizam esse método.

SL - Sim, sim. Inicialmente se a criança já está connosco pelo menos há um ano, acabamos por saber o que a criança sabe ou não, temos uma ficha de diagnóstico no princípio do ano para ver se a criança tem adquirido determinadas competências, a partir daí mediante o projeto que nós estabelecemos para a sala tentamos colmatar as falhas e fazê-las evoluir; a avaliação que fazemos acaba por ser uma ficha trimestral com uma série de itens que valorizam a identidade e a autonomia pessoal.

E - O que considera importante avaliar?

O que acha que é importante avaliar na criança?

SL - Avaliar a sua autonomia, avaliar a questão da socialização o meio físico e social em que ela está inserida, avaliar o modo como ela fala, a linguagem, a comunicação.

E - Ou seja, no seu global?

SL - Sim no seu global pois não podemos separar os itens.

E - Com que periodicidade a avaliação deve ser feita?

SL - No meu entender...trimestralmente. De uma forma informal, nada de estipulado...pronto...numa ficha...

E - Chega, só ser trimestralmente?

SL - No nosso caso a Instituição acaba por ter um contacto com os pais um bocado privilegiado e durante os dias os pais acabam por ter conhecimento de tudo o que a criança faz. Portanto, esta avaliação acaba por ser só mais um assentar de ideias porque diariamente

os pais acabam por ter acesso aos trabalhos que os filhos fazem, acabam por ter essa interação, essa informação, portanto acaba por ser mais um protocolo.

E - Que tipos de avaliação utiliza na sua prática pedagógica?

Além da diagnóstica que já falou, ao longo do ano.

SL - Faço...pronto...temos uma série de itens que temos estipulados na nossa planificação e então é dada a informação aos pais, se é atingido ou não, coisas a melhorar e sempre com ajuda deles.

E - Se formos ver está a fazer uma avaliação formativa ao longo do ano, está sempre a avaliar a criança?

SL - É assim...pronto...sim, sim, acabamos por cair nessa perspetiva, à sempre uma avaliação constante apesar de durante o ano ser um bocadinho mais diária com os pais porque os pais também gostam de saber o que fazem se fizeram bem se fizeram mal e depois...pronto...no final do ano estão atentos para verem se houve ou não evolução nas falhas que se foram apontando ao longo do período.

E - Que relação estabelece entre planificação e avaliação?

SL - É assim, nós avaliamos aquilo que planificamos. Nós não podemos avaliar aquilo que não está planificado portanto a avaliação é um complemento da planificação.

E - Quais os objetivos que quer alcançar ao avaliar a criança?

SL - Ou seja, os objetivos que queremos alcançar...

E - Ao avaliar a criança.

SL - Os objetivos gerais que nós temos, que propomos para o nosso projeto e passo a citar que é, promover e desenvolver o desenvolvimento pessoal e social da criança com base em experiências de vida; fomentar a inserção da criança em grupos sociais diversos; contribuir na igualdade de oportunidades no acesso à escola e o sucesso das aprendizagens e estimular todo o desenvolvimento global respeitando as suas características individuais, ou seja, tendo como base as Orientações Curriculares.

E - Sim, as orientações curriculares são para o educador a única orientação?

SL - Sim, sim, principalmente nas instituições particulares.

E - De que forma considera que a avaliação a ajuda no processo de ensino-aprendizagem?

SL- Ajuda-nos a estruturar a nossa prática pedagógica para com as crianças, ajuda-nos a estruturar o nosso dia a dia, a nossa rotina diária, ajuda a estruturar o pensamento da criança...no final de contas a desenvolver de uma forma estruturada todas as aprendizagens que nós queremos transmitir.

E - Quais os instrumentos que tem ao seu dispor para realizar a avaliação?

Ao fazer a avaliação utiliza o que?

SL - Além da observação direta...pronto...se elas estão ou não interessadas quando se explica a atividade no principio do dia, a forma como elas a desenvolvem, fichas que são feitas para esse efeito, fichas ou outro tipo de atividade seja pintura, música...

E - É a instituição que faz as fichas ou são vocês?

SL - Somos nós que fazemos as fichas consoante o tema que temos e adaptamos o tema a cada faixa etária.

E - Comenta-se que o jardim de infância só serve para as crianças brincarem. Qual é o papel que o "jogar" desempenha nas aprendizagens da criança?

SL - É a jogar que a criança aprende. O jardim de infância já não pode ser visto como um simples depósito; tornou-se...esta visão...já não vai ser tão...assim...mas é a brincar que a criança aprende; portanto é fundamental que a criança e nós como educadoras termos essa facilidade, ajudar a criança a aprender mas de uma forma lúdica, portanto, alertar os pais e fazer entender aos pais que as crianças estão connosco até à idade de 5 anos mas que as aprendizagens que fazem no jardim de uma forma lúdica são aquelas que lhe vão ficar como base para o resto da vida, há que valorizar esses tipos de aprendizagens e a colaboração dos pais e entender que o jardim de infância e a função da educadora é promoverem a educação da criança e promover a aprendizagem da criança.

E - Faça uma apreciação da sua formação inicial tendo em conta as exigências que a organização do ensino-aprendizagem hoje exige.

SL - É muito diferente... isto desde que se começa a trabalhar até que se chega...no meu caso, a 12 anos de trabalho nota-se há uma diferença muito grande da nossa prática pedagógica que há alturas em que temos que adequar e estar mais atentas a tudo o que sai e à formação contínua que é necessário haver porque as crianças de hoje exigem muito mais de nós, exigem outro tipo de competências, outro tipo de objetos de ensino e meios que eles têm a nível de meio familiar que eles têm e que é mais exigente para nós e por isso exige que o educador esteja em constante aprendizagem.

E - Qual a sua opinião sobre a importância da formação contínua nestas matérias?

SL - Havia de ser mais porque as crianças estão numa capacidade...pronto...são seres que querem mais, mais e nós temos que estar em constante formação porque temos que os acompanhar.

E - Porque hoje em dia...à anos atrás não havia computadores?

SL - Por um lado é bom mas por outro, estão a perder também os valores...é assim, a criança ao ter tudo não quer dizer que seja mau, há evolução e temos que acompanhar essa evolução porque daqui para a frente vão para a escola e seguem...pronto...toda a vida que têm pela frente exige, é mais exigente para eles e à que haver uma correta...não ser só evolução da maneira como está a ser; é assim...darmos às nossas crianças...

E - Tem que haver limites?

SL - Sim, dizer que há, há tecnologia, há computador há um dvd mas há outras coisas que têm que ser valorizadas porque o que eu noto de há uns anos para cá é que as crianças não se contentam com nada, elas neste momento...há crianças que têm tudo já não há nada com que os possamos cativar; uma história que antes contávamos na manta eles deliciavam-se e ficava-lhes na mente e agora é muito mais complicado eles não valorizam determinadas coisas. Há que valorizar sim a tecnologia mas não deixando outros valores para trás.

E - Tipo a família?

SL - Sim, como a família e a família tem que ser essa base de ligação, nós tentamos ser, mas a família tem mesmo que ajudar porque se não essa ligação perde-se muito.

E - Obrigadinha!

Guião de entrevista e respostas da entrevistada

Entrevistadora (E) - Boa tarde, obrigada pela disponibilidade.

Como estrutura o currículo?

Entrevistada (A) - O currículo é estruturado assim...de forma...no início do ano letivo é elaborado um projeto pedagógico que...portanto se adequa adapta a toda a Instituição a todas as valências, creche, jardim de infância e atl. Depois consoante a faixa etária de cada criança é adaptado a essa faixa etária.

E - De que forma considera que o currículo estruturado a ajuda na sua atividade diária?

A - Ajuda na atividade diária porque é a partir desse currículo, do projeto que nós vamos fazer a planificação semanal das atividades e tentamos ir sempre de encontro a esse projeto definindo objetivos para depois serem cumpridos, alcançados por parte das crianças.

E - Na sua opinião, qual é a finalidade de m currículo na educação de infância? Ajuda, não ajuda o que acha?

A - Eu acho que ajuda porque traçamos logo inicialmente e definimos aquilo que iremos trabalhar ao longo desse ano letivo e definimos metas, objetivos que pretendemos alcançar e conseguimos uma melhor orientação para trabalhar o plano com as crianças.

E - Quais os itens que privilegia nas planificações que faz?

A - Os itens...as atividades que vão ser feitas, neste caso, nós fazemos semanalmente, definem-se os objetivos que se pretendem com essas atividades e definimos também...depois vemos se realmente se concretiza se consegue ou não também na planificação constam os materiais que vão ser usados para fazerem as atividades e os recursos, a nível dos recursos humanos, pronto... se trabalhamos só na Instituição e se na sala só trabalha a educadora e auxiliar conjuntamente com as crianças ou se vamos também para o exterior e vem alguém de fora em estruturação com outras entidades como a Camara Municipal e se define uma atividade fora da instituição.

E - Nessa planificação está a avaliação que é feita?

A - Na planificação não consta a avaliação, nós planificamos as atividades depois quando se faz a avaliação no final do trimestre tem-se em conta a planificação.

E - Em que medida considera que essa planificação é um importante componente do ensino? Neste caso, planificação semanal.

A - Sim, é importante. Considero que é importante uma vez que...pronto...nós baseamo-nos nela para trabalhar e também penso que é importante, como é fixada na sala os pais acabam por ter conhecimento das atividades que se estão a realizar nessa semana.

E - Têm contacto diário?

A - Há contacto diário e por vezes há diálogo e se nós não estamos eles ao verem a planificação acabam por ter um conhecimento daquilo que se faz na sala durante essa semana o tema que se trabalha.

E - De que forma a planificação promove o controlo do processo da aprendizagem?

A - Promover o controlo do processo...acho que é sempre positivo e promove na medida em que nós tentamos alcançar os objetivos que estão lá definidos. Trabalhamos com as crianças embora por vezes não se consiga logo ali naquela semana, mas também os objetivos por vezes repetem-se em relação às atividades, por exemplo em relação ao nível da motricidade dá para trabalhar e trabalhamos diversas atividades e acabamos por tentar alcançar de alguma forma aquilo que se pretende, os objetivos que estão definidos.

E - A avaliação no pré escolar é sempre um tema atual, interessante mas que suscita muitas dúvidas aos educadores de infância. Quer comentar?

A - A avaliação no pré escolar é sempre positiva fazê-la até mesmo para com os pais, para eles terem noção do desenvolvimento da criança e para nós também é positivo fazê-lo.

E - É fácil avaliar uma criança?

A - É assim, a gente conhece e vamos vendo o desenvolvimento e...pronto acabamos por conseguir fazê-lo. Fácil...por vezes pode haver uma questão ou outra que suscita alguma dúvida e muitas vezes é até conversando entre a família e nós educadoras que conseguimos chegar a uma conclusão.

E - Que metodologias privilegia na avaliação?

A - É assim...a nível de metodologias nós avaliamos e vamos de encontro às Orientações curriculares e temos a área de formação pessoal e social, a área do conhecimento do mundo e a área das expressões. Nós fazemos de acordo com as Orientações curriculares e definimos depois em cada subárea os objetivos que estão definidos nas Orientações.

E - O que considera importante avaliar?

A - Nós desenvolvemos um todo, a parte cognitiva, a parte pessoal, a afetiva da criança, eu acho que todas se complementam umas às outras e que será uma avaliação global que se faz e elas são todas importantes e estão relacionadas umas com as outras.

E - Complementam-se?

A - Exato.

E - Com que periodicidade a avaliação deve ser feita?

A - Nós fazemos trimestralmente, penso que é suficiente. É feita no natal, páscoa e final do ano e depois há sempre troca de informação com os pais, diariamente e acaba por facilitar um bocado.

E - Que tipos de avaliação utiliza na sua prática pedagógica?

A - A avaliação que utilizo...é resultante de uma observação direta e presente da criança no dia a dia, através de registos que a gente vai utilizando no dia a dia, vamos vendo o que queremos avaliar vamos fazendo o registo e existem as fichas onde nós registamos essa avaliação.

E - Essas fichas quem faz?

A - E essas fichas somos nós educadoras que as fazemos.

E - E no início do ano, não fazem uma avaliação?

A - Inicialmente costumamos fazer para ver como está a criança também depende se a criança já vem conosco do ano anterior ou se é a primeira vez, ou se é o grupo que vamos apanhar.

E - Que relação estabelece entre **planificação e avaliação**?

A - Planificação e avaliação...a planificação já contém a parte...ao planificarmos, planificamos para alcançarmos objetivos logo, temos que fazer a avaliação do objetivo se foi alcançado ou não, portanto tem de haver uma relação direta entre planificação e avaliação.

E - Quais os **objetivos que quer alcançar ao avaliar a criança**?

A - Quero alcançar os objetivos que estão definidos nas Orientações curriculares e que nós definimos nas planificações.

E - Engloba tudo e tem que ser tudo trabalhado?

A - Exato.

E - De que forma considera que a avaliação a ajuda no processo de ensino-aprendizagem?

A - Ajuda no ensino-aprendizagem. Nós ao fazermos a avaliação conseguimos definir se a criança alcançou ou aprendeu os objetivos ou não, se a criança não tem aqueles alcançados então vamos novamente trabalhar, insistir para alcançar e conseguir definir os objetivos.

E - Quais os instrumentos que tem ao seu dispor para realizar a avaliação?

A - As fichas; as fichas que são feitas e que depois são registadas através da observação feita às crianças e não só das Orientações curriculares, também temos fichas de livros adaptadas à idade das crianças, às faixas etárias.

E - são livros que vocês adotam?

A - Sim, sim; são livros que adotamos cada ano e há vários livros que têm definidas as fichas para fazer a avaliação e em termos de objetivos adaptam-se também a cada idade.

E - Comenta-se que o jardim de infância só serve para as crianças brincarem. Qual é o papel que o "jogar" desempenha nas aprendizagens da criança?

A - O jogar é interessante porque é através do jogar que eles desenvolvem imensas capacidades. Agora é assim...o jardim de infância não serve só para as crianças brincarem. As crianças aprendem através da brincadeira e nós devemos explorar isso; num jogo de bola podemos explorar a contagem, podemos explorar a socialização entre crianças...portanto a brincadeira leva depois a que as crianças aprendam e nós conseguimos inculcar.

E - Há uma psicóloga, Portugal, deu-me aulas conhecês?

A - A Isabel?

E - Sim, dizia "deixem brincar as crianças!", mas depois poe-se um problema as crianças estão a brincar e os pais dizem que brincam o dia todo. O que a educadora diz a esses pais?

A - Explicamos aos pais que não é só brincadeira, quando estão na brincadeira podemos aproveitar e explorar várias competências, vários temas mas claro que tem que

haver um trabalho que está definido que está planificado e com os pais, em conjunto com os pais.

E - Faça uma apreciação da sua formação inicial tendo em conta as exigências que a organização do ensino-aprendizagem hoje exige?

Saíste com o bacharelato?

A - Não já saí com a licenciatura. Eu acho que é assim...claro que a gente sai e traz um conjunto de conhecimentos que depois queremos aplicar e ensinar às crianças.

E - São suficientes para ensinar hoje?

A - Não, não são suficientes para trabalhar hoje em dia com as crianças, se não nos formos atualizando se não formos frequentando ações de formação acho que não, temos que acompanhar a evolução da sociedade e se nós não procurarmos a formação e não nos mantivermos atualizadas não conseguimos acompanhá-los.

E - Qual a sua opinião sobre a importância da formação continua nestas matérias?

A - Acho muito positiva e acho que deve ser feita, temos que sempre que possível frequentar e fazer ações de formação porque acho que é para nos valorizar o trabalho para acompanharmos as crianças indo de encontro à evolução. Hoje em dia as crianças exigem mais e mostram-nos que têm mais conhecimentos; lidam muito com a parte da informática e se nós não evoluirmos não os acompanhamos.

E - Nós como educadoras não sabemos tudo, mas as crianças querem sempre respostas para tudo.

A - Pois as crianças querem sempre respostas para tudo e daí o ser muito importante irmos atualizando os nossos conhecimentos e frequentar as ações de formação.

E - Obrigadinha e se precisares de qualquer coisa...

Guião de entrevista e respostas da entrevistada

Entrevistadora (E) - Olá, boa tarde, obrigada pela disponibilidade. Como estrutura o currículo?

Entrevistada (S) - Eu acho que em primeiro lugar antes de usar a metodologia que seja, planificamos um currículo temos que ter em conta o grupo que temos, o nº de crianças estudar um bocadinho o grupo e a partir daí descobrir qual a melhor vantagem de organizar um currículo. Pode ser de uma maneira mais fácil, pode ter etapas mais complicadas mas geralmente é o projeto pedagógico, as...

E - planificações?

S - ... planificações semanais, não quer dizer que se cumpram porque aqui nem sempre podemos ter uma planificação rígida, que chegamos aqui de manhã e vamos fazer aquilo...às vezes o grupo não está disposto a isso e temos que passar para outra etapa. Então temos o projeto pedagógico, o projeto anual, as planificações; se bem que este ano, estou com os mais velhos e não estou a trabalhar o mesmo projeto que as colegas; os pais deram sugestões de temas,

E - 5/6 anos já é diferente...

S - Sim e temos um projeto, tento elaborar um miniprojecto para cada tema, fica mais simples.

E - E resulta?

S - Sim, resulta, sabes que os mais velhos têm que ter coisas diferentes, se são temas que eles gostam melhor ainda; os pais também participam muito com material, ideias, são uns pais muito participativos.

E - De que forma considera que o currículo estruturado a ajuda na sua atividade diária?

S - Ajuda-me muito. Como para as crianças é importante a rotina no jardim de infância para mim o currículo ajuda-me a sentir-me mais segura dentro do grupo e às vezes se tenho aquelas quebras é mais fácil retomar ao trabalho.

E - Na sua opinião, qual é a finalidade de um currículo na educação de infância?

S - Acho que a finalidade de um currículo na educação de infância, primeiro, primeiro é a estabilidade que dá, a organização. Num grupo de crianças, interessa-te a ti ter um currículo como profissional, as crianças não querem saber se tens currículo ou não, têm é que aprender. É mais importante para nós mesmo que não o fizermos no papel. O mais importante está lá, neles, e eles aprendem, então o processo ensino-aprendizagem é concretizado, o currículo é importante para nós profissionais.

E - Para a construção desse currículo baseias-te em que?

S - Baseio-me primeiro nas orientações curriculares porque apesar de tudo o que já tenha saído é o mais completo e que nos ajuda desde o meu tempo de curso depois tanto adaptar ao grupo que tenho; nem todo o grupo é igual, às vezes temos um currículo para o jardim, mas dentro de cada sala cada uma trabalha da maneira que acha que o deve

trabalhar, adaptamos à idade e ao grupo em si. Por exemplo, neste grupo tenho 10 rapazes e 15 meninas é totalmente diferente, a atividade leva-se de maneira diferente do que se fossem 15 rapazes e 10 meninas que também já tive.

E - Quais os itens que privilegia nas planificações que faz?

S - Os objetivos primeiro que tudo, o tema, as estratégias, a avaliação que é contínua durante a atividade, não avalio só no final da atividade vou avaliando durante a atividade.

E - Em que medida considera que essa planificação é um importante componente do ensino?

S - É um importante componente do ensino no aspeto em que temos que chegar à conclusão se foi bem ou mal feita, bem ou mal elaborada, se foi bem elaborada eu tiro daí mais resultados e vejo uma satisfação diferente no grupo se penso que está bem elaborada e não está certa ou seja, se o grupo não interage é porque a planificação não foi correta e tenho que voltar atrás e fazer de maneira totalmente diferente que às vezes não são os livros que nos dão, são os miúdos que nos mostram como é que lá devemos chegar.

E - De que forma a planificação promove o controlo do processo da aprendizagem?

S - A planificação prévia que eu faço não é? E depois a avaliação final da atividade faz-me reconhecer se realmente o processo de aprendizagem foi concretizado, se as crianças através...eu tenho um objetivo quando faço a planificação, não quer dizer que no final da atividade esses objetivos tenham sido concretizados até posso ter concretizado outros que pensava não serem possíveis ou então posso não ter conseguido concretizar os que planifiquei inicialmente; também me permite uma reformulação do processo, do meu método de conhecimento e da maneira como eu permito as coisas às crianças.

E - Com a planificação que tu tens, só os objetivos que tu tens na planificação, o tema que tens na planificação, as atividades, só fazes isso?

S - Como assim?

E - O que tens planificado.

S - Não...sabes que não, não é possível seguir uma coisa tão rígida. Nós temos a planificação feita no papel mas quando estamos no ativo com as crianças a coisa muda de figura, não é? Podemos conseguir fazer a atividade de acordo, da maneira que estava prevista ou então ter que mudar a atividade e tens que repensar os objetivos na hora porque eles podem não estar dispostos para aquela atividade, pode haver um imprevisto qualquer seja físico ou...não é? Uma coisa presente, nós temos que ter a capacidade de sem mesmo com uma planificação feita previamente, consegui-la mudá-la no ato agora, claro que me permite controlar o processo de ensino-aprendizagem dos miúdos, não é? E até o meu, se estou a usar os métodos corretos, se estou a usar os objetivos...se os objetivos a que eu me propus são suficientes ou já precisamos de mais ou então são mais além do que este grupo precisa ou do que a criança precisa; permite um controlo a mim mais mental, não é? Porque a gente olha para as folhas e lê e tudo muito bem mas é um controlo mais de ver se estou a agir bem neste processo de aprendizagem com o grupo em questão.

E - A avaliação no pré escolar é sempre um tema atual, interessante mas que suscita muitas dúvidas aos educadores de infância. Quer comentar?

S - Primeiro que tudo acho, nós avaliamos muitas vezes o que vemos e outras vezes o que não vemos; corremos muito o risco disso acontecer por isso é que eu inicialmente disse que o currículo deve ser quando nós já temos um conhecimento básico do grupo.

E - E esse conhecimento fazes como?

S - Faço uma avaliação das crianças...

E - Tipo uma avaliação diagnóstica?

S - Avaliação diagnóstica ou precoce também podemos fazer, dependendo do grupo que temos, do tipo de pais; corremos muito o risco (acho eu) de sermos muito injustas, não sei, em alguns tipos de avaliação que fazemos;

E - Os pais participam?

S - Os pais participam e este ano entreguei-lhes uma ficha, que não era uma pré avaliação era uma pré observação, no princípio do ano e no final do ano letivo passado levaram a ficha de avaliação e levaram também as presenças e as faltas porque às vezes os pais dizem ele veio e muitas vezes não veio e os pais perguntam porque não fez aquele trabalho e eu digo-lhe que não estive.

E - Que metodologias privilegia na avaliação?

S - Primeiro é a avaliação direta, os registos, os trabalhos, o livro de atividades que no currículo está...nós acrescentamos um livro de atividades, nós cada ano escolhemos um livro para seguir com eles e com as orientações curriculares também, este ano o dossier da escola que eles trouxeram, onde estão os grafismos, tudo o que esteja relacionado com as letras, com os números, o grafismo da letra, as lengalengas, os conjuntos, as seriações e depois estes trabalhos que estão nos placards que é mais de expressão plástica.

E - O que considera importante avaliar?

S - Primeiro que tudo não nos podemos esquecer de avaliar a criança pessoa, pois é muito importante só depois daí é que avaliamos...acho que vamos começar a avaliar o que é que ...o grau de desenvolvimento daquela criança dentro do nível etário em que ela se encontra se está bem se está mal, mas mesmo assim é complicado dentro disso porque há crianças que têm a mesma idade e são muito diferentes umas das outras e umas têm mais facilidade a nível da motricidade, das capacidades manipulativas, outras a nível do desenho, da linguagem oral, e, era isso que eu dizia anteriormente, que corremos o risco de se nos anteciparmos muito, estar a avaliar uma coisa que em 25 há numa criança.

E - Estás com os 5/6, então já viste que tens umas metas para atingir se elas vão para a escola primária e achas que estás a conseguir essas metas?

S - Estou a conseguir as metas pretendidas de etapa em etapa, não estou aqui para ensinar a ler ou a escrever; a nível da literacia, do som das palavras, da imagem visual da letra, a matemática não é só fazer contas, creio que a este nível o grupo está equilibrado e está a conseguir, há um ou dois com mais dificuldade, tenho um menino...já pedi a

intervenção precoce fomos à consulta e acharam que ele não necessitava só que eu não consigo ensinar-lhe as cores básicas nem os números até 5, não sabe não consegue.

E - Disseram que estava tudo bem?

S – Sim, fui eu com ele e com a mãe. No grupo da Filipa tinha uma menina com muitas dificuldades que na altura não consegui...pedi apoio, fui lá acima...

E - É estranho...

S – Fui com ele e disseram e disseram que não precisava de intervenção precoce...

E - Fizeste um relatório?

S – Fiz um relatório e fui com ele à consulta, esteve comigo e depois esteve com a mãe com a educadora de educação especial com a pediatra (espanhola) e psicóloga...

E - Com que periodicidade a avaliação deve ser feita?

S - Nós, para nós profissionais devemos fazer-la todos os dias, não quer dizer que fazer-la no papel mas ao chegar ao fim do dia...mas acho que isso é inconsciente nosso, tomamos consciência que aquilo não correu tão bem, não damos tanta atenção àquele menino ou àquela menina como poderíamos ter dado, acho que isso é uma avaliação nossa. Se calhar muitas vezes até a fazemos quando estamos deitadas, não é uma coisa que tenhamos que escrever. Agora, a nível da avaliação da atividade em si acho que corre bem se as crianças aprenderam, também depende do tipo de atividade; há atividades que nós fazemos todos os dias quer queiramos quer não, há capacidades e objetivos que eles têm que atingir que estão presentes em todas as atividades que fazemos. Agora semanalmente, creio que sim, mas a diária...não sinto necessidade de escrever todos os dias: aquele menino fez, aquele não, não nós aqui também temos capacidade de ter vários olhos, olhamos para várias coisas ao mesmo tempo e temos noção...

E - E nesta altura já conheces bem as crianças, apanhaste este grupo aos 2 anos e estás nos 5/6 anos...

S - Apanhei o grupo aos 2 anos e já estou há 4 anos com ele...é diferente. Também não vamos perder tempo a escrever, escrever e deixamos o grupo;

E - Hoje em dia é o que pedem...

S - Exigem muita teoria e depois o grupo...como é que eu consigo ter teoria, escrever, escrever o que é preciso e deixo 25 crianças na sala, sozinhas?

E - Que tipos de avaliação utiliza na sua prática pedagógica?

S - Tenho as fichas de avaliação dos miúdos de 3 em 3 meses, tenho também a ficha curricular da avaliação da atividade onde temos as estratégias, além da planificação também temos a ficha curricular da atividade onde foi feita, às vezes pode ser feita no exterior, como é que foi feita, o grupo estava todo, quais os materiais, se for uma história também temos o suporte da história, depende da atividade que fazamos...

E - E talvez a observação direta?

S – Tenho também a observação direta, sempre.

E - Que relação estabelece entre planificação e avaliação?

S - É uma relação causa-efeito. Planificamos os objetivos que pretendemos atingir dentro das áreas porque há áreas que estamos sempre a trabalhá-las, a área de formação pessoal e social, há outras áreas que já não é assim, o conhecimento do mundo nem sempre o estamos a trabalhar em todas as atividades, não é? Então temos que planificar de acordo com as áreas que queremos e os objetivos que queremos atingir. Há uma relação se a planificação for feita dentro de isso, a avaliação vai ser mais correta, mais satisfatória.

E - Ou seja, avalia o que planifica...

S - Sim, avalio o que planifico.

E - Quais os objetivos que quer alcançar ao avaliar a criança?

S - Os objetivos que quero alcançar...primeiro é a aprendizagem, é ter a certeza de que ela não tem dificuldades naquilo que tentei transmitir e temos 10 crianças em que 5 aprenderam as coisas de uma maneira e 5 compreenderam de outra, mesmo que a tenha feito às 10 da mesma maneira e isso é também para nós satisfatório sabendo que vamos chegar a todos, todos conseguiram atingir os objetivos que eu tinha estipulado.

E - De que forma considera que a avaliação a ajuda no processo de ensino-aprendizagem?

S - Ajuda-me...primeiro tenho que me avaliar a mim, a tal avaliação que falamos que fazemos todos os dias, mesmo que seja inconsciente. Avaliando-me a mim sei e avaliando as crianças sabendo que se houve 1 criança ou 2 ou até podia ter sido o grupo todo, posso não ter escolhido a melhor metodologia, melhor estratégia para os levar a alcançar alguma coisa, embora para mim nesse aspeto, seja um bocadinho mais fácil porque já estou com eles há tanto tempo que já sei o que eles...mas tenho meninos exigentes, já não querem só aquilo, há meninos que querem sempre mais e eu tenho que estar preparada para isso, para saber que se calhar a própria atividade, embora se eu fizesse...é assim...eu sou educadora, cada educadora tem a sua teoria e cada uma aprende à sua maneira, então a avaliação serve para ...naquele dia não correu tão bem e houve 2 crianças que não conseguiram e então se houve 2 crianças que não conseguiram eu vou ter que fazer para os 25 de uma maneira totalmente diferente mesmo que os 22 tenham conseguido da maneira que anteriormente lhes tentei transmitir. Temos que estar sempre a renovar todos os dias...

E - E lá está que chegas à conclusão que...

S - Chego à conclusão que o método utilizado não foi o melhor e aqui...a vida é feita de repetições, tem que ser, senão é hoje é amanhã, senão é para a semana que vem, temos que tentar que de outra maneira eles consigam lá chegar.

E - Quais os instrumentos que tem ao seu dispor para realizar a avaliação?

S - Primeiro tenho a criança tenho-me a mim que somos os mais importantes e depois temos a sala que às vezes esquecemo-nos da sala.

E - Tens a sala com que cantinhos?

S - Tenho os cantinhos que eles escolheram o nome, este ano; aqui temos o "salão de jogos", que é o salão de jogos dos piratas, o cantinho da música é o "sr.rock" eles usam os instrumentos, até foram eles que fizeram, onde temos o rádio, aqui é a área da escolinha do

arco iris, como estamos a prepará-los para a escola primária temos aqui a escolinha...aqui contamos histórias às vezes, para eles estarem um bocadinho mais tempo sentados nas cadeiras, aqui não têm nome específico damos a volta ao mundo é a nossa biblioteca é o cantinho onde conversamos; temos o quadro dos aniversários...aqui é o hotel, a casinha é o nosso hotel "funaná", que foi a mãe duma menina minha que escolheu o nome, estiveram em Cabo Verde e ela deu o nome ao hotel, aqui, estava-me a esquecer, é o cantinho dos afetos, nós já temos essa área desde os "coelhinhos"(3 anos)...é assim não é um canto de castigos mas é um cantinho para onde eles vão quando se chateiam uns com os outros, vão conversar (têm 2 banquinhos) outras vezes vão sozinhos e temos lá a caixinha das estrelas, eles levam no final da semana as estrelas: a verde, a amarela ou a vermelha; a amarela o comportamento é assim - assim, a vermelha é mau comportamento e a verde é bom comportamento; tínhamos um livro com recorte deles, imagens da família, de uma mãe de um pai, imagens...houve um que recortou muitos monumentos diferentes, imagens de vários países, é um livro onde eles ...não querem que estejam ali assim... eles realmente estão de castigo para nós mas para eles não, eles vêm esse livro enquanto refletiam, viam as imagens...pronto é o cantinho dos afetos. Também temos lá fora (no corredor) a área que tem a ver com o crescimento afetivo deles, vamos crescer nos afetos; recados aos pais pois eles sempre leem; esta parte aqui...como temos a escolinha é a tabela das presenças e o calendário. As áreas estão de acordo com o grupo e sentimo-nos bem aqui pois é a nossa casa, entramos de manha e saímos à noite; por isso é que eu acho que a sala é um bom instrumento de avaliação para mim e para vocês que cá entram porque nós avaliamos um bocadinho pelas experiencias e julgamos um bocadinho pelas aparências; se tu entras aqui tens bons estímulos tens uma boa resposta, se não entras aqui e pensas: "olha esta...coitadinhos...os garotos..." não é? Reflete-os a eles, ao grupo em si; é um grupo muito alegre, muito equilibrado, são um bocadinho reguilas mais as raparigas do que os rapazes, atenção, mas lá está temos uma relação de 4 anos já os conheço e eles a mim. Depois a seguir a isso, tenho a avaliação dos trabalhos deles, a avaliação do livro de fichas e também temos o dossier da escola e a avaliação do comportamento deles também é muito importante o brincar.

E - Comenta-se que o jardim de infância só serve para as crianças brincarem. Qual é o papel que o "jogar" desempenha nas aprendizagens da criança?

S - Acho que nós...eles principalmente nascem a jogar e continuam a fazê-lo porque o jogar não é pegarmos numa bola e...estamos a jogar à bola, é um jogo estão sentados a fazer um jogo e o jogo simbólico também é muito importante, na cozinha, no hotel eles imitam os papéis da mãe, do pai, imitam-nos a nós...estão a jogar.

E - Imagina que o grupo está a brincar; chega um pai/mãe e diz "passam o dia a brincar, a jogar..." O que tu lhe dizes?

S - Se for preciso respondo torto porque acho que nós aqui não estamos a formar adultos, estamos a formar crianças saudáveis a prepará-los para serem adultos, ainda não são, mesmo nós temos que ser um bocadinho crianças de descer ao nível deles não são eles

que têm que subir ao nosso. Eu acho que o jogo desenvolve a criança em todas as suas capacidades mentais, efetivas, físicas, tem muitas vertentes...

E - Os pais percebem isso?

S - Os pais percebem isso, também é da relação aberta que nós temos, conversamos muito. Não, nunca nenhum pai me disse isso, por enquanto, não quer dizer que não venham a dizer.

E - Faça uma apreciação da sua formação inicial tendo em conta as exigências que a organização do ensino-aprendizagem hoje exige.

S - Numa palavra: insuficiente. A minha formação inicial acho que foi muito insuficiente, teve muita teoria, que tu chegas aqui a trabalhar aquela teoria e não nos diz nada ou seja nós temos que fazer, ser um bocadinho autodidáticas e tentar formarmo-nos sozinhas e acho que a formação contínua também é muito importante.

E - Qual a sua opinião sobre a importância da formação continua nestas matérias?

S - Acho que é muito importante, embora às vezes seja um bocadinho complicado para nós fazê-la; ou a fazemos nós e tentamos cada vez mais explorar e tentar aprender porque nós não sabemos tudo, não é? Temos que estar sempre a aprender. O nosso curso, a média do nosso curso tenha sido muito alta ou não, não nos trouxe nada, não foi a média que nos fez boas profissionais ou menos, estamos inacabadas por isso acho que é muito complicado no aspeto que primeiro à pouca formação, os sindicatos mandam formação mas ou são formações da treta só para juntar gente e para dizerem que o sindicato organizou ou então não podemos...para créditos que a mim, nós, não nos interessa ou então porque a nossa entidade empregadora às vezes também é um bocadinho mais fechada nesse aspeto, não podemos estar aqui a fazer...ao tempo...aliás fizemos agora uma formação da casa, da Instituição, sobre "perturbações nas crianças" com um educador do ensino especial durante 3 meses mais ou menos, era só uma vez por semana...crianças com autismo, hiperatividade e é sempre bom porque nos ouvimos umas às outras e aprendemos.

E - Foi interessante?

S - Foi, foi, tivemos que fazer um trabalho no fim;

E- A formação continua também dá muito jeito porque se tens crianças muito exigentes querem respostas para tudo, tens essas respostas?

S - Nem sempre. Por mais astutas que nós sejamos nem sempre temos respostas para as perguntas das crianças, mas um defeito que noto nesta profissão do ensino é que nos fechamos muito, tu és tu eu sou eu, tu fazes assim e faço assim, tudo bem é bom termos ideias e há pessoas com mais ideias que outras com mais criatividade que outras, agora...podemos recolher um bocadinho aqui outro bocadinho ali. Só que há pessoas que não estão abertas a isso e lá está também não estão abertas à formação. Mas devia de haver mais formação...

E - Achas que não há investimento suficiente?

S - Não, nem pensar, não há investimentos suficientes há é exigências a mais porque muitas das pessoas que fazem estes novos currículos e que fazem estas novas exigências, que

passassem um dia aqui como nós com 25 meninos porque nós somos mãe, pai, avó, tia, amiga e amigo e psicóloga também, tudo...elas mudavam um bocadinho de ideia e pensavam assim: "afinal não precisam de tantos papéis e canetas mas precisam de formação pessoal", mas não a temos. Eu planifico no dormitório enquanto eles dormem, em cima do joelho numa tábua e é se quero porque se somos boas profissionais pomos o nosso grupo em primeiro lugar...e deixamos as teorias...nem sempre temos tempo para as teorias.

Guião de entrevista e respostas da entrevistada

Entrevistadora (E) - Olá, boa tarde, obrigada pela disponibilidade.

Como estrutura o currículo?

Entrevistada (F) -

E - O que tens no currículo? No início do ano...

F - No início do ano reunimos todas as educadoras, creche e jardim de infância para no início...não, é mais no final do ano anterior para começarmos a projetar o ano seguinte...o projeto educativo e depois cada uma faz o projeto curricular de sala. No projeto educativo fazemos em conjunto, também, a planificação para o ano letivo relacionada com o projeto que vamos desenvolver esse ano e com as atividades, aquelas atividades fixas do ano, natal, páscoa, carnaval, aqueles dias demarcados. Depois fazemos uma planificação mensal, cada sala faz uma planificação mensal.

E - De que forma considera que o currículo estruturado a ajuda na sua atividade diária?

F - Ajuda no sentido em que já temos as atividades demarcadas relacionadas com o tema que já estamos a trabalhar, com os objetivos de cada atividade para podermos desenvolver as atividades da melhor forma e prepará-las. Mas tudo isto, o projeto educativo, planificações estão sempre de acordo com as orientações curriculares.

E - Na sua opinião, qual é a finalidade de um currículo na educação de infância?

F - ...

E - É importante?

F - É importante, como já referi na pergunta anterior, é assim...ajuda-nos de forma que já está tudo planificado, sabemos definir os objetivos para cada atividade conseguimos preparar as atividades com mais calma e de forma a conseguirmos planear de forma a atingir todos os objetivos que foram planeados e foram definidos pelas orientações curriculares e pelo projeto.

E - Ou seja, é uma orientação?

F - Serve de orientação para o trabalho.

E - Quais os itens que privilegia nas planificações que faz?

F - Em primeiro baseamo-nos nas áreas de conteúdo.

E - Que são? As áreas de conteúdo? Quero isso bem esclarecido...

F - A área de formação pessoal e social, área das expressões e área de conhecimento do mundo...

E - Ao fazeres essa planificação, o que escreves nessa planificação? Quais os itens que utilizas mais, os objetivos...

F - Claro, procuramos atividades relacionadas com o tema que vamos dar e para cada atividade estabelecem-se determinados objetivos que poderão ou não ser concretizados e depois no final faz-se uma avaliação se sim ou se não (se foram ou não concretizados).

E - Em que medida considera que essa planificação é um importante componente do ensino?

Ajuda-te?

F - É, porque ajuda. Enquanto...e mais aqui que fazemos a planificação para um mês, é mais complicado estar a definir atividades dia a dia, semana a semana então fazendo uma planificação mensal é uma forma de nos orientarmos para todas as atividades durante esse período.

E - De que forma a planificação promove o controlo do processo da aprendizagem?

Tu ensinas...

F - ...promove porque estabelecendo atividades e objetivos, através da sua concretização vamos ver se eles vão ser atingidos ou não;

E - E aí há um controlo, consegues ensinar ou não?

F - Claro. Se não forem atingidos aí, é preciso planear a mesma atividade de outra forma para se conseguir atingir.

E - A avaliação no pré escolar é sempre um tema atual, interessante mas que suscita muitas dúvidas aos educadores de infância. Quer comentar?

F - Continua a ser um tema atual...nós avaliamos...

E - Avalias como tu queres ou achas que não está bem a maneira como avalias?

F - É assim...nós temos que ter uma avaliação direta que é com o que lidamos é o que temos em contacto logo...

E - E depois...

F - Depois temos que nos orientar pelas orientações curriculares que é o que temos para avaliarmos.

E - Quero saber se a avaliação é importante no nosso curso, fazermos a avaliação às crianças, isso é importante ou não?

F - É importante para sabermos se o que foi programado foi atingido, aí a que vamos realmente saber se realmente a criança adquiriu os objetivos que estavam previstos e sem fazermos uma avaliação não vamos conseguir saber se têm uma boa preparação para a sua vida futura.

E - Que metodologias privilegia na avaliação?

Métodos?

F - Como já referi, o método de observação direta primeiro; estes anos tenho mais facilidade porque acompanhei o grupo desde um ano de idade, alguns ainda não tinham bem um ano, portanto conheço-os mais a fundo do que não conhecia nos anos anteriores que os apanhava aos 3 anos. Já os conheço melhor mas pronto...a observação direta primeiro depois fazemos registos das atividades, eles fazem o registo eu complemento, fazemos registo fotográfico e depois no final de cada período faço uma avaliação através de uma ficha, mas aí é a Instituição que fornece.

E - O que considera importante avaliar?

Ao avaliares o que consideras muito importante?

Estás a avaliar uma criança, estás a observá-la o que achas que é importante trabalhar naquela criança? Se atingiu ou não o que tu queres, os objetivos...

F – Sim, mas aí temos que avaliar a todos os níveis... os objetivos...o comportamento que a criança tem, a forma como consegue captar o que lhe é dito...tem que ser avaliada a todos os níveis.

E - Com que periodicidade a avaliação deve ser feita?

F - Nós fazemos a avaliação trimestral. Eu, para mim em alguns sentidos, num tipo de atividade eu faço uma avaliação mais diária, depende da situação e do desenvolvimento de cada criança porque é assim...para uma atividade há uma criança que atingiu aqueles objetivos com uma primeira explicação há outra que não, tem que ser uma série de dias por exemplo a tratar o mesmo tema senão eles não conseguem atingir. Portanto para mim já tenho que fazer uma avaliação mais diária, semanal até conseguir atingir aquele objetivo que foi proposto, a outra avaliação é uma avaliação mais no geral, mais no grupo...

E - Que fazes...

F – Trimestralmente, cada período.

E - Que tipos de avaliação utiliza na sua prática pedagógica?

F – Já falamos, já foram referidos...

E - Mas diz outra vez.

F - A observação diária, registos, registos feitos por eles com acompanhamento, a parte escrita é sempre para ajudar, registos fotográficos...

E - Ainda não fazem os pdi's?

F – Não, no jardim de infância não fazemos.

E - Porquê?

F – Porque quando o ano passado vieram da Segurança Social falar nos pdi's disseram que era obrigatório na creche, para já não era obrigatório no jardim de infância. Começou a ser feito só na creche no jardim ainda não estamos a fazer; assim, à partida é para serem feitos também e além disso as crianças que já vêm da creche no próximo ano já trazem tudo, já têm tudo é só dar um seguimento; agora para quem está no jardim de infância não, não fizemos porque só exigiram à creche e atl.

E - Que relação estabelece entre planificação e avaliação?

F - Está completamente ligada, tanto que um item da planificação é a avaliação. Temos que registar se a planificação foi concluída, se os objetivos foram todos atingidos e nessa conclusão é que vamos referir se sim se não, se todas as crianças atingiram os objetivos propostos se não para se poderem programar novas atividades, diferentes atividades para atingir e aí sim para avaliar. Portanto, a conclusão da planificação será essa avaliação dos objetivos que foram atingidos.

E - Ou seja, quando se planifica temos que avaliar...

F - Temos que avaliar.

E - Quais os objetivos que quer alcançar ao avaliar a criança?

F - Objetivos...avaliar...bem, os objetivos estão definidos para cada atividade e então planificar e atingir esses objetivos no sentido de que...

E - Talvez os objetivos que tens na planificação em primeiro lugar?

F - Sim esses objetivos a serem atingidos. Todos os objetivos que foram estabelecidos na planificação;

E - E se por acaso, nós sabemos que trabalhamos com a pedagogia de situação...à uma criança sentada na manta e diz-te, Fátima eu hoje vim de carro e tinhas na planificação outro tema para trabalhar, o que é que tu fazes? Aproveitas a deixa, podes falar nos transportes por exemplo; fazes isso muito ou não?

F - De vez em quando já faço, aproveito a pedagogia de situação, é uma forma de eles planificarem, não é bem uma planificação mas já vem deles, coisa que às vezes é muito difícil puxá-los para o diálogo, então é sempre bom serem eles os primeiros a falar e se dá para juntar ou ligar ao tema que estamos a falar muito bem se não dá para o tema também não tem grande importância ou nenhuma rigidez que tenha que ser tratado naquele dia. Falamos do que a criança perguntou ou sugeriu e perguntamos opinião, dialogamos sobre esse tema e depressa se programa um trabalho, um jogo, uma atividade para se desenvolver. Depois termos é que acrescentar na planificação que não...caso não tenhamos tempo o resto dos dias desse mês de completar a planificação referimos que não foi tratada porque uma criança sugeriu um tema, achámos interessante e desenvolvemos esse tema.

E - De que forma considera que a avaliação a ajuda no processo de ensino-aprendizagem?

F - Ajuda, faz-nos ver se o que nós pensamos seria a melhor forma de trabalhar, se realmente foi a melhor ou não. Faz-nos refletir sobre o trabalho que fizemos, que planeámos e além disso tentar procurar mesmo outras atividades e outros processos para se poderem concretizar.

E - Havendo um avanço ou não a avaliação está sempre presente?

F - Sim, sim também para sabermos se eles conseguem ou não atingir os objetivos.

E - Quais os instrumentos que tem ao seu dispor para realizar a avaliação? O que usas para avaliar?

F - Uso a observação, todo o material que existe na sala, tudo o que é falado, tudo o que é registado no registo que é para guardar, numa abordagem global do que foi...registo individual porque têm sempre trabalhos individuais, fichas, além do livro de atividades que este ano temos que traz sempre algum tema relacionado.

E - Cada sala tem o seu?

F - Só existe a partir da sala dos 4 anos, os 3 anos não têm. Por acaso o tema este ano é "à descoberta do meio físico e social"(fizemos para o triénio); por acaso o livro de atividades tem muitos temas, muitas fichas que abordam o tema da família, a relação escola-casa, a casa em si, a forma da casa, o interior da casa, conseguem distinguir as divisões, os acessórios de cada divisão...e por acaso o tema não foi escolhido por causa do livro de

atividades nem vice-versa, mas tem por acaso além das fichas que nós temos programadas para o dia a dia o livro de atividades tem muitas também que ajudam no tema.

E - Comenta-se que o jardim de infância só serve para as crianças brincarem. Qual é o papel que o "jogar" desempenha nas aprendizagens da criança?

Imagina que tens um pai muito chato que chega aí um dia e diz-te que, o meu filho só está a brincar o dia todo no jardim de infância. O que lhe respondes?

F - Brincar ajuda a aprender. Nós aprendemos a brincar e muitos adultos também deveriam aprender a brincar não são só as crianças; nós arranjamos jogos para tudo e mais alguma coisa mas com a finalidade de ensinar, de aprenderem alguma coisa com isso. As crianças não aprendem... está bem que nós dizemos as coisas e elas apreendem alguma coisa, se for através de um jogo elas aprendem com muita mais facilidade tudo o que é prático aprende-se, penso eu, com mais facilidade. Os jogos de separar, de agrupar eles fazem...é um jogo e esses pais têm que pensar que o agrupar, o fazer conjuntos de cores, de tamanhos...que está...que eles estão a aprender matemática, saberem as cores; na linguagem, desenvolvem a linguagem, eles vão falando, sabem os tamanhos, sabem as diferenças, as semelhanças, portanto é bom aprender com o jogo porque se aprende não é só o intuito de brincar por brincar estamos a aprender, tudo é feito o jogo é todo feito de forma a que fique alguma coisa, aprender a desenvolver jogos pedagógicos.

E - Faça uma apreciação da sua formação inicial tendo em conta as exigências que a organização do ensino-aprendizagem hoje exige.

Achas que o bacharelato te preparou para os dias de hoje? Fala do teu bacharelato, gostaste, saíste preparada?

F - Gostei do bacharelato, foi tudo novidade por assim dizer, na altura. Não saí preparada para trabalhar porque o estágio não foi suficiente, não tive uma preparação adequada para enfrentar uma sala com crianças, a meu ver, não foi. Tive oportunidades na vida que me deram uma prática melhor; essa prática deu-me muito jeito para agora, sem sombras de dúvida...tirei a licenciatura ajudou, também ajudou, só que é assim, não sei se é uma falha minha ou do ensino, mas nós temos que trabalhar muito com prática e dão-nos muita teoria e é a prática que nos faz falta porque cada criança é diferente da outra...e por muito que se estude nunca estudam tudo, estudam um caso específico e hoje em dia as crianças são muito diferentes têm características muito diferentes de à uns anos atrás.

E - Qual a sua opinião sobre a importância da formação contínua nestas matérias?

F - Sim é isso...não era obrigatório há não sei quanto tempo, agora é obrigatório uma formação contínua de 25 horas, mas a questão não é essa, não devia ser obrigatório devia ser por necessidade porque temos sempre coisas novas para aprender as crianças e nós e elas são diferentes e nós também temos que mudar e adequarmo-nos às novas situações e por isso a necessidade que eu tive, ninguém me obrigou, mas eu fui tirar uma licenciatura. A formação...não podemos, às vezes não temos facilidade de ir à formação que queremos porque são em horas laborais e é muito difícil estar a faltar e a participar nessas atividades. Este ano por acaso já fizemos todas as 25 horas.

E - E vão de encontro às horas que queres?

F – É assim...deveríamos ter mais ...esta teve haver com deficiência, não é que tenhamos diretamente casos de deficiências motoras no pré escolar, mas sim deficiência a nível da linguagem que no geral é o que nos faz mais falta, só que ...devíamos ter mais preparação a esse nível e às vezes temos necessidade de não saber até que ponto em determinados casos devemos agir e havendo formação ou sendo nós a pedir, temos necessidade de ter formação nesta área, esta foi a instituição que promoveu. Já nos lembramos de pedir determinada formação...porque não é só lembrarem-se de uma formação, não é? E perguntar-nos se é esse tipo de formação que estamos a precisar, deveriam perguntar a quem está a lidar diretamente com as crianças, as dificuldades que tem e o que lhe faria mais falta tratar. Nós agora até sugerimos tipo primeiros socorros, lidamos com muitas situações e tendo formação mais específica estamos mais à vontade de poder socorrer a criança.

E - Nós sugerimos isso também, onde estou a trabalhar e disseram que as educadoras não podiam participar porque tínhamos uma licenciatura.

F – Uma licenciatura não nos ensina nada disso.

E - ...então numa licenciatura não nos ensinam a socorrer uma criança. “Não podem, não podem,” e não fizemos.

F – No bacharelato tivemos saúde infantil mas é uma saúde que são aqueles casos básicos de varicela, papeira, doenças típicas da infância mas que hoje em dia já é muito raro há uma varicela de vez em quando, já é muito raro acontecer, agora casos práticos uma criança magoa-se, uma criança cai faz uma ferida, faz um corte qualquer coisa...tem um traumatismo, nós temos que ter um conhecimento que até temos com a prática mas cada caso é um caso e se tivesse formação nesse sentido ia ajudar bastante.

E - E até a própria criança está-nos sempre a fazer perguntas, estás preparada para responder a essas perguntas...que hoje em dia elas a nível informático quase que sabem mais do que nós.

F - Temos que ter conhecimento e vamos tendo com a prática mas cada caso é um caso; tentamos estar atualizadas em todos os sentidos mas eles (crianças) são capazes de aparecer aí com perguntas que a gente não faz ideia e temos que estar atualizadas em todos os sentidos por causa disso...eles têm tudo computadores, DVDs, mas temos outros meninos que não têm nada e nós então damos-lhe a oportunidade de partilha.

E - Obrigada.

Guião de entrevista e respostas da entrevistada

Entrevistadora (E) - Boa tarde, obrigada pela disponibilidade.

Como estrutura o currículo?

Entrevistada (D) - Bom...o currículo nós, eu costumo estruturar...tenho um dossier e nele colocamos o nosso projeto educativo e depois fazemos o nosso projeto curricular de sala, afixamos também tudo o que seja avaliação das crianças, temos também registos das atividades ao longo dos três períodos ao longo ano; os registos são baseados ao nível da fotografia, canções temos também as fichas de avaliação mesmo das crianças, nesse dossier.

E - De que forma considera que o currículo estruturado a ajuda na sua atividade diária?

D - Pronto...é muito mais fácil porque assim... olhando para o projeto educativo da maneira que a gente o constrói podemos-nos orientar melhor; o tema que estamos a abordar e então a gente a partir daí vamos alargando nas várias áreas o tema para poder desenvolver na sala.

E - Na sua opinião, qual é a finalidade de um currículo na educação de infância?

Achas que é importante, não?

D - Sim, é muito importante.

E - Em que medida?

D - Vai-nos ajudar a pensar melhor as atividades a realizar com as crianças, quais os objetivos que pretendemos desenvolver com as crianças, de acordo com o nosso projeto e fazer a sua avaliação.

E - Está tudo isso nas planificações que vocês fazem?

D - Sim, sim.

E - Quais os itens que privilegia nas planificações que faz?

D - São os objetivos e as atividades, embora tenhamos em especial atenção, eu acho que são mais importantes ainda as áreas de conteúdo.

E - Ou seja trabalhar sempre orientadas nas orientações...

D - Sim, sempre, os objetivos tudo é relacionado pelas orientações curriculares.

E - Em que medida considera que essa planificação é um importante componente do ensino?

D - Componente do ensino...

E - Ajuda?

D - Ajuda porque assim vamos vendo se o que nós planeamos conseguimos alcançar, se a criança conseguiu alcançar o que foi planeado, se não alcançou temos que planear novamente mas estruturar o nosso plano de maneira diferente de modo a que a criança consiga alcançar aquilo que ainda não conseguiu realizar, se alguma criança já atingiu a meta que nós queremos na planificação evoluímos um pouco mais para a frente. A nível do ensino...é muito mais fácil porque nós ao planearmos já sabemos quais são os objetivos que pretendemos alcançar com a criança e assim já podemos adaptar os objetivos às atividades

que vamos realizar e assim podemos ver se a criança conseguiu através das nossas atividades alcançar os objetivos a nível global, a nível da motricidade global.

E - De que forma a planificação promove o controlo do processo da aprendizagem?

D - ...

E - Ao planificares queres que as crianças aprendam aquilo que planificaste...

D - Sim, depois temos as observações no final; temos que dizer se conseguimos as planificações, se alcançamos se não, porque não alcançamos ou por exemplo alguma atividade que não realizamos, porque é que não realizamos portanto está tudo na planificação.

E - E se por exemplo estais sentados na manta há uma criança que começa a falar de um assunto interessante para o grupo, deixas a planificação ou...

D - Sim, deixa-se o que está planeado e é abordado esse tema novo depois nas observações acrescenta-se que "de acordo com a criança surgiu um tema novo..."

E - E na planificação também acrescentais ou...

D - Não acrescento na planificação porque para por na planificação acho que teria de dizer mais...tipo programar o dia a dia, o tema que surge no momento e como nós já temos um tema na planificação não acrescentamos. Agora por exemplo se a criança sugerir que gostava muito de falar dos animais da quinta...o meu tema é a "família" este ano mas não quer dizer que eu não fale dos animais da quinta, interrompo e programo de outra maneira, estrutura de outra maneira a atividade.

E - Que é a tal pedagogia de situação...

D - Exatamente, é a pedagogia de situação.

E - Que nós no pré escolar utilizamos muito, não é?

D - Há educadoras que fazem logo as suas planificações sempre com a pedagogia de situação.

E - mas é complicado não?...é de situação...

D - Há colegas que dizem que é mais fácil é o que surge no dia a dia é que é abordado abrangendo tudo...o nosso projeto educativo é de 3 anos, ao longo desses 3 anos vamos desenvolver os vários temas que estão planificados.

E - A avaliação no pré escolar é sempre um tema atual, interessante mas que suscita muitas dúvidas aos educadores de infância. Quer comentar?

D - Avaliação...pronto...é assim, depende dos pontos que estamos a avaliar porque é muito difícil para nós, na avaliação colocamos determinados itens que pretendemos que a criança alcance e depois vamos ver e às vezes é um bocadinho complicado a criança com determinada idade conseguir, embora as Orientações curriculares digam que conseguem alcançar mas depois chegamos lá...

E - E cada criança é uma criança.

D - É um bocadinho difícil, por exemplo tenho uma ficha de avaliação para uma criança de 3 anos que diz se a criança sabe e respeita os animais e o meio ambiente e é um

bocadinho difícil dizer que uma criança de 3 anos olha para uma folha de árvore desenhada e não a consegue cortar, é normal...

E - E achas que tem que haver sempre avaliação no pré escolar ou não é importante?

D - Sim é importante haver avaliação no pré escolar.

E - Para?

D - Para ver o desenvolvimento global da criança e até para os pais que gostam de ver as fichas de avaliação dos meninos.

E - E fazem comentários?

D - Gostam de ver e comentam o que nós escrevemos e comparam com o que se passa também em casa e às vezes há contradições, nós dizemos que aqui fazem e em casa dizem que não fazem ou o contrário.

E - Talvez porque em casa está uma criança ou duas e na escola está um grupo, há diferença, tem que haver diferenças.

D - Tem que haver diferenças.

E - Que metodologias privilegia na avaliação?

D - Métodos...

E - Ao avaliares vais avaliar...

D - A nível da criança em si, a nível geral a todos os níveis do seu desenvolvimento: a linguagem, a motricidade.

E - Como vais avaliar isso?

D - Avalio através de canções, histórias, mandar uma criança cantar uma canção, contar uma história, a nível de fichas, a nível de grafismos para ver a sua capacidade gráfica e manual também, o desenvolvimento óculo-manual.

E - O que consideras mais importante avaliar na criança?

D - O mais importante avaliar na criança talvez o desenvolvimento físico, global, cognitivo, a motricidade, a motricidade fina...

E - É a partir daí que tu avanças ou não dependendo dos resultados?

D - Exatamente

E - Com que periodicidade a avaliação deve ser feita?

D - Eu costumo fazer a avaliação de 3 em 3 meses mas vão-se fazendo anotações através das fichas, faço sempre anotações por detrás da ficha, o que eu achei, se a criança fez sozinha se precisou de ajuda, através dos jogos que a gente faz diariamente, nas atividades que fazemos.

E - Que tipos de avaliação utiliza na sua prática pedagógica?

D - Observação, principalmente observação.

E - Não fazes registos?

D - Depois fazemos registos sim, costumamos observar depois fazemos fichas pedagógicas.

E - Quem as faz, são vocês próprias educadoras ou tiram de livros?

D - Às vezes são ideias que surgem e a gente vai tirando uma imagem daqui outra imagem dali e construímos as fichas, outras vezes decorremos a livros mesmo de fichas que há ou então à internet também tem muitas fichas há muitos programas com atividades para as crianças e consegue-se tirar de lá muita coisa.

E - Que relação estabelece entre planificação e avaliação?

D - Relação entre planificação e avaliação...pronto...ao planearmos pretendemos alcançar um objetivo com as crianças e ao fazermos depois a avaliação vamos ver se conseguimos ou não alcançar aquilo que planeámos...

E - Estão interligadas?

D - Estão interligadas, uma não pode estar separada da outra.

E - Quais os objetivos que quer alcançar ao avaliar a criança?

D - Objetivos...os principais objetivos é que ela (criança) se desenvolva no seu global, alcançar os que estão na planificação e temos como objetivos principais, a linguagem, a motricidade, o desenvolvimento cognitivo, a capacidade de memorização e estes objetivos estão sempre presentes.

E - De que forma considera que a avaliação que a avaliação a ajuda no processo de ensino-aprendizagem?

Ao avaliar, como é que isso ajuda a educadora...ao estar a ensinar e a criança estar a aprender? Em que é que a avaliação vai ajudar?

D - Pronto...vamos ver até que ponto a criança atingiu aquele objetivo que nós pretendíamos e se por acaso ainda não conseguiu atingir por exemplo as cores, temos um exercício para ver se a criança já sabe as cores, se por acaso vimos que a criança não sabe temos que voltar atrás e fazer nova planificação com outras atividades de modo que ela alcance esse objetivo que é o de aprender as cores.

E - Quais os instrumentos que tem ao seu dispor para realizar a avaliação?

D - Portanto...primeiro é o visual depois fazemos os registos, temos as fichas, às vezes filmagens, vídeos, fotografias também fazemos muitos registos da avaliação e expomos para os pais verem.

E - Mostram interesse?

D - Sim, mostram. Até houve uma altura quando fizemos a festa de final de ano apresentávamos para cada grupo aos pais as fotografias das atividades que todos os meninos trabalhavam, viam o que eles faziam.

E - Entregam só aos pais ou...

D - Quem pedia nós fazíamos cópia e nós dávamos; os finalistas, houve uma altura que fazíamos um dvd com todas as atividades que faziam, desde canções ficava tudo registado as saídas ao exterior, era só fazer a montagem que era um senhor que fazia, nós dávamos-lhe o material todo e fazíamos um dvd e no final dávamos aos pais e eles gostavam muito porque viam os filhos desde o início a trabalharem até ao fim.

E - Os pais poderiam arranjar problemas agora com a internet, aparecer a cara dos filhos...

D - Há mas nós...é assim nós não pomos nada na internet e no início pedimos aos pais uma declaração em como autorizam que tiremos fotografias aos meninos para trabalhos feitos na instituição, nunca para por na internet é mesmo para uso exclusivo da escola.

E - Comenta-se que o jardim de infância só serve para as crianças brincarem. Qual é o papel que o "jogar" desempenha nas aprendizagens da criança?

D - Através do jogo a criança aprende tudo, aprende a desenvolver a linguagem, aprende novos vocabulários, sei lá...novas matérias, aprende a desenvolver-se a nível da motricidade; o jogo abrange todas as áreas.

E - Mas imagina que há um pai que vai buscar o filho à tarde e estão a brincar, normalmente à tarde estão nas atividades livres, não é?

D - É.

E - E ele diz "o meu filho está sempre a brincar, sempre a brincar," o que é que tu lhe dizes?

D - Eu explico-lhe que é a brincar que ele vai aprender. Tudo o que a gente lhe dá é para desenvolver a imaginação dele, portanto está a construir uma imagem e está a desenvolver a capacidade de imaginação dele. Quando está a brincar ele pode imitar o dia a dia da educadora na sala o dia a dia dos pais.

E - Tens tido problemas com pais?

D - Nunca tive problemas com os pais a esse nível.

E - Faça uma apreciação da sua formação inicial tendo em conta as exigências que a organização do ensino-aprendizagem hoje exige?

D - Eu tirei o bacharelato mas acho que devíamos ter sempre formação contínua; tirei a licenciatura posteriormente, já há alguns anos 7/8 anos depois.

E - Quantos anos tens de serviço?

D - Tenho 14 anos desta instituição e mais 2 de outra; Quando tirei o curso era completamente diferente, agora as crianças têm novas exigências por exemplo o uso do computador, não se falava nisso nem para nós educadoras quanto mais para uma criança...há muitas salas que já estão equipadas com computadores, já têm jogos...pronto...também tem que haver um pouco de formação para nós nos atualizarmos.

E - Qual a sua opinião sobre a importância da formação contínua nestas matérias?

D - Eu acho que é sempre importante, porque aprendemos sempre novas técnicas para desenvolvermos com as crianças, novas estratégias e como estamos numa sociedade mais problemática mais exigente, e acho que nos ajuda no nosso dia a dia e pode-nos aparecer um caso de uma criança com um problema e se calhar nós antigamente não ouvíamos falar nesse problema; agora surgiu por exemplo um caso que eu tenho que é uma criança que lhe foi diagnosticado...é uma criança índigo, eu não sabia o que era isso e tive que ler um livro para perceber o que era uma criança índigo e perceber como é que eu devo agir perante uma criança nessa situação. Portanto, a formação acho que devia de ajudar a esse nível, ao nível de crianças que nos aparecem com certos problemas deste género ou outros para podermos

estar mais preparadas e conseguirmos desenvolver novas atividades que os possamos ajudar no seu desenvolvimento e...

E - Damos respostas.

D - Dar resposta às crianças.

E - Obrigada.

Guião de entrevista e respostas da entrevistada

Entrevistadora (E) - Olá boa tarde, obrigada pela disponibilidade.

Como estrutura o currículo?

Entrevistada (AS) - O currículo que nós fazemos...começamos por elaborar um projeto de escola no início do ano depois a partir daí cada uma cria o projeto curricular de sala segundo as crianças que tem e o tema e...esqueci-me de referir que fazemos antes disso a planificação anual com os temas que são trabalhados ao longo do ano, como as estações do ano, a primavera, a páscoa, natal...depois a partir daí é que construímos o projeto curricular de sala e cada uma faz as planificações para a sua sala e também os registos das atividades vão também para o dossier e os exemplos das fichas que vamos construindo ao longo do ano.

E - De que forma considera que o currículo estruturado a ajuda na sua atividade diária?

AS - Acho que acaba por ser uma orientação até para o nosso trabalho, uma forma de nos orientarmos e de planearmos as coisas...

E - Trabalhas melhor com um currículo?

AS - Acho que é uma orientação, acho que sim é uma ajuda.

E - Na sua opinião, qual é a finalidade de um currículo na educação de infância?

AS - Acho que...é assim...permite-nos orientar e realmente vermos, analisando no início do ano, observando as crianças com a avaliação de diagnóstico...e acho que nos ajuda a construir e a planear de forma mais orientada e mais fácil.

E - Quais os itens que privilegia nas planificações que faz?

AS - É assim...primeiro baseamo-nos nas áreas que vêm nas orientações curriculares, acho que a partir dessas áreas todas...planificamos a partir daí.

E - Como é que planificais? Como construis as vossas planificações, tendes as áreas...

AS - Temos as competências que queremos atingir e os objetivos, atividades e depois dizemos se a atividade foi atingida ou não, se o objetivo foi atingido ou não e se não voltar a planear outra atividade para voltar a tentar a atingir o objetivo.

E - Em que medida considera que essa planificação é um importante componente do ensino?

Ajuda-te no teu dia a dia, não te ajuda...

AS - Sim, permite-nos apercebermo-nos se conseguimos fazer o que fazemos, orientar as atividades que planeamos e se conseguimos realizar essas atividades e se os objetivos foram alcançados.

E - De que forma a planificação promove o controlo do processo da aprendizagem?

Ao planificares estas a controlar o processo da aprendizagem ou não?

AS - Sim, é assim...através dela vamos à partida construir os objetivos e as competências que queremos alcançar e, com o desenrolar das atividades também nos orientamos através disso, se são atingidos ou não.

E - Pois, vocês vão ensinar o que está na planificação?

AS - Sim.

E - E se houver uma pedagogia de situação, uma criança naquele dia...

AS - Tem dúvidas e pergunta sobre alguma coisa?

E - Ou manifesta-se...tem um tema interessante e tu aproveitas e trabalha-o. O que fazes depois na planificação, acrescentas ou não?

AS - Se acontecer uma pedagogia de situação, a criança manifesta-se com algum tema interessante acrescento ou posso pôr uma observação do género: "neste dia a criança x sugeriu uma atividade e posso até por de parte a planificação que tinha feito para esse dia e voltar a fazer noutro dia porque acho que também devemos manter as crianças interessadas e se elas manifestam interesse por alguma coisa, também despertar isso nelas, acho que é uma motivação para elas se é um tema que até mostram interesse, sim é de aproveitar, é uma notazinha no dossier a dizer que realmente a planificação não correu como estava estipulado por motivo de interesse de outro tema por parte das crianças e depois mais tarde planeia-se novamente o que se tinha estipulado.

E - A avaliação no pré escolar é sempre um tema atual, interessante mas que suscita muitas dúvidas aos educadores de infância. Quer comentar?

AS - Concordo um bocado com ela. Nós é assim...estamos sempre a avaliar a criança, diariamente mas acaba por também não ser uma...cria dúvidas, será que estamos a fazer bem? E também as crianças muitas vezes não querem mostrar aquilo que sabem e escondem por vezes, ou em casa têm outro tipo de comportamento que não têm aqui e há coisas que nós observamos aqui e que os pais em casa não observam ou não fazem isso e então acaba por ser um bocadinho assim...para além disso a avaliação é sempre um tema complicado, cada criança é diferente e aceita de maneira diferente as coisas e reage de maneira diferente às coisas.

E - Quase que tínhamos que aplicar uma avaliação diferente a cada criança...

AS - É quase um bocadinho isso.

E - Que metodologias privilegia na avaliação?

AS - Métodos...é assim, através dos registos, de atividades, de fichas...

E - Todos os dias?

AS - Todos os dias. Este ano estou com o grupo que vai para a escola (alguns elementos), adotamos um livro e acabamos por fazer fichas também desse livro. É assim o livro é mais na área da língua portuguesa e então eu acabo por...as fichas que eu faço é mais na área da matemática, das expressões e das outras coisas; fichas diariamente não quer dizer que sejam rigorosas porque depois há outras atividades que eles fazem, música, ginástica...mas através de registos também.

E - O que considera importante avaliar?

AS - Um bocadinho de tudo. Sei lá...também acho que é importante avaliar o comportamento da criança e tanto em sociedade, com o grupo, ensinar a criança a estar em sociedade a partilhar. Para além das outras áreas de conteúdo que nó...a formação que temos

que lhe dar e em termos de atividades, também dou importância à área de formação pessoal e social.

E - Partimos do princípio que tem que haver sempre avaliação?

AS - Sim e também preenchemos as fichas de avaliação nos fins dos períodos, quando se atingiram determinadas coisas e é assim é com o dia a dia, observar o dia a dia dessas situações que nós conseguimos fazer esse preenchimento até ao refeitório, se eles pegam corretamente no talher, essas coisas todas, é muito importante, se pedem "por favor"...

E - Com que periodicidade a avaliação deve ser feita?

AS - Acho que é um bocado...é assim, a avaliação é um bocadinho feita todos os dias, ao observarmos a criança e ao estarmos com ela todos os dias apercebemo-nos de coisas que ela ou de competências ou de objetivos que ela adquire e podem acontecer diariamente, hoje atingir uma coisa amanhã atingir outra. Mas o preenchimento de uma avaliação, nós aqui fazemos por período, por trimestre.

E - Que tipos de avaliação utiliza na sua prática pedagógica?

AS - É assim, nós como fazemos um preenchimento de uma grelha aqui no jardim, para além disso tudo o que faço na sala com as crianças me serve como um meio de avaliação das crianças, apesar de não ser um registo escrito mas utilizo no preenchimento da ficha de avaliação dele.

E - Sim porque se formos ver a partir do momento que entramos na sala começamos logo...

AS - Exatamente, sempre a observar o que se passa e o que está à volta.

E - Que relação estabelece entre planificação e avaliação?

AS - Acho que estão um bocadinho interligadas, na minha opinião. Ao planearmos, planeamos para atingir determinado objetivo e a avaliação é um bocadinho feita, se a planificação for bem feita, se foi alcançada portanto acho que estão interligadas. Na minha opinião estão mesmo lado a lado, por assim dizer.

E - Quais os objetivos que quer alcançar ao avaliar a criança?

AS - Acho que essencialmente é perceber se aquilo que nós planeamos, os objetivos que nós planeamos e as competências foram alcançadas, principalmente é isso. A avaliação aqui não funciona como na escola para dar notas é para conseguirmos perceber se aquilo que nós pretendíamos transmitir foi alcançado.

E - De que forma considera que a avaliação a ajuda no processo de ensino-aprendizagem?

Aqui é para falares se estás a planificar para ensinares e para aprenderem e a avaliação vai-te ajudar, se ensinas-te e se eles aprenderam...

AS - Sim, a avaliação acho que ajuda isso mesmo, conseguir perceber se nós conseguimos ensinar o que nós pretendíamos e se as crianças conseguiam aprender isso mesmo.

E - Se não aprenderam...

AS - Voltar a fazer outra atividade, arranjar outra estratégia até conseguir atingir os objetivos que queremos alcançar.

E - Quais os instrumentos que tem ao se dispor para realizar a avaliação?

AS - Falei nas fichas, registo do desenho, desenho livre, desenhos orientados, a observação do dia a dia, também acho que nos permite perceber realmente muita coisa que nos passa despercebida noutras alturas; ver a criança brincar, a jogar...

E - Comenta-se que o jardim de infância só serve para as crianças brincarem. Qual é o papel que o "jogar" desempenha nas aprendizagens da criança?

AS - Primeiro não concordo que o jardim...apesar de ser essa a opinião de muita gente. Ainda há muitas pessoas que acham que no jardim de infância só brincam; brincar muito sim, mas também têm que perceber que é através dessas brincadeiras e dos jogos que nós conseguimos observar muitas coisas que se calhar ao tentarmos ver em atividades e fichas se calhar não conseguíamos perceber se as crianças tinham adquirido determinadas aprendizagens.

E - Ao jogar a criança é ela mesma.

AS - É ela mesma, não está ali a tentar ver se está a fazer bem ou a fazer mal, é mais espontânea, acho que é um bocado disso; ela acaba por pensar que não está a ser observada, está a ser mais ela. Depois temos os jogos que nos permitem...eles ao brincarem se for um jogo acabam por não se aperceberem que estão a adquirir conhecimentos, levam aquilo, acham que é a brincar e então podemos jogar um bocadinho com isso. Estou com os 5/6 anos e faço muitos jogos de matemática por exemplo: tenho 2 rebuçados se puser mais dois com quantos ficamos? É assim, estamos a ensinar a noção de mais e de menos, podemos tentar. Aqui estamos a falar de matemática, eles acabam por não se aperceberem que estão a trabalhar pensam que estão a brincar; quem diz com os rebuçados é com outra coisa qualquer...

E - É como na linguagem...

AS - Há crianças muito tímidas e se nós fizermos perguntas em grande grupo ou até mesmo individualmente, ela não respondem, calam-se e muitas vezes até sabem o que é mas são mais inibidas do que outras, é a maneira de estar delas é a personalidade, se calhar numa situação de estarem mais extrovertidas e de estarem com aquela coisa "ela está-me a perguntar e toda a gente está a ouvir e se digo mal?" Ficam inibidos e assim a brincar acabam por estarem mais à vontade.

E - Faça uma apreciação da sua formação inicial tendo em conta as exigências que a organização do ensino-aprendizagem hoje exige?

AS - Primeiro acho que a formação que nós temos...

E - Saíste bem preparada?

AS - Não, não saímos bem preparadas, uma coisa é nós estarmos lá pedirem-te determinadas coisas e outra coisa é nós chegarmos a uma sala com 25 crianças e estão ao teu encargo, desenrasca-te por assim dizer...não, acho que não estamos; acho que precisaríamos de mais prática mais orientação, achei que havia muita teoria e se calhar, não sei, a meu ver

estarei a dizer alguma barbaridade mas é assim...a teoria faz falta realmente, mas se calhar outra que não faria tanta falta e que fariam falta cadeiras nem que até fossem teóricas, teóricas/práticas que nos orientassem de outra forma, que nos preparasse melhor para o dia a dia, sei lá...falo por mim, a preparação de fichas, ninguém nos orientou, ninguém nos preparou tipo " fazer assim fazer assado", é assim. Agora há muitos livros, internet, também temos que puxar pela cabeça; quando saímos até que ponto estamos preparadas logo para fazer isso tudo há coisas que nos vamos apercebendo ao longo do tempo com a experiência, com a experiência das colegas que trabalham há mais tempo.

E - Achas que elas estão prontas a ajudarem-te nesse aspeto?

AS - Não sei, para a experiência que elas têm há certas coisas que sim noutras não sei; é assim a experiência também conta muito.

E - Qual a sua opinião sobre a importância da formação contínua nestas matérias?

AS - Acho que é muito importante, sou sincera, porque acho que há determinados assuntos que nós devemos estar sempre em atualização; sinto uma grande fragilidade na área do ensino especial porque acho que é muito importante, em qualquer momento podemos ter uma criança com necessidades educativas especiais e até que ponto estamos preparadas para ajudar a criança, não digo faze-la sentir à vontade, não é isso, até que ponto nós com o nosso trabalho com as melhores das intenções estamos a fazer bem ou não porque acho que há determinadas técnicas e estratégias que nós não teremos até os conhecimentos de quem...

E - Temos o básico.

AS - Temos o básico. Podemos estar com as melhores das intenções mas se calhar não estar a ajudar, acho que há aí uma falha; confesso que tive a cadeira de necessidades educativas especiais e acho que foi muita teoria. Havia livro ou fotocópias e a professora falava das características das necessidades educativas para uma coisa é ler no papel e outra coisa é...acho que faltavam ali estratégias para trabalhar com essas crianças, essencialmente é isso porque é assim qualquer pessoa pode comprar um livro e ver com estas características este determinado problema isso acho que não é...é uma área que, primeiro sinto muita curiosidade e acho que não há formação, há muito pouca.

E - Tens tido alguma formação?

AS - Tivemos há pouco tempo uma formação, por acaso foi sobre necessidades educativas especiais.

E - Gostaste?

AS - Gostei mas acho que foi pouco.

E - Obrigada pelo jeito.

Guião de entrevista e respostas da entrevistada

Entrevistadora (E) - Boa tarde, obrigada pela disponibilidade.

Como estrutura o currículo?

Entrevistada (DL) - Bom...para estruturar o currículo, no início do ano letivo começo primeiro por fazer uma observação ao grupo de crianças e registar as necessidades do grupo; depois faço também uma avaliação, uma ficha de diagnóstico em conjunto com os pais, individual, com os pais da criança para ver as necessidades individuais de cada criança. A partir dessa ficha de diagnóstico e da observação direta que faço do grupo elaboro um plano de desenvolvimento individual de acordo com as necessidades de cada criança.

E - Mais?

DL - A partir daí é que depois elaboro o meu projeto de sala, tenho também em consideração os interesses dos pais em relação aos conteúdos que vamos tratar durante esse ano;

E - isso tudo fica no currículo?

DL - Sim, fica tudo no currículo. Depois nesse projeto que faço para a sala é elaborado um plano anual onde estão definidos os objetivos, aliás primeiro definem-se os conteúdos, os objetivos para cada conteúdo e as atividades no geral.

E - De que forma considera que o currículo estruturado a ajuda na sua atividade diária?

DL - É muito importante porque ajuda a que haja uma orientação para definir as atividades e as estratégias a modo que não fuja muito a esse plano que elaborei no início do ano. De qualquer modo esse plano fica sempre em aberto para caso surja alguma...alguns interesses dos miúdos, alguns conteúdos que surjam e que haja interesse para a gente também se envolver, tendo em conta a pedagogia de situação.

E - Na sua opinião, qual é a finalidade de um currículo na educação de infância?

DL - O currículo na educação de infância é muito importante porque nós...

E - Faz falta não faz?

DL - Faz muita falta, não há um currículo para o jardim de infância. Nós baseamo-nos sempre ao fazer o nosso currículo, temos sempre por base as orientações curriculares onde estão definidas as áreas que devem ser trabalhadas, a nível da linguagem, da motricidade, o domínio da matemática, das expressões, expressão motora, expressão dramática, expressão musical e nós ao elaborarmos o nosso currículo temos sempre por base todas essas áreas, também a área do conhecimento do mundo e todos os conteúdos que eu defino e penso que as minhas colegas devem fazer o mesmo, têm sempre por base essas teorias curriculares de modo a abranger todas essas áreas e o currículo é muito importante na medida em que nós aí vamos definir sempre o que a gente vai trabalhar e eu penso que...na minha opinião, para nós educadoras até uma vez que não temos currículo somos nós eu o fazemos a partir das teorias curriculares, ainda é mais interessante e mais motivador porque temos sempre a

oportunidade de vermos sempre quais as necessidades dos miúdos e adaptamos o currículo às necessidades das crianças.

E - Sabes que só a nós, pré escolar, isso acontece.

DL - Exatamente.

E - E achas que as orientações são suficientes na ajuda desse currículo?

DL - Acho que sim, na minha opinião até porque temos liberdade, se houver oportunidade, caso surja alguma necessidade de irmos além das teorias curriculares. Estamos sempre a fazer investigação, estamos...tentamos estar sempre atualizadas e aliás neste momento temos a internet...

E - Que há uns anos atrás não tínhamos.

DL - Exatamente, e agora podemos estar sempre atualizadas até ao nível de documentos, neste momento há no mercado de trabalho muitas enciclopédias que nos podem ajudar, já são adaptadas para o jardim de infância, para o pré escolar, há anos atrás, há vinte anos atrás não tínhamos nada disso.

E - Essa investigação fazes no trabalho, em casa...

DL - Infelizmente tenho que fazer esse trabalho em casa porque o tempo, as horas pedagógicas que tenho durante a semana para...não são suficientes para dedicar à investigação porque na hora pedagógica que tenho por dia, não é suficiente porque as crianças desta idade exigem muito, a educação de infância é a idade primordial mais importante...da adolescência, é a fase mais importante das crianças, das aprendizagens delas e infelizmente nós devíamos ter mais horas pedagógicas durante o dia para podermos investigar à vontade.

E - Sim que eles também estão sempre a fazer perguntas e eles querem sempre saber mais; estás com os 5/6 anos, não é?

DL - Estou com os 5/6 anos e ele nestas idades são muito curiosas e neste momento elas não ficam satisfeitas com uma resposta simples, até porque a maior parte tem net em casa e vêem muita televisão, documentários e estão sempre a questionar, são muito curiosas.

E - Quais os itens que privilegia nas planificações que faz?

DL - Eu faço a planificação semanal. Nessa planificação tenho sempre em consideração primeiro o tema ou os conteúdos que vou trabalhar, depois os objetivos que pretendo e as atividades e estratégias; também nessa planificação tenho sempre em consideração qualquer tema que eu trabalhe, tenho sempre em consideração todas as áreas das teorias curriculares são sempre consideradas todas as áreas curriculares para qualquer tema que seja trabalhado.

E - E ao planificares todas as semanas é sempre de acordo com as áreas?

DL - Sim, sempre pois elas até estão interligadas não se podem separar.

E - Em que medida considera que essa planificação é um importante componente do ensino?

DL - A planificação é muito importante porque nós ao planificarmos estamos sempre a ter em atenção as necessidades das crianças e estamos a...nós ao planificarmos conseguimos

orientar melhor o plano que nós nos propusemos trabalhar durante o ano e assim à sempre um acompanhamento e vemos aquilo que nós já falamos, o que ainda falta para dar a nível do tempo controlamos melhor o que temos que trabalhar ao longo do ano, os objetivos que nós nos propusemos no início a desenvolver e a atingir com as crianças.

E - Tu planificas todas as semanas, não é?

DL - Sim todas as semanas.

E - E essa planificação todas as semanas ajuda-te?

DL - Sim.

E - Em que aspeto? A atingir os objetivos que tens para essa semana...

DL - Sim, eu defino os objetivos que quero atingir para essa semana caso não os atinja tenho que planificar novamente e posso andar mais ou menos tempo com aquelas atividades ou estratégias ou então também posso arranjar novas estratégias para conseguir aqueles objetivos. Nessa medida ajuda-me até a acompanhar e a observar melhor se as crianças...se os objetivos estão a ser atingidos pelas crianças ou não.

E - De que forma a planificação promove o controlo do processo da aprendizagem?

DL - Como acabei de dizer, de referir, planificando todas as semanas eu consigo ver se a criança está...

E - Se fizeres aquilo que planificas?

DL - Sim.

E - Isso é o controlo?

DL - Sim.

E - Se não atinges o que tu queres passas para outras estratégias, não é?

DL - Se eu com aquela planificação que fiz e aquelas estratégias eu não consegui atingir aqueles objetivos eu vou planificar novamente mas usando outras estratégias e também atividades para que os objetivos sejam atingidos e a partir daí há sempre um controlo.

E - A avaliação no pré escolar é sempre um tema atual, interessante mas que suscita muitas dúvidas aos educadores de infância. Quer comentar?

DL - Sim, a avaliação é muito importante e então neste momento tem estado muito em voga...a avaliação no pré escolar, dá a impressão que só agora é que se faz avaliação, mas não, a avaliação...eu tenho 20 anos de tempo de serviço estou quase com 21 anos e sempre fiz avaliação, talvez não do modo como agora a faço mas nós sempre tivemos em consideração a avaliação no jardim de infância.

E - Que metodologias privilegia na avaliação?

DL - Para avaliar, como disse no início, quando faço o meu plano de trabalho de turma, tenho por base as necessidades de cada criança e no início faço sempre uma ficha de diagnóstico para ver quais as necessidades de cada criança. Após essa ficha de diagnóstico eu faço um plano individual de cada criança. A avaliação, faço sempre a avaliação tendo em consideração...

E - O que usas para fazer a avaliação?

DL - Os métodos que eu uso é assim...faço sempre observação direta, registos das atividades praticamente diárias, eu registo os resultados que obtenho nas atividades e se por acaso o objetivo não foi atingido faço novas estratégias para que consiga atingir aquele objetivo, portanto é uma avaliação contínua que é feita praticamente diariamente e é registada em fichas de observação, cadernos...

E - O que considera importante avaliar?

Estás a fazer uma atividade o que vais avaliar naquela atividade?

DL - Todos os aspetos...depende...uns dias, umas vezes avalio a parte da linguagem, depende da atividade, outras vezes a motricidade outras vezes, desinibição da criança, a nível da dramatização, a motricidade global, tudo depende daquilo que tiver planificado, tudo depende das atividades e dos objetivos que eu tenho na planificação semanal.

E - Com que periodicidade a avaliação deve ser feita?

DL - Eu tento fazer uma avaliação diária mas...essa avaliação é registada no tal pdi que tenho para cada criança, depois normalmente no meio do ano dou a conhecer aos pais em fevereiro/março e depois no final do ano. Os pais vêm essa avaliação que foi feita assinam, dou a conhecer aos pais o progresso que os filhos fizeram, onde estão a ter mais dificuldades.

E - Há muito contato com os pais?

DL - Sim, diariamente, aliás neste momento tenho um caderno onde também faço uma avaliação dos miúdos à medida que...uma vez que estão a ir para a escola, a nível da motricidade e das habilidades grafo motoras e optei por ter um caderno para grafismos para habilidades grafo motoras a nível das vogais, dos números onde os pais podem fazer um acompanhamento porque por norma de quinze em quinze dias esse caderno vai para casa e há sempre um diálogo com os pais, onde os miúdos estão a ter uma evolução melhor, onde estão a encontrar dificuldades para que haja um trabalho complementar entre jardim e casa.

E - Os pais aderiram?

DL - Os pais gostaram muito da ideia e aderiram mas no entanto, no empenho, não se estão a empenhar assim tanto; acham muito interessante mas mesmo pelos pais serem um bocado desinteressados é que tomei esta decisão, mas o empenho é pouco não é o empenho que deveria ser.

E - Que tipos de avaliação utiliza na sua prática pedagógica?

DL - Uma avaliação diagnóstica no início do ano e depois ao longo do ano uma avaliação formativa e sempre depois uma avaliação final.

E - Tinhas dito que avalias todos os dias, não é?

DL - Sim, através da observação direta e dos resultados que obtenho com as atividades, ver se já os miúdos atingiram aquele objetivo ou não; se o objetivo está atingido não há aquela preocupação de se fazerem aquelas atividades tantas vezes, embora haja atividades que se repetem como por exemplo o recorte para eles conseguirem aperfeiçoar a parte da motricidade.

E - Que relação estabelece entre planificação e avaliação?

DL - Há uma relação muito estreita entre elas porque nós vamos planificar de acordo com os resultados que obtivemos. Temos que ter sempre em consideração aquilo que já fizemos, os objetivos que as crianças já atingiram e os objetivos que ainda não conseguiram atingir. Portanto a planificação depende sempre dos resultados que nós obtivemos;

E - **Imagina que estás no início do ano tu vais planificar sem avaliar...**

DL - No início do ano quando vou planificar já avaliei a criança através da ficha de diagnóstico e vi as necessidades que ela tinha, tanto das necessidades individuais tanto através da observação direta que fiz do grupo.

E - **Quanto tempo tens para fazer a avaliação diagnóstica?**

DL - Mais ou menos um mês.

E - **Tens crianças novas?**

DL - Quando há miúdos novos temos sempre um mês para avaliar a criança, observar e avaliar mas uma coisa muito boa que nós temos é o acompanhamento do grupo dos três anos até à ida para a escola, aqui dá-nos um maior conhecimento do grupo. Nós quando começamos o ano letivo muitas vezes já conhecemos o grupo de crianças e isso ajuda-nos muito, é muito mais fácil fazer a avaliação diagnóstica, logo no início do ano.

E - **Quais os objetivos que quer alcançar ao avaliar a criança?** DL - **Os objetivos...pretendo saber as necessidades que cada criança tem para depois eu poder planificar, eu poder fazer o projeto ao longo do ano, para poder planificar os objetivos e as atividades/estratégias.**

E - **Vais querer trabalhar os objetivos que vais planificar?**

DL - Sim, sim exatamente.

E - **De que forma considera que a avaliação a ajuda no processo de ensino-aprendizagem?**

DL - Ela...a avaliação ajuda no processo ensino-aprendizagem porque através dela vamos conseguir ver se os resultados obtidos foram atingidos ou não, se os resultados obtidos atingiram os objetivos a que nos propusemos;

E - **Se houve evolução ou não?**

DL - Sim dá-nos a conhecer a evolução da criança, se ela está a evoluir, em quais áreas está a evoluir, quais as áreas em que tem mais necessidades. Há sempre uma relação muito estreita entre a avaliação e o processo de ensino-aprendizagem;

E- **Porque achas que é importante avaliar no jardim de infância?**

DL - É importante avaliar porque nós através da avaliação conseguimos ver se a criança está a ter uma evolução e conseguimos ver quais são as dificuldades da criança, o que nos vai permitir conhecer melhor a criança.

E - **Quais os instrumentos que tem ao seu dispor para realizar a avaliação?**

O que utilizas tu para fazeres a avaliação?

DL - A ficha de diagnóstico, a observação direta das crianças, os registos, os registos que faço quando observo as crianças, não é? Jogos, as atividades que se desenvolvem com elas, também as fichas individuais que elas fazem.

E - Quem é que faz essas fichas?

DL - Sou eu que faço as fichas de acordo com o tema que estou a trabalhar, de acordo com os objetivos que quero atingir, aliás as fichas também são muito importantes porque acabam por dar a conhecer aos pais o trabalho que nós fazemos no jardim.

E - E essas fichas vão...

DL - E essas fichas vão para um dossier; cada criança tem um dossier individual onde essas fichas são organizadas de acordo com o tema que trabalhamos, que estamos a trabalhar e acho que essas fichas são muito importantes porque vão dar a conhecer aos pais o trabalho que nós fazemos porque há muito trabalho que os pais não sabem, não conseguem ver e só se dão conta quando vêm essas fichas.

E - Compreendem o que lá está?

DL - Eles compreendem o que está nas fichas porque há sempre um diálogo com eles e eles têm sempre a porta do jardim aberta, aliás, a porta da sala está aberta para ver esses trabalhos expostos no placard e as crianças vão falar para casa, aliás essas fichas que eu faço, elas só são feitas, só são trabalhadas pelos miúdos individualmente após haver um trabalho em grupo.

E - Comenta-se que o jardim de infância só serve para as crianças brincarem.

Qual é o papel que o "jogar" desempenha nas aprendizagens da criança?

DL - Sim, o jardim de infância é um local que serve para as crianças brincarem, mas não só, não é?

E - Hoje em dia encontramos pais que chegam ao jardim e vêm os filhos a brincarem e dizem "o meu filho só brinca", o que tu dizes a esses pais?

DL - É através do jogar e do brincar que a criança aprende e deve ser mesmo esse lema no jardim de infância, é fazer uma aprendizagem através da brincadeira e de jogos lúdicos, jogos e brincadeiras que os pais não compreendem ou não conhecem, mas todo o trabalho de jardim de infância deve ser feito com brincadeira e jogos lúdicos daí no jardim o brincar e o jogar são muito importantes, só que são poucos os pais que têm um conhecimento do que é trabalhar no jardim de infância ou do que é o trabalho no jardim de infância.

E - Tiveste pais que fizeram esses comentários?

DL - No início do ano há pais que fizeram esses comentários porque não sabem o que é o trabalho no jardim, muitas vezes têm essa ideia mas depois ao longo do tempo eles vão-se aperceber das aprendizagens que as crianças fazem, que realmente são essas atividades lúdicas e essa brincadeira que lhes proporcionam essas aprendizagens e que levam a que a criança tenha um desenvolvimento global; mas também é preciso não esquecer que essas crianças precisam mesmo das brincadeiras livres, portanto daí se dizer que as crianças no jardim de infância só brincam. Até é muito interessante, elas devem mesmo só brincar mas também aprender a brincar, ficam mais desinibidas; as atividades que se lhe devem propor às crianças, na minha opinião, devem ser atividades de brincadeira onde elas possam realizar as suas aprendizagens, as tais atividades lúdicas, as brincadeiras e os jogos lúdicos. A criança quando começa a brincar ...aliás elas adoram o faz de conta, o jogo simbólico onde eles

imitam o adulto, elas trazem para a brincadeira delas trazem o imitar do quotidiano, daquilo que vêm, dos pais, da família, de tudo imitam tudo.

E - Eles levam para casa...

DL - Eles levam para casa esse jogo simbólico, imitam a educadora e a auxiliar, as brincadeiras que têm no jardim de infância, na sala.

E - Faça uma apreciação da sua formação inicial tendo em conta as exigências que a organização do ensino-aprendizagem hoje exige?

Quando saíste com o bacharelato, achas que saíste bem preparada, como é que foi? O que pensas?

DL - Eu considero que fui uma pessoa com muita sorte. Quando acabei o bacharelato acho que eu saí bem preparada porque tive a sorte de ter professores em algumas áreas, em algumas disciplinas que foram professores adequados para nos prepararem para o trabalho no jardim de infância, outra sorte tiveram outras colegas porque não foram os mesmos professores, eu falo da minha escola o IPG, por exemplo a nível da matemática, tive um professor espetacular, exemplar, em que a matemática era mesmo a matemática adaptada para o jardim de infância.

E - Sabes que isso não se vê hoje em dia?

DL - Pois não.

E - Aliás, tirei o curso, tu sabes e não tive nada disso, era tudo do 12º ano...

DL - Não, mas eu não, aliás tínhamos que nos organizar em grupos e tínhamos que preparar atividades onde estivessem os conteúdos de matemática para desenvolvermos com as crianças, quer ao nível do estágio, na sala de aula, por isso acho que fui uma pessoa que tive muita sorte. O mesmo não puderam dizer as minhas colegas que entraram antes de mim e depois de mim porque esses professores que se reformaram...embora tenha sido com muita teoria...

E - Foi um bom ano?

DL - Foi um bom ano, saímos com bastante teoria mas também houve a capacidade de adaptar essa teoria à prática.

E - Então isso ajudou-te muito no teu...hoje passados que 20 anos?

DL - Sim, aliás neste momento vejo colegas que saíram, estão a sair, já saíram com o tratado de Bolonha, saíram já com o Mestrado e sinceramente eu fico parva quando vejo certas coisas, elas não têm capacidade de ver as atividades ou de adequar as atividades às idades das crianças não têm a noção da capacidade mental que as crianças têm ou não para trabalharem aqueles conteúdos, para realizarem aquelas atividades, não estão adequadas à idade, ainda por cima, neste momento que têm tanta informação a nível de enciclopédias, de livros, de tudo, têm a net, têm tanta informação. Têm uma biblioteca exemplar, falo aqui na Guarda no IPG, ao nível do pré escolar para se puderem orientar, têm as atividades todas definidas para as idades, atividades, objetivos e no entanto elas não são capazes de...com essa informação toda elas não são capazes de chegar a uma sala e adaptar ao grupo todas as aprendizagens que elas fizeram e toda a formação que elas têm à mão.

E - Qual a sua opinião sobre a importância da formação contínua nestas matérias?

DL - A formação continua é muito importante que é para nós estarmos sempre atualizadas, ainda mais agora que temos a parte da informática, a net, aliás os miúdos são uma caixinha de surpresas, que, eles cada vez vêm para o infantário a fazer perguntas cada vez mais interessantes e cada vez mais curiosos e muitas vezes a gente tenta responder com respostas simples para a idade deles ma eles estão sempre a questionar o porquê.

E - Não quer dizer que a educadora seja uma pessoa exemplar, que saiba tudo?

DL - Nunca ninguém sabe tudo.

E - Exatamente.

DL - A educadora não sabe tudo mas as crianças que vêm bons programas, também depende do meio familiar da criança, mas há muitas crianças que hoje chegam ao jardim e que já trazem muita informação de casa ou pelos pais, ou pelos programas que vêm na televisão ou até por jogos que eles têm ou irmãos mais velhos, mas na minha opinião acho que a educador deve dar uma resposta o mais simples.

E - Quando não tens resposta para lhes dares, o que fazes?

DL - Quando não há resposta para se dar à pergunta da criança também se tenta dar a volta à criança, não é? Tem que se ter essa capacidade ou então tentar em conjunto dar uma resposta com ela ou então meter também os pais, em que a criança tenta obter a resposta em casa. Portanto, é sempre importante ter formação contínua.

E - Tens feito muita?

DL - Eu gostaria de fazer mais, mas o particular não é o oficial, que é mesmo assim e agora que a formação é toda a pagar, não é? É muito complicado, nem sempre há disponibilidade a formação cada vez, a nível monetário, fica mais dispendiosa e nem sempre há disponibilidade, mas procuro estar sempre informada, faço investigação, compro jogos, livros sempre de acordo...tento ter sempre a nível de livros e de jogos, tento ter sempre uma base para trabalhar com os miúdos, trazer sempre para a sala ou então quando não há esse material também tentar fazer o material em conjunto com as crianças que acaba por desenvolver nessa atividade...desperta-lhe ainda maior interesse por serem eles a descobrirem e a criarem os próprios materiais para poderem brincar no jardim.

E - Obrigada pelo jeito.

Guião de entrevista e respostas da entrevistada

Entrevistadora (E) - Olá boa tarde, obrigada pela disponibilidade.

Como estrutura o currículo?

Entrevistada (L) - Ora, o currículo é feito logo no início do ano em setembro, início com uma observação direta do grupo de crianças, vou tomando umas notas de cada um, como é que brinca, qual o cantinho que lhe agrada, vamos fazendo umas atividades mais livres, uns jogos, umas pinturas, para no fundo começar a avaliar o desenvolvimento da criança. Depois passado um mês mais ou menos faço uma ficha de desenvolvimento individual de diagnóstico que é feita com os pais, eu e os pais em conjunto vamos preencher essa ficha de avaliação individual, a partir daí elaboro o plano curricular de turma que me vai orientar ao longo do ano, onde está o plano anual de atividades que vou desenvolver ao longo do ano. Normalmente eu ponho por meses, ao fazer esse plano anual eu vou ter em conta quais as áreas que precisam de ser mais trabalhadas com aquele grupo de crianças.

E - De que forma considera que o currículo estruturado a ajuda na sua atividade diária?

L - Ajuda e muito porque eu faço uma planificação semanal e essa planificação semanal vai orientar-me no meu trabalho, claro que é muito mais fácil. Faço a planificação semanal, à segunda feira coloco-a lá (no placard) e eu já tenho à partida quais são os temas que quero abordar os objetivos que quero atingir, as atividades/estratégias que vou utilizar para atingir aqueles objetivos; é um trabalho mais orientado mais organizado, é muito mais fácil do que na hora a gente estar a pensar o que vai fazer, mesmo para arranjarmos o material, o material que necessitamos para as atividades assim podemos arranjar com antecedência.

E - Na sua opinião, qual é a finalidade de um currículo na educação de infância?

L - Ora bem...um currículo na educação de infância...

E - É bom, é mau?

L - É bom porque ajuda-nos bastante a planificar o nosso trabalho porque tendo um currículo a gente já se orienta por ele. No nosso dia a dia sabemos aquilo que já fizemos, a que temos para fazer, se atingimos os objetivos que nos propusemos, pronto...no currículo vamos ter em atenção todas as áreas das orientações curriculares e então a gente sabe o que nos falta atingir, o que é que já atingimos.

E - Quais os itens que privilegia nas planificações que faz?

L - Nas planificações, eu faço uma planificação semanal e ponho em primeiro lugar o tema em segundo lugar quais são os objetivos que pretendo atingir e em terceiro lugar ponho quais as atividades e estratégias que eu vou utilizar para atingir esses objetivos.

E - E achas que com essas planificações os atinges?

L - Pelo menos tento; quando consigo atingir os objetivos fico com esse plano semanal quando é preciso fazer alteração, altero, porque claro que é um plano semanal sempre aberto a novas atividades que às vezes as crianças possam propor ou outras atividades que possam

surgir e a gente não esteja a contar com elas e então aí depois vou e altero mas inicialmente tenho o plano semanal e tento segui-lo isso sim.

E - Em que medida considera que essa planificação é um importante componente do ensino?

L - Acho que vai dar tudo ao mesmo; as planificações vão facilitar no fundo o trabalho do dia a dia da educadora porque tu tens uma planificação e podes prever com antecedência quais são os materiais que vais necessitar, podes pedi-los com dois ou três dias de antecedência ou até na semana anterior, normalmente a gente faz o plano semanal na semana antes e no dia vens e tu sabes o que vais fazer, pronto, logicamente que às vezes acrescentam-se coisas às atividades que estão planificadas outras vezes as coisas são alteradas mas é importante porque é muito mais fácil para a educadora.

E - De que forma a planificação promove o controlo do processo da aprendizagem?

L - Tem de controlar porque nós no plano semanal ou na planificação temos objetivos e tu vais tendo sempre uma atenção, quais são os objetivos que planifiquei e então tu vais vendo fazendo uma observação direta e vais tomando nota como é que cada criança reagiu, logo vai haver um controlo do processo aprendizagem de cada criança.

E - A avaliação no pré escolar é sempre um tema atual, interessante mas que suscita muitas dúvidas aos educadores de infância. Quer comentar?

L - Suscita muitas dúvidas...

E - A avaliação.

L - Sim porque há várias formas de o fazer, não é? Eu, pelo que me tenho apercebido há Instituições que estão a fazer de uma forma outras fazem de outra o oficial talvez faça de uma forma diferente, nós, a nossa Instituição tem para todas as casas uma avaliação que é feita...temos os pdi's, nós fazemos os pdi's.

E - Essa avaliação dos pdi's fazes todos os dias ou...

L - Fazemos uma observação direta no primeiro mês em setembro, a criança vem e temos um mês, observamos como ela brinca, o que ela consegue fazer, fazemos um diagnóstico do nível de desenvolvimento em que ela está, a partir daí elaboramos um planeamento para essa criança e a partir desse planeamento depois vamos colocando as atividades que vamos fazendo ao longo do ano e vamos fazendo a avaliação dessas, depois temos a avaliação intercalar que é feita em março onde está a avaliação das atividades feitas até essa data que os pais vão ver e vão assinar e depois temos a avaliação de março até junho, fazemos novamente outra reunião onde temos a avaliação de cada criança;

E - Que são os tais pdi's?

L - Que são os tais pdi's; o pdi é o conjunto, é tudo aquilo...são todos os documentos relacionados com aquela criança. Cada criança tem o seu pdi e dentro do pdi estão vários documentos, pdi= plano de desenvolvimento individual.

E - Quando fazes a avaliação para os pdi's, fazes semestralmente, semanalmente, todos os dias...

L - Faço os pdi's todos os dias, tenho um caderno onde anoto e avalio todas as atividades que faço todos os dias.

E - Depois pões no pdi as atividades que tu achastes mais importantes?

L - Sim, sim, as atividades mais importantes para o tema que estou a trabalhar, senão iria ser um pdi muito descritivo, cansativo...

E - E sem tempo para o fazer.

L - Claro e sem tempo para o fazer.

E - Que metodologias privilegia na avaliação?

L - Observação direta, eu acho que é um método muito eficaz porque tu estás a ver a criança ali e logo...tiramos também fotografias fazemos o registo fotográfico e anotamos, tiramos apontamentos, notas sobre o comportamento da criança em determinadas atividades.

E - O que considera importante avaliar?

L - O que considero importante avaliar? Considero importante avaliar todas aquelas atividades todos os objetivos que eu me propus na planificação, não é? Porque nas planificações estão todas as áreas que são abrangidas pelas orientações curriculares e no fundo é importante eu avaliar essas atividades e se foram ou não atingidos os objetivos que eu me propus.

E - Voltando aos pdi's, nos pdi's para cada criança vocês usam tipo um portfólio individual, não?

L - Sim, sim. Cada criança tem uma capinha, um dossier individual desde...nós pegamos nas crianças aos 3 anos e os documentos vão ficando dos 3 até aos 5 até irem para a escola, então faz-se um pdi nos 3 anos, nos 4 anos e outro nos 5 e então cada criança fica com aquele portfólio.

E - Essa informação depois nos 5 anos, vai, acompanha-os para a escola ou só os pais ou a instituição que...

L - As escolas primárias até agora não têm pedido, a partir do momento que peçam irão com as crianças que eu, na minha opinião, deveriam ir porque é uma mais valia para a professora antes de pegar no grupo dar uma vista de olhos nem que fosse só no trajeto que cada criança fez nos 5 anos e ela saberia já à partida...

E - Está lá toda a informação da criança.

L - Toda, desde o início. Na entrada para a escola quando muito, o processo de aprendizagem que a criança realizou durante esse ano mais aprofundado e depois com calma a professora poderia ver como é que ela foi evoluindo ao longo dos anos. Temos os processos todos arquivados aqui na escola, no jardim de infância.

E - Com que periodicidade a avaliação deve ser feita?

L - Eu faço todos os dias mas com os pais fazemos diariamente, quando vêm buscar os filhos temos sempre a oportunidade de conversar com os pais. Uma avaliação feita através das reuniões e fazemos duas vezes em março e no final do ano letivo;

E - Achas que é suficiente?

L - Eu acho que sim porque se alguma coisa não está bem, também se fala todos os dias com os pais, não é? Se alguma coisa não está a correr bem se alguma criança sente mais dificuldade, por exemplo o meu grupo está com o recorte e eu já falei com os pais das crianças que estão a sentir mais dificuldade a aprender esta técnica, pronto, mas todos os dias temos oportunidade de falar com os pais e trocar informações dos filhos.

E - Que tipos de avaliação utiliza na sua prática pedagógica?

L - Observação direta, temos os registos que fazemos das atividades, temos as fichas que organizo para cada criança.

E - As fichas, fazes tu ou tens livros?

L - Umas faço eu e outras tiro de livros mas às vezes para alguns temas é difícil de encontrar e então procura-se e organizo-as eu.

E - Que relação estabelece entre planificação e avaliação?

L - Estão as duas muito encaixadas uma na outra, nós estamos a planificar, temos de fazer a avaliação dessas...da planificação para ver se ela está correta ou não.

E - E se não estiver?

L - Se não estiver temos de voltar a planificar, não é? Temos de ver novas atividades, novas estratégias para atingir os objetivos, os objetivos ficam os mesmos mas as estratégias terão de ser alteradas.

E - Quais os objetivos que quer alcançar ao avaliar a criança?

L - Todos aqueles que estão nas orientações curriculares porque as orientações curriculares abrangem todas as áreas de desenvolvimento da criança, logo aí são essas áreas.

E - De que forma considera que a avaliação a ajuda no processo de ensino-aprendizagem?

L - Ao estar a avaliar se eu estou a ver que alguma coisa não está a correr bem logicamente que sou a primeira a dizer que tenho de alterar aqui alguma coisa, não é? Quando se avalia, se é uma avaliação positiva é porque está tudo de acordo e as crianças estão a assimilar bem o que lhes estou a transmitir e estão a atingir os objetivos a que me propus, de contrário tenho de ver onde está o problema e remodelar.

E - Achas que a avaliação te dá informação? Ao avaliares uma criança estás a ter informação sobre essa criança?

L - Claro que estou. Estou a ver se ela evoluiu, se ela progrediu ou não neste ou naquele nível, se não, não tinha interesse avaliar. Nós estamos a diário a avaliar o nosso trabalho e o trabalho das crianças.

E - Então achas que vale a pena avaliar no jardim de infância?

L - Sim, sim. No jardim de infância a avaliação sempre se fez não da forma como estamos a fazer agora, mas nós sempre tivemos que avaliar porque se nós não avaliássemos de uma forma ou de outra, nós estávamos aqui só para cantar canções, fazer jogos, pintar e chegávamos ao final do ano e nem sequer sabíamos quais eram as crianças que tinham aprendido, que tinham facilidade em fazer esta ou aquela atividade mas ao fazeres uma avaliação tu tens uma visão muito clara acerca do desenvolvimento de cada criança, quais são

as competências onde ela tem mais facilidade e mais dificuldade. Tu tens 20 crianças e são completamente diferentes umas das outras, umas pintam bem outras pintam mal, umas fazem desenhos já com muitos pormenores e outras fazem só rabiscos, pronto e tudo isso vai na avaliação, umas têm uma linguagem muito clara e que tu as entendes e consegues construir um diálogo muito bom contigo, outras têm uma dificuldade enorme em falar e tu muitas vezes não as consegues entender. Todos estes parâmetros vão para a avaliação e os pais nas tais reuniões onde está a avaliação das crianças eles têm tempo para eles, leem com calma, se concordam assinam se não concordam depois tem que se chegar a um consenso; eu nunca tive nenhum caso em que o pai ou a mãe não concordasse com a avaliação feita, mas se for o caso pode um dia acontecer, temos de ver onde está o problema, depois há aquela coisa: esta criança tem muita dificuldade em recortar mas em casa recorta; ali há alguma coisa que não bate certo, não é? Mas até agora nunca houve assim problemas.

E - Quais os instrumentos que tem ao seu dispor para realizar a avaliação?

L - Tenho as fichas, tenho registos que cada criança faz das atividades realizadas, observação direta, pronto, no fundo é isso, tenho os meus apontamentos que são meus e que me valem de muito nós estamos a avaliar diários, se tu não vais tirar umas notas depois acabas até por te esquecer do comportamento daquela criança perante uma atividade e se acabas de fazer a atividade e no final te sentares ali e tomares umas notitas é fácil depois a avaliar.

E - Comenta-se que o jardim de infância só serve para as crianças brincarem. Qual é o papel que o “jogar” desempenha nas aprendizagens da criança?

L - Ela aprende muito melhor, jogando, nós para ensinarmos as letras para ensinarmos os números se for através de jogos, de canções, de poemas, de quadras acerca dos números ou das letras, eles interiorizam com muita mais facilidade porque nós quer queiramos ou não, não estamos na escola primária estamos no jardim de infância onde a criança onde a criança ainda não tem a maturação psicológica para aprender determinadas coisas de determinada forma mas provavelmente jogando de uma forma lúdica elas até conseguem aprender coisas que a gente...é difícil e elas conseguem interiorizar, mas lá está, são as atividades e estratégias que têm que estar muito de acordo com a faixa etária com que se está nessa atividade.

E - Também sabes que nesta idade do pré escolar, 3/6 anos, que é a idade crucial da infância?

L - Pois é. É onde se começam a formar os alicerces para daqui amanhã eles fazerem uma aprendizagem sólida e boa na escola primária mas na pré escola eles acabam por aprender coisas simples de uma forma simples sem complicar e acho que é jogando, eles gostam muito de jogos, de histórias, nós vamos muito por aí para os ensinar.

E - Então imagina que à tarde vai um pai buscar o filho e diz-te que “o meu filho passa o dia a brincar”, o que lhe respondes?

L - Eu digo-lhe que ainda bem, é sinal que não brinca em casa; há muitas crianças que chegam a casa e os pais não querem barulho querem dar-lhe o jantar ou então: vai para além

jogar um bocadinho playstation, porque assim eles não fazem barulho. Não, é verdade que eles brincam, falo por mim, o meu grupo tem oportunidade de durante o dia fazer tudo, eles brincam, eles trabalham, pintam, aprendem a recortar, já todos aprenderam o nome ensinado com jogos com canções...

E - E notas que há um desenvolvimento global?

L - Sim, e noto que há um desenvolvimento global, noto que há um ou dois que vai ficando mais para trás mas julgo que são...com um empurrãozinho dado em casa eles acompanhavam o grupo, só que lá está são os tais pais que vêm o jardim de infância como o sitio.

E - O depósito?

L - O depósito onde deixam os filhos para eles andarem todo o dia livres, que muitos deles não estão a trabalhar e depois chegam a casa e também não se debruçam um bocadinho a ver "o que fizeste", nem sequer se interessam com o que se faz. Esses pais, acho que acabam por nem conseguir dizer que no jardim de infância só se brinca porque eles nem sabem, andam mesmo a leste; mas não, acho que hoje em dia já se alterou um bocadinho esta mentalidade. Não digo que quando eles chegam aos 3 anos haja pais que sim, que pensem assim mas depois com o passar do tempo e como vêm que realmente isso não é verdade eles brincam sim mas que realmente se nota uma evolução muito grande, às vezes até muito rápida em determinadas crianças, isso reflete alguma coisa então acho que hoje em dia essa mentalidade já não é assim, já não é essa, para mim os pais já valorizam um bocadinho não todos mas já valorizam aquilo que se faz no jardim e acham que é importante.

E - Faça uma apreciação da sua formação inicial tendo em conta as exigências que a organização do ensino-aprendizagem hoje exige?

L - Eu não tive assim grande sorte com o meu curso de educadora de infância, julgo que já aprendi mais com a experiência que tenho;

E - Saíste com o bacharelato?

L - Sim, saí com o bacharelato e fiz, tirei a licenciatura já depois mas vendo o que hoje faço com as crianças e a facilidade com que planifico e com que lido com o grupo eu vejo que é muito diferente de quando saí do Instituto. Era muita teoria e pouca prática e depois as educadoras que estavam na prática pedagógica connosco estavam as duas de bebé, faltavam muito e também não houve ali muita ajuda, muita orientação mas eu vi...eu e a minha colega quase que tínhamos que nos desenrascar por nós mesmas; também a falta de formação das próprias funcionárias do jardim, a auxiliar fazia tricot durante o dia e a educadora não faria mas...

E - Qual a sua opinião sobre a importância da formação contínua nestas matérias?

L - É sempre importante a gente estar a par das inovações feitas em qualquer área, tanto na área da educação, da medicina, da engenharia, não é?

E - neste caso, achas que é importante, se formos ver, a criança está sempre em desenvolvimento quer sempre saber mais. Estás pronta para responder às perguntas que elas te fazem?

L - Sim.

E - Todos os dias?

L - Sim, acho que sim. Quando não estou, procuramos todos em enciclopédias às vezes quando me sinto assim mais insegura num determinado tema eu digo-lhes que não sei que não tenho a certeza mas amanhã trago a enciclopédia ou vamos à net e vamos pesquisar todos e eles ficam todos felizes porque eles gostam muito das novas tecnologias, pronto e então dos computadores.

E - Então obrigadinha pela entrevista.

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1. CONSTRUÇÃO DO CURRÍCULO	ESTRUTURAÇÃO
	FINALIDADES
2. PLANIFICAÇÃO DO ENSINO- APRENDIZAGEM	IMPORTÂNCIA DA PLANIFICAÇÃO
	PAPEL DAS ORIENTAÇÕES CURRICULARES
3. AVALIAÇÃO	TIPOS DE AVALIAÇÃO
	INSTRUMENTOS UTILIZADOS
	OBJETIVOS
4. ATIVIDADES DE ENSINO- APRENDIZAGEM VALORIZADAS	O JOGAR
5. IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO	PERTINÊNCIA DA FORMAÇÃO INICIAL
	NECESSIDADE DE FORMAÇÃO CONTÍNUA

Análise de Conteúdo das Entrevistas

Categorias	Subcategorias	Unidade de Sentido
1) CONSTRUÇÃO DO CURRÍCULO	ESTRUTURAÇÃO	<p>“O currículo...é assim...é feito à base de planificação, é ter um projeto geral da Instituição que é comum a todas as salas da Instituição, mediante esse projeto acabamos por ter de fazer...pronto...uma abordagem mais específica com o grupo com que estamos a trabalhar. É mais ao nível das planificações com temas que desenvolvemos consoante a idade etária que trabalhamos...” (SL – p.1)</p> <p>“O currículo é estruturado assim...de forma... no início do ano letivo é elaborado um projeto pedagógico que...portanto se adequa adapta a toda a Instituição a todas as valências, creche, jardim de infância e atl. Depois consoante a faixa etária de cada criança é adaptado a essa faixa etária.” (A – p.1)</p> <p>“Eu acho que em primeiro lugar antes de usar a metodologia que seja, planificarmos um currículo temos que ter em conta o grupo que temos, o número de crianças, estudar um bocadinho o grupo e a partir daí descobrir qual a melhor vantagem de organizar um currículo. Pode ser de uma maneira mais fácil, pode ter etapas mais complicadas mas geralmente é o projeto pedagógico, as planificações semanais... o projeto anual, as planificações;” (S – p.1)</p> <p>“No início do ano reunimos todas as educadoras, creche e jardim de infância para o início...não, é mais no final do ano anterior para começarmos a projetar o ano seguinte...o projeto educativo e depois cada uma faz o projeto curricular de sala. O projeto educativo fazemos em conjunto também a planificação para o ano letivo relacionada com o projeto que vamos desenvolver esse ano e com as atividades, aquelas atividades fixas do ano, natal, páscoa, carnaval, aqueles dias demarcados. Depois</p>

		<p>fazemos uma planificação mensal, cada sala faz uma planificação mensal.” (F – p.1)</p> <p>“Bom ...o currículo nós, eu costumo estruturar...tenho um dossier e nele colocamos o nosso projeto educativo e depois fazemos o nosso projeto curricular de sala, afixamos também tudo o que seja avaliação das crianças, temos também registos das atividades ao longo dos três períodos ao longo do ano; os registos são baseados ao nível da fotografia, canções temos também as fichas de avaliação mesmo das crianças, nesse dossier.” (D – p.1)</p> <p>“O currículo que nós fazemos...começamos por elaborar um projeto de escola no início do ano depois a partir daí cada uma cria o projeto curricular de sala segundo as crianças que tem e o tema e...esqueci-me de referir que fazemos antes disso a planificação anual com os temas que são trabalhados ao longo do ano, como as estações do ano, a primavera, a páscoa, natal...depois a partir daí é que construímos o projeto curricular de sala e cada uma faz as planificações para a sua sala e também os registos das atividades vão também para o dossier e os exemplos das fichas que vamos construindo ao longo do ano.” (AS –p.1)</p> <p>“...Para estruturar o currículo, no início do ano letivo começo primeiro por fazer uma observação ao grupo de crianças e registar as necessidades do grupo; depois faço também uma avaliação, uma ficha de diagnóstico em conjunto com os pais, individual, com os pais da criança para ver as necessidades individuais de cada criança. A partir dessa ficha de diagnóstico e da observação direta que faço do grupo elaboro um plano de desenvolvimento individual de acordo com as necessidades de cada criança...elaboro o meu projeto de sala...é elaborado um plano anual onde estão definidos os objetivos, aliás primeiro definem-se os conteúdos, os objetivos para cada conteúdo e as atividades no geral. (DL – p.1)</p>
--	--	---

		<p>“o currículo é feito no início do ano em setembro, início com uma observação direta do grupo de crianças, vou tomando umas notas de cada um, como é que brinca, qual o cantinho que lhe agrada, vamos fazendo umas atividades mais livres, uns jogos, umas pinturas, para no fundo começar a avaliar o desenvolvimento da criança. Depois passado um mês mais ou menos uma ficha de desenvolvimento individual de diagnóstico que é feita com os pais, eu e os pais em conjunto vamos preencher essa ficha de avaliação individual, a partir daí elaboro o plano anual curricular de turma que me vai orientar ao longo do ano, onde está o plano anual de atividades que vou desenvolver ao longo do ano. Normalmente eu ponho por meses, ao fazer esse plano anual eu vou ter em conta quais as áreas que precisam de ser mais trabalhadas com aquele grupo de crianças.” (L – p.1)</p>
	<p>FINALIDADES</p>	<p>“Ajuda porque a nossa atividade com as crianças precisa de estar estruturada, não é só o brincar que a criança precisa de ter na Instituição. A criança precisa de aprender e aprende a brincar ou seja até aos 6 anos é quando as principais bases de uma verdadeira educação estão bem assentes para mais tarde, ao nível de escola terem sucesso e claro...temos que ter o trabalho bem estruturado se não, não conseguíamos.” (SL – p.1)</p> <p>“Ajuda porque traçamos logo inicialmente e definimos aquilo que iremos trabalhar ao longo desse ano letivo e definimos metas, objetivos que pretendemos alcançar e conseguimos uma melhor orientação para trabalhar o plano com as crianças.” (A – p.1)</p> <p>“Ajuda-me muito. Como para as crianças é importante a rotina no jardim de infância para mim o currículo ajuda-me a sentir mais segura dentro do grupo e às vezes se tenho aquelas quebras é mais fácil retomar ao trabalho. Acho que a finalidade de um currículo na educação de infância, primeiro primeiro é a estabilidade</p>

		<p>que dá, a organização.” (S – pp.1-2)</p> <p>“É importante... ajuda-nos de forma que já está tudo planificado, sabemos definir os objetivos para cada atividade conseguimos preparar as atividades com mais calma e de forma a conseguirmos planear de forma a atingir todos os objetivos...serve de orientação para o trabalho.” (F – pp.1-2)</p> <p>“Vai-nos ajudar a pensar melhor as atividades a realizar com as crianças, quais os objetivos que pretendemos desenvolver com as crianças de acordo com o nosso projeto e fazer a sua avaliação.” (D – p.1)</p> <p>“Permite-nos orientar e realmente vemos, analisando no inicio do ano, observando as crianças com a avaliação de diagnóstico...e acho que nos ajuda a construir e a planear de forma mais orientada e mais fácil.”(AS – p.1)</p> <p>“ É muito importante porque ajuda a que haja uma orientação para definir as atividades e as estratégias a modo que não fuja muito a esse plano que elaborei no inicio do ano...o currículo é muito importante na medida em que nós aí vamos definir sempre o que a gente vai trabalhar e eu penso que na minha opinião, para nós educadoras até uma vez que não temos currículo somos nós que o fazemos a partir das teorias curriculares, ainda é mais interessante e mais motivador porque temos sempre a oportunidade de vemos sempre quais as necessidades dos miúdos e adaptamos o currículo às necessidades das crianças.”(DL – pp.1-2)</p> <p>“É bom porque ajuda-nos bastante a planificar o nosso trabalho porque tendo um currículo a gente já se orienta por ele.” (L – p.2)</p>
--	--	--

<p style="text-align: center;">2) PLANIFICAÇÃO DO ENSINO-APRENDIZAGEM</p>	<p style="text-align: center;">IMPORTÂNCIA DA PLANIFICAÇÃO</p>	<p>“Planificar para que os temas e aprendizagens que as crianças atinjam sejam sólidas, tem que haver uma orientação...mediante a planificação sabemos se os itens são atingidos ou não; se não são atingidos temos que voltar a insistir...é mais nessa situação...nós avaliamos aquilo que planificamos. Nós não podemos avaliar aquilo que não está planificado portanto a avaliação é um complemento da planificação.” (SL – p.2)</p> <p>“Nós planificamos as atividades depois quando se faz a avaliação no final do trimestre tem-se em conta a planificação...sim, é importante. Considero que é importante uma vez que...pronto... nós baseamo-nos nela para trabalhar e também penso que é importante, como é fixada na sala os pais acabam por ter conhecimento das atividades que se estão a realizar nessa semana...e se nós não estamos eles ao verem a planificação acabam por ter um conhecimento daquilo que se faz na sala durante essa semana, o tema que se trabalha...nós tentamos alcançar os objetivos que estão lá definidos...ao planificarmos, planificamos para alcançarmos objetivos logo, temos que fazer a avaliação do objetivo se foi alcançado ou não, portanto tem de haver uma relação direta entre planificação e avaliação.” (A – pp.2-4)</p> <p>“É um importante componente do ensino no aspeto em que temos que chegar à conclusão se foi bem ou mal feita, bem ou mal elaborada, se foi bem elaborada eu tiro daí mais resultados e vejo uma satisfação diferente no grupo se penso que está bem elaborada e não está certa ou seja, se o grupo não interage é porque a planificação não foi correta e tenho que voltar atrás e fazer de maneira totalmente diferente que às vezes não são os livros que nos dão, são os miúdos que nos mostram como é que lá devemos chegar...faz-me reconhecer se realmente o processo de aprendizagem foi concretizado, se as crianças através...eu tenho um objetivo quando faço a planificação, não quer dizer que no final da atividade esses objetivos tenham sido concretizados até posso ter concretizado outros que pensava não serem possíveis ou então posso</p>
---	--	---

		<p>não ter conseguido concretizar os que planifiquei inicialmente; também me permite uma reformulação do processo, do meu método de conhecimento e da maneira como eu permito as coisas às crianças.” (S – pp.2-3)</p> <p>“...fazendo uma planificação mensal é uma forma de nos orientarmos para todas as atividades durante esse período...um item da planificação é a avaliação. Temos que registar se a planificação foi concluída, se os objetivos foram todos atingidos e nessa conclusão é que vamos referir se sim se não, se todas as crianças atingiram os objetivos propostos se não para se poderem programar novas atividades, diferentes atividades para atingir e aí sim para avaliar. Portanto, a conclusão da panificação será essa avaliação dos objetivos que foram atingidos.” (F – pp.2-5)</p> <p>“ Ajuda porque assim vamos vendo se o que nós planeamos conseguimos alcançar, se a criança conseguiu alcançar o que foi planeado, se não alcançou temos que planear novamente mas estruturar o nosso plano de maneira diferente de modo a que a criança consiga alcançar aquilo que ainda não conseguiu realizar, se alguma criança já atingiu a meta que nós queremos na planificação evoluímos um pouco mais para a frente. A nível do ensino...é muito mais fácil porque nós ao planearmos já sabemos quais são os objetivos que pretendemos alcançar com a criança e assim já podemos adaptar os objetivos às atividades que vamos realizar e assim podemos ver se a criança conseguiu através das nossas atividades alcançar os objetivos a nível global...temos que dizer se conseguimos as planificações, se alcançamos se não porque não alcançamos ou por exemplo alguma atividade que não realizamos porque é que não realizamos portanto está tudo na planificação...ao planearmos pretendemos alcançar um objetivo com as crianças e ao fazermos depois a avaliação vamos ver se conseguimos ou não alcançar aquilo que planeámos...” (D – pp.2-6)</p>
--	--	---

		<p>“...permite-nos apercebermo-nos se conseguimos fazer o que fazemos, orientar as atividades que planeamos e se conseguimos realizar essas atividades e se os objetivos foram alcançados...através dela vamos à partida construir os objetivos e as competências que queremos alcançar e com o desenrolar das atividades também nos orientamos através disso, se são atingidos ou não...ao planearmos, planeamos para atingir determinado objetivo e a avaliação é um bocadinho feita, se a planificação for bem feita, se foi alcançada...”(AS – pp.2-5)</p> <p>“Nessa planificação tenho sempre em consideração primeiro o tema ou os conteúdos que vou trabalhar, depois os objetivos que pretendo e as atividades e estratégias; também nessa planificação tenho sempre em consideração qualquer tema que eu trabalhe...A planificação é muito importante porque nós ao planificarmos estamos sempre a ter em atenção as necessidades das crianças e estamos a ...nós ao planificarmos conseguimos orientar melhor o plano que nós nos propusemos trabalhar durante o ano e assim à sempre um acompanhamento e vemos aquilo que nós já falamos, o que ainda falta para dar a nível do tempo controlamos melhor o que temos que trabalhar ao longo do ano, os objetivos que nós nos propusemos no início a desenvolver e a atingir com as crianças...se eu com aquela planificação que fiz e aquelas estratégias eu não conseguir atingir aqueles objetivos eu vou planificar novamente mas usando outras estratégias e também atividades para que os objetivos sejam atingidos e a partir daí há sempre um controlo...umas vezes avalio a parte da linguagem, depende da atividade, outras vezes a motricidade outras vezes, a desinibição da criança, a nível da dramatização, a motricidade global, tudo depende das atividades e dos objetivos que eu tenho na planificação semanal... nós vamos planificar de acordo com os resultados que obtivemos. Temos que ter sempre em consideração aquilo que já fizemos, os objetivos que as crianças já atingiram e os objetivos que ainda não</p>
--	--	---

		<p>conseguiram atingir. Portanto a planificação depende sempre dos resultados que nós obtivermos;" (DL – pp.3-4-5-6-7)</p> <p>“Eu faço uma planificação semanal e essa planificação semanal vai orientar-me no meu trabalho, claro que é muito mais fácil. Faço a planificação semanal, à segunda feira coloco-a lá e eu já tenho à partida quais são os temas que quero abordar os objetivos que quero atingir, as atividades/estratégias que vou utilizar para atingir aqueles objetivos; é um trabalho mais orientado mais organizado, é muito mais fácil do que na hora a gente estar a pensar o que vai fazer... as planificações vão facilitar no fundo o trabalho do dia a dia da educadora porque tu tens uma planificação e podes prever com antecedência quais são os materiais que vais necessitar...na planificação temos objetivos e tu vais tendo sempre em atenção, quais são os objetivos que planifiquei e então tu vais vendo fazendo uma observação direta e vais tomando nota como é que cada criança reagiu, logo vai haver um controlo do processo aprendizagem de cada criança...considero importante avaliar todas aquelas atividades todos os objetivos que eu me propus na planificação, não é? Porque nas planificações estão todas as áreas que são abrangidas pelas orientações curriculares...” (L – p.1-2-4)</p>
	<p>PAPEL DAS ORIENTAÇÕES CURRICULARES</p>	<p>“...Estimular todo o desenvolvimento global respeitando as suas características individuais, ou seja, tendo como base as orientações curriculares.” (SL – p.5)</p> <p>“...a nível de metodologias nós avaliamos e vamos de encontro às orientações curriculares e temos a área de formação pessoal e social, a área do conhecimento do mundo e a área das expressões. Nós fazemos de acordo com as orientações curriculares e definimos depois em cada subárea os objetivos que estão definidos nas orientações.” (A – p.3)</p>

		<p>“Baseio-me primeiro nas orientações curriculares porque apesar de tudo o que já tenha saído é o mais completo e que nos ajuda desde o meu tempo de curso...”(S – p.2)</p> <p>“em primeiro baseamo-nos nas áreas de conteúdo...temos que nos orientar pelas orientações curriculares que é o que temos para avaliarmos.” (F- pp.2-3)</p> <p>“...os objetivos tudo é relacionado pelas orientações curriculares.” (D – p.2)</p> <p>“...baseamo-nos nas áreas que vêm nas orientações curriculares, acho que a partir dessas áreas todas...planificamos a partir daí.”(AS – p.2)</p> <p>“Nós baseamo-nos sempre ao fazer o nosso currículo, temos sempre por base as orientações curriculares onde estão definidas as áreas que devem ser trabalhadas, a nível da linguagem, da motricidade, o domínio da matemática, das expressões, expressão motora, expressão dramática, expressão musical e nós ao elaborarmos o nosso currículo temos sempre por base todas essas áreas, também a área do conhecimento do mundo e todos os conteúdos que eu defino e penso que as minhas colegas devem fazer o mesmo, têm sempre por base essas teorias curriculares de modo a abranger todas essas áreas...são sempre consideradas todas as áreas curriculares para qualquer tema que seja trabalhado.” (DL – pp.2-3)</p> <p>“no currículo vamos ter em atenção todas as áreas das orientações curriculares e então a gente sabe o que nos falta atingir, o que é que já atingimos.(L – p.2)</p>
--	--	---

<p style="text-align: center;">3) AVALIAÇÃO</p>	<p style="text-align: center;">TIPOS DE AVALIAÇÃO</p>	<p>“É assim para avaliar...se a criança atingiu ou não...pronto...faço uma avaliação trimestral inicial, faço uma avaliação quando a criança vem para o jardim... a avaliação que fazemos acaba por ser uma ficha trimestral com uma série de itens que valorizam a identidade e a autonomia...à sempre uma avaliação constante apesar de durante o ano ser um bocadinho mais diária...”(SL – pp.3-4)</p> <p>“...será uma avaliação global que se faz...uma observação direta...”(A – pp.3-4)</p> <p>“Avaliação diagnóstica ou precoce também podemos fazer, dependendo do grupo que temos...Primeiro é a avaliação direta, os registos, os trabalhos, o livro de atividades...” (S – p.4)</p> <p>“...nós temos que ter uma avaliação direta que é com o que lidamos é o que temos logo...nós fazemos a avaliação trimestral. Eu, para mim em alguns sentidos, num tipo de atividade eu faço uma avaliação mais diária, depende da situação e do desenvolvimento de cada criança porque é assim...para uma atividade há uma criança que atingiu aqueles objetivos com uma primeira explicação há outra que não, tem que ser uma série de dias por exemplo a tratar o mesmo tema senão eles não conseguem atingir. Portanto para mim já tenho que fazer uma avaliação mais diária, semanal até conseguir atingir aquele objetivo que foi proposto, a outra avaliação é uma avaliação mais no geral, mais no grupo...” (F – pp.3-4)</p> <p>“Observação, principalmente observação...costumamos observar depois fazemos fichas pedagógicas.” (D – p.5)</p> <p>“estamos sempre a avaliar a criança, diariamente...a avaliação é um bocadinho feita todos os dias, ao observarmos a criança e ao estarmos com ela todos os dias apercebemo-nos de coisas que ela...ou de competências ou de objetivos que ela adquire e podem</p>
---	---	--

		<p>acontecer diariamente, hoje atingir uma coisa amanhã atingir outra...o que faço na sala com as crianças serve-me como um meio de avaliação das crianças apesar de não ser um registo escrito mas utilizo no preenchimento da ficha de avaliação dele.”(AS – pp.3-4-5)</p> <p>“...faço sempre observação direta...portanto é uma avaliação contínua que é feita praticamente diariamente e é registada em fichas de observação, cadernos...uma avaliação diagnóstica no início do ano e depois ao longo do ano uma avaliação formativa e sempre depois uma avaliação final.” (DL – pp.5-7)</p> <p>“Faço os pdi’s todos os dias, tenho um caderno onde anoto e avalio todas as atividades que faço todos os dias...observação direta, temos os registos que fazemos das atividades, temos as fichas que organizo para cada criança.” (L – pp.4-6)</p>
	<p>INSTRUMENTOS UTILIZADOS</p>	<p>“Temos uma ficha de diagnóstico no princípio do ano para ver se a criança tem adquirido determinadas competências, a partir daí mediante o projeto que nós estabelecemos para a sala tentamos colmatar as falhas e faze-las evoluir... Além da observação direta...fichas que são feitas para esse efeito, fichas ou outro tipo de atividade seja pintura, música...” (SL – p.5)</p> <p>“As fichas; as fichas que são feitas e que depois são registadas através da observação feita às crianças... também temos fichas de livros adaptadas à idade das crianças...são livros que adotamos cada ano e há vários que têm definidas as fichas para fazer a avaliação e em termos de objetivos adaptam-se também a cada idade.”(A – p.5)</p> <p>“Tenho as fichas de avaliação dos miúdos de 3 em 3 meses, tenho também a ficha curricular da avaliação da atividade onde temos as estratégias, além da planificação</p>

		<p>também temos a ficha curricular da atividade onde foi feita, às vezes pode ser feita no exterior, como é que foi feita, o grupo estava todo, quais os materiais, se for uma história também temos o suporte da história, depende da atividade que fazamos...primeiro tenho a criança, tenho-me a mim que somos os mais importantes e depois temos a sala que às vezes esquecemo-nos da sala...eu acho que a sala é um bom instrumento de avaliação para mim e para vocês que cá entram porque nós avaliamos um bocadinho pelas experiências... tenho a avaliação deles, a avaliação do livro de fichas e também temos o dossier da escola e a avaliação do comportamento deles também é muito importante o brincar...” (S – pp.6-8-9)</p> <p>“...fazemos registos das atividades, eles fazem o registo eu complemento, fazemos registo fotográfico e depois no final de cada período faço uma avaliação através de uma ficha...a observação diária, registos feitos por eles com acompanhamento, a parte escrita é sempre para ajudar, registos fotográficos... uso a observação, todo o material que existe na sala, tudo o que é falado, tudo o que é registado no registo que é para guardar, numa abordagem global do que foi...registo individual porque têm sempre trabalhos individuais, fichas, além do livro de atividades...”(F – pp.4-5-7)</p> <p>“Avalio através de canções, histórias, mandar a criança cantar uma canção, contar uma história, a nível de fichas, a nível de grafismos para ver a sua capacidade gráfica e manual também, o desenvolvimento óculo-manual...fazemos os registos, temos as fichas, às vezes filmagens, vídeos, fotografias também fazemos muitos registos da avaliação e expomos para os pais verem...”(D – pp.4-5-6)</p> <p>“Falei nas fichas, registo do desenho, desenho livre, desenhos orientados, a observação do dia a dia...” (AS – p.6)</p> <p>“A ficha de diagnóstico, a observação direta das</p>
--	--	---

		<p>crianças, os registos, os registos que faço quando observo as crianças...jogos, as atividades que se desenvolvem com elas, também as fichas individuais que elas fazem..."(DL – p.8)</p> <p>“tiramos também fotografias fazemos o registo fotográfico e anotamos, tiramos apontamentos, notas sobre o comportamento da criança em determinadas atividades...tenho as fichas, tenho registos que cada criança faz das atividades realizadas, observação direta, pronto, no fundo é isso, tenho os meus apontamentos...que me valem de muito, nós estamos a avaliar diários se tu não vais tirar umas notas depois acabas até por te esqueceres do comportamento daquela criança perante uma atividade e se acabas de fazer a atividade e no final te sentares ali e tomares umas notitas é fácil depois a avaliar.” (L-pp.4-8)</p>
	<p>OBJETIVOS</p>	<p>“ajuda-nos a estruturar a nossa prática pedagógica para com as crianças, ajuda-nos a estruturar o nosso dia a dia, a nossa rotina diária, ajuda a estruturar o pensamento da criança...no final de contas a desenvolver de uma forma estruturada todas as aprendizagens que nós queremos transmitir.” (SL – p.5)</p> <p>“nós ao fazermos a avaliação conseguimos definir se a criança alcançou ou aprendeu os objetivos ou não, se a criança não tem aqueles alcançados então vamos novamente trabalhar, insistir para alcançar e conseguir definir os objetivos.” (A – p.4).</p> <p>“Os objetivos que quero alcançar...primeiro é a aprendizagem, é ter a certeza de que ela não tem dificuldades naquilo que tentei transmitir e temos 10 crianças em que 5 aprenderam as coisas de uma maneira e 5 compreenderam de outra, mesmo que a tenha feito às 10 da mesma maneira e isso é também para nós satisfatório sabendo que vamos chegar a todos, todos</p>

		<p>conseguiram atingir os objetivos que eu tinha estipulado...então a avaliação serve para...naquele dia não correu tão bem e houve 2 crianças que não conseguiram e então eu vou ter que fazer para os 25 de uma maneira totalmente diferente mesmo que os 22 tenham conseguido da maneira que anteriormente lhes tentei transmitir...chego à conclusão que o método utilizado não foi o melhor...” (S – p.7)</p> <p>“faz-nos ver o que nós pensamos seria a melhor forma de trabalhar, se realmente foi a melhor ou não. Faz-nos refletir sobre o trabalho que fizemos, que planeámos e além disso tentar procurar mesmo outras atividades e outros processos para se poderem concretizar...também para sabermos se eles conseguem ou não atingir os objetivos.” (F – pp.6-7)</p> <p>“na avaliação colocamos determinados itens que pretendemos que a criança alcance e depois vamos ver e às vezes é um bocadinho complicado a criança com determinada idade conseguir...para ver o desenvolvimento global da criança e até para os pais que gostam de ver as fichas de avaliação dos meninos...vamos ver até que ponto a criança atingiu aquele objetivo que nós pretendíamos e se por acaso ainda não conseguiu atingir por exemplo as cores, temos um exercício para ver se a criança já sabe as cores, se por acaso vimos que a criança não sabe temos que voltar atrás e fazer nova planificação com outras atividades de modo que ela alcance esse objetivo que é o de aprender as cores.” (D – p.3-4-6)</p> <p>“acho que essencialmente é perceber se aquilo que nós planeamos, os objetivos que nós planeamos e as competências foram alcançadas, principalmente é isso...é para conseguirmos perceber se aquilo que nós pretendíamos transmitir foi alcançado...conseguir perceber se nós conseguimos ensinar o que nós pretendíamos e se as crianças conseguiam aprender isso mesmo.” (AS – p.5)</p>
--	--	---

		<p>“saber as necessidades que cada criança tem para depois eu poder planificar, eu poder fazer o projeto ao longo do ano, para poder planificar os objetivos e as atividades/estratégias...ajuda no processo ensino-aprendizagem porque através dela vamos conseguir ver se os resultados obtidos foram atingidos ou não, se os resultados obtidos atingiram os objetivos a que nos propusemos...dá-nos a conhecer a evolução da criança, se ela está a evoluir, em quais áreas está a evoluir, quais as áreas em que tem mais necessidades...conseguimos ver se a criança está a ter uma evolução e conseguimos ver quais são as dificuldades da criança, o que nos vai permitir conhecer melhor a criança.” (DL – p.8)</p> <p>“ao estar a avaliar se eu estou a ver que alguma coisa não está a correr bem logicamente que sou a primeira a dizer que tenho de alterar aqui alguma coisa, não é? Quando se avalia, se é uma avaliação positiva é porque está de acordo e as crianças estão a assimilar bem o que lhes estou a transmitir e estão a atingir os objetivos a que me propus, de contrário tenho de ver onde está o problema e remodelar...ao fazeres uma avaliação tu tens uma visão muito clara acerca do desenvolvimento de cada criança, quais são as competências onde ela tem mais facilidade e mais dificuldade.” (L – pp.6-7)</p>
--	--	--

		<p>“...É a jogar que a criança aprende...portanto é fundamental que a criança e nós como educadoras termos essa facilidade, ajudar a criança a aprender mas de uma forma lúdica, portanto, alertar os pais e fazer entender aos pais que as crianças estão connosco até à idade de 5 anos mas que as aprendizagens que fazem no jardim de uma forma lúdica são aquelas que lhes vão ficar como base para o resto da vida, há que valorizar esses tipos de aprendizagens e a colaboração dos pais e entender que o jardim de infância e a função da educadora é promoverem a educação da criança e promover a aprendizagem da criança...” (SL – p.6)</p> <p>“O jogar é interessante porque é através do jogar que eles desenvolvem imensas capacidades...as aprendem através da brincadeira e nós devemos explorar isso; num jogo de bola podemos explorar a contagem, podemos explorar a socialização entre crianças...quando estão na brincadeira podemos aproveitar e explorar várias competências, vários temas mas claro que tem que haver um trabalho que está definido que está planificado” (A – p.5)</p> <p>“eles principalmente nascem a jogar e continuam a fazer-lo porque o jogar não é pegarmos numa bola e...estamos a jogar à bola, é um jogo estão sentados a fazer um jogo e o jogo simbólico também é muito importante na cozinha, no hotel eles imitam os papéis da mãe, do pai, imitam-nos a nós...estão a jogar... Eu acho que o jogo desenvolve a criança em todas as suas capacidades mentais, efetivas, físicas, tem muitas vertentes...” (S – p.9)</p> <p>“Brincar ajuda a aprender. Nós aprendemos a brincar e muitos adultos também deveriam aprender a brincar não só as crianças; nós arranjam jogos para tudo e mais alguma coisa mas com a finalidade de ensinar, de aprenderem alguma coisa com isso...os jogos de separar, de agrupar eles fazem...é um jogo e esses pais têm que pensar que o agrupar, o fazer conjuntos de cores, de tamanhos...que está que eles estão a aprender matemática, saberem as cores; na linguagem, desenvolvem a linguagem, eles vão falando, Sabem os tamanhos, sabem as diferenças, as semelhanças, portanto é bom aprender com o jogo porque se aprende não é só o</p>
--	--	--

<p style="text-align: center;">5) IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO</p>	<p style="text-align: center;">PERTINÊNCIA DA FORMAÇÃO INICIAL</p>	<p>“É muito diferente...isto desde que se começa a trabalhar até que se chega...no meu caso, a 12 anos de trabalho nota-se há uma diferença muito grande da nossa prática pedagógica.” (SL- p.6)</p> <p>“já saí com a licenciatura. Eu acho que é assim...claro que a gente sai e traz um conjunto de conhecimentos que depois queremos aplicar e ensinar às crianças...não são suficientes para trabalhar hoje em dia com as crianças, se não nos formos atualizando se não formos frequentando ações de formação acho que não...” (A – p.6)</p> <p>“ Numa palavra: insuficiente. A minha formação inicial acho que foi muito insuficiente, teve muita teoria, que tu chegas aqui a trabalhar aquela teoria e não nos diz nada...” (S – p10)</p> <p>“Gostei do bacharelato, foi tudo novidade por assim dizer, na altura. Não saí preparada para trabalhar porque o estágio não foi suficiente, não tive uma preparação adequada para enfrentar uma sala com crianças, a meu ver não foi...tirei a licenciatura ajudou, também ajudou, só que é assim, não sei se é uma falha minha ou do ensino, mas nós temos que trabalhar muito com prática e dão-nos muita teoria e é a prática que nos faz falta porque cada criança é diferente da outra...” (F – p.8)</p> <p>“Eu tirei o bacharelato mas acho que devíamos ter sempre formação contínua...” (D – p.8)</p> <p>“Não, não saímos bem preparadas, uma coisa é nós estarmos lá pedirem-te determinadas coisas e outra coisa é nós chegarmos a uma sala com 25 crianças e estão ao teu encargo, desenrascas-te por assim dizer...não, acho que não estamos; acho que precisaríamos de mais prática mais orientação, achei que havia muita teoria e se calhar, não sei, a meu ver estarei a dizer alguma barbaridade mas é assim...a teoria faz falta</p>
---	--	---

		<p>realmente, mas se calhar outra que não faria tanta falta e que fariam falta cadeiras nem que até fossem teóricas, teóricas/práticas que nos orientassem de outra forma, que nos preparasse melhor para o dia a dia, sei lá...falo por mim, a preparação de fichas, ninguém nos orientou, ninguém nos preparou tipo “fazer assim fazer assado”, é assim.” (AS – p.7)</p> <p>“Eu considero que fui uma pessoa com muita sorte. Quando acabei o bacharelato acho que eu saí bem preparada porque tive a sorte de ter professores em algumas áreas, em algumas disciplinas que foram professores adequados para nos prepararem para o trabalho no jardim de infância, outra sorte tiveram outras colegas porque não foram os mesmos professores, eu falo da minha escola o IPG, por exemplo a nível da matemática, tive um professor espetacular, exemplar, em que a matemática era mesmo a matemática adaptada para o jardim de infância...tínhamos que nos organizar em grupos e tínhamos que preparar atividades onde estivessem os conteúdos de matemática para desenvolvermos com as crianças, quer ao nível do estágio, na sala de aula, por isso acho que fui uma pessoa que tive muita sorte. O mesmo não puderam dizer as minhas colegas que entraram antes de mim e depois de mim porque esses professores que se reformaram...saímos com bastante teoria mas também houve a capacidade de adaptar essa teoria à prática.” (DL – p.11)</p> <p>“Eu não tive assim grande sorte com o meu curso de educadora de infância, julgo que já aprendi mais com a experiência que tenho...saí com o bacharelato e fiz, tirei a licenciatura já depois mas vendo o que hoje faço com as crianças e a facilidade com que planifico e com que lido com o grupo eu vejo que é muito diferente de quando saí do Instituto. Era muita teoria e pouca prática e depois as educadoras que estavam na prática pedagógica connosco estavam as duas de bebé, faltavam muito e também não houve ali muita ajuda, muita orientação...” (L – P.9-10)</p>
--	--	---

	<p style="text-align: center;">NECESSIDADE DE FORMAÇÃO CONTÍNUA</p>	<p>“...temos que adequar e estar mais atentas a tudo o que sai e à formação contínua que é necessário haver porque as crianças de hoje exigem muito mais de nós, exigem outro tipo de competências, outro tipo de objetos de ensino e meios que eles têm a nível de meio familiar que eles têm e que é mais exigente para nós e por isso exige que o educador esteja em constante aprendizagem...Havia de ser mais porque as crianças estão numa capacidade...pronto...são seres que querem mais, mais e nós temos que estar em constante formação porque temos que os acompanhar.” (SL – p.6-7)</p> <p>“...temos que acompanhar a evolução da sociedade e se nós não procurarmos a formação e não nos mantivermos atualizadas não conseguimos acompanhá-los...acho muito positiva e acho que deve ser feita, temos sempre que possível frequentar e fazer ações de formação porque acho que é para nos valorizar o trabalho para acompanharmos as crianças indo de encontro à evolução. Hoje em dia as crianças exigem mais e mostram-nos que têm mais conhecimentos; lidam muito com a parte da informática e se nós não evoluirmos não os acompanhamos...as crianças querem sempre respostas para tudo e daí o ser muito importante irmos atualizando os nossos conhecimentos e frequentar as ações de formação.” (A – p.6)</p> <p>“acho que é muito importante, embora às vezes seja um bocadinho complicado para nós fazê-la; ou a fazemos nós e tentamos cada vez mais explorar e tentar aprender porque nós não sabemos tudo, não é? Temos que estar sempre a aprender...estamos inacabadas por isso acho que é muito complicado no aspeto que primeiro à pouca formação, os sindicatos mandam formação mas ou são formações da treta só para juntar gente e para dizerem que o sindicato organizou...mas devia de haver mais formação” (S – p.10)</p> <p>“temos sempre coisas novas para aprender as</p>
--	--	--

	<p>crianças e nós e elas são diferentes e nós também temos que mudar e adequarmo-nos às novas situações e por isso a necessidade que eu tive, ninguém me obrigou, mas eu fui tirar uma licenciatura. A formação...não pode, às vezes não temos facilidade de ir à formação que queremos porque são em horas laborais, e é muito difícil estar a faltar e a participar nessas atividades...é assim...deveríamos ter mais...nós temos que ter um conhecimento que até temos com a prática mas cada caso é um caso e se tivesse formação nesse sentido ia ajudar bastante.” (F – p.9-10)</p> <p>“Eu acho que é sempre importante porque aprendemos sempre novas técnicas para desenvolvermos com as crianças, novas estratégias e como estamos numa sociedade mais problemática mais exigente e acho que nos ajuda no nosso dia a dia e pode-nos aparecer um caso de uma criança com um problema e se calhar nós antigamente não ouvíamos falar nesse problema...” (D – p.8)</p> <p>“acho que é muito importante, sou sincera, porque acho que há determinados assuntos que nós devemos estar sempre em atualização...sinto muita curiosidade e acho que não há formação, há muito pouca.” (AS – p.7-8)</p> <p>“A formação contínua é muito importante que é para nós estarmos sempre atualizadas, ainda mais agora que temos a parte da informática, a net, aliás os miúdos são uma caixinha de surpresas que eles cada vez mais curiosos e muitas vezes a gente tenta responder com respostas simples para a idade deles mas eles estão sempre a questionar o porquê...há muitas crianças que hoje chegam ao jardim e que já trazem muita informação de casa ou pelos pais ou pelos programas que vêm na televisão ou até por jogos que eles têm ou irmãos mais velhos, mas na minha opinião acho que a educadora deve dar uma resposta o mais simples... é sempre importante ter formação contínua...eu gostaria de fazer mais, mas o particular não é o oficial...e agora que a formação é toda a pagar, não é? É muito complicado, nem sempre há</p>
--	--

		<p>disponibilidade a formação cada vez a nível monetário, fica mais dispendiosa e nem sempre há disponibilidade, mas procuro estar sempre informada, faço investigação, compro jogos, livros sempre de acordo...tento ter sempre a nível de livros e de jogos, tento ter sempre uma base para trabalhar com os miúdos, trazer sempre para a sala ou então quando não há esse material também fazer o material em conjunto com as crianças..." (DL – pp.12-13)</p> <p>“É sempre importante a gente estar a par das inovações feitas em qualquer área...” (L –p.10)</p>
--	--	---